



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO EM HISTÓRIA E CONEXÕES ATLÂNTICAS: CULTURAS E PODERES

**CORPOS DE BARRO: ANÁLISE DAS ESTATUETAS ANTROPOMORFAS E
ANTROPOZOOMORFAS DAS ESTEARIAS SOB A ÓTICA DA FABRICAÇÃO DO
CORPO**

**SÃO LUÍS - MA
2026**

RAYANA CRISTINA ARAUJO CAMPOS DINIZ

**CORPOS DE BARRO: ANÁLISE DAS ESTATUETAS ANTROPOMORFAS E
ANTROPOZOOMORFAS DAS ESTEARIAS SOB A ÓTICA DA FABRICAÇÃO DO
CORPO**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Maranhão, como exigência para a obtenção do Grau de Mestre. Área de Concentração: História e Conexões Atlânticas: Culturas e Poderes.

Linha de Pesquisa: Linguagens, Religiosidades e Culturas.

Orientador: Prof. Dr. Alexandre Guida Navarro

**SÃO LUÍS - MA
2026**

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Diniz, Rayana Cristina Araujo Campos.

Corpos de Barro: Análise das estatuetas antropomorfas e antropozoomorfas das estearias sob a ótica da Fabricação do Corpo / Rayana Cristina Araujo Campos Diniz. - 2026. 199 f.

Orientador(a): Alexandre Guida Navarro.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em História/cch, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2026.

1. Maranhão. 2. Arqueologia. 3. Estearias. 4. Estatuetas. 5. Fabricação do Corpo. I. Navarro, Alexandre Guida. II. Título.

RAYANA CRISTINA ARAUJO CAMPOS DINIZ

**CORPOS DE BARRO: ANÁLISE DAS ESTATUETAS ANTROPOMORFAS E
ANTROPOZOOMORFAS DAS ESTEARIAS SOB A ÓTICA DA FABRICAÇÃO DO
CORPO**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Maranhão, como exigência para a obtenção do Grau de Mestre. Área de Concentração: História e Conexões Atlânticas: Culturas e Poderes.

Linha de Pesquisa: Linguagens, Religiosidades e Culturas.

Orientador: Prof. Dr. Alexandre Guida Navarro

Aprovada em 30 /07/2026

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Alexandre Guida Navarro - Orientador (PPGHis/UFMA)

Profa. Dra. Mariana Zanchetta Otaviano - Examinador(a) externo (IPHAN)

Profa. Dra. Patrícia Carla de Melo Martins - Examinador(a) interno (PPGHis/UFMA)

O Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Federal do Maranhão, certifica que esta é a versão final do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para a obtenção do título de Mestre em História e Conexões Atlânticas: Culturas e Poderes.

Prof. Dr. Alexandre Guida Navarro
Orientador – PPGHis UFMA

Prof. Dr. Ítalo Domingos Santirocchi
Coordenador do PPGHis UFMA

São Luís - MA
2026

AGRADECIMENTOS

A Deus e ao Universo, pelo extraordinário dom da vida e por me mostrar o caminho até as estearias e as estatuetas.

Ao meu marido, aos meus pais, à minha irmã, ao meu cunhado, à minha sogra e, agora, ao meu pequeno e amado sobrinho, José Vitor Câmara Diniz, por todo amor, carinho e apoio incondicionais. Amo vocês!

Ao meu orientador, Prof. Dr. Alexandre Guida Navarro, por acreditar no meu potencial, por fornecer os meios necessários para a pesquisa e por todo o apoio.

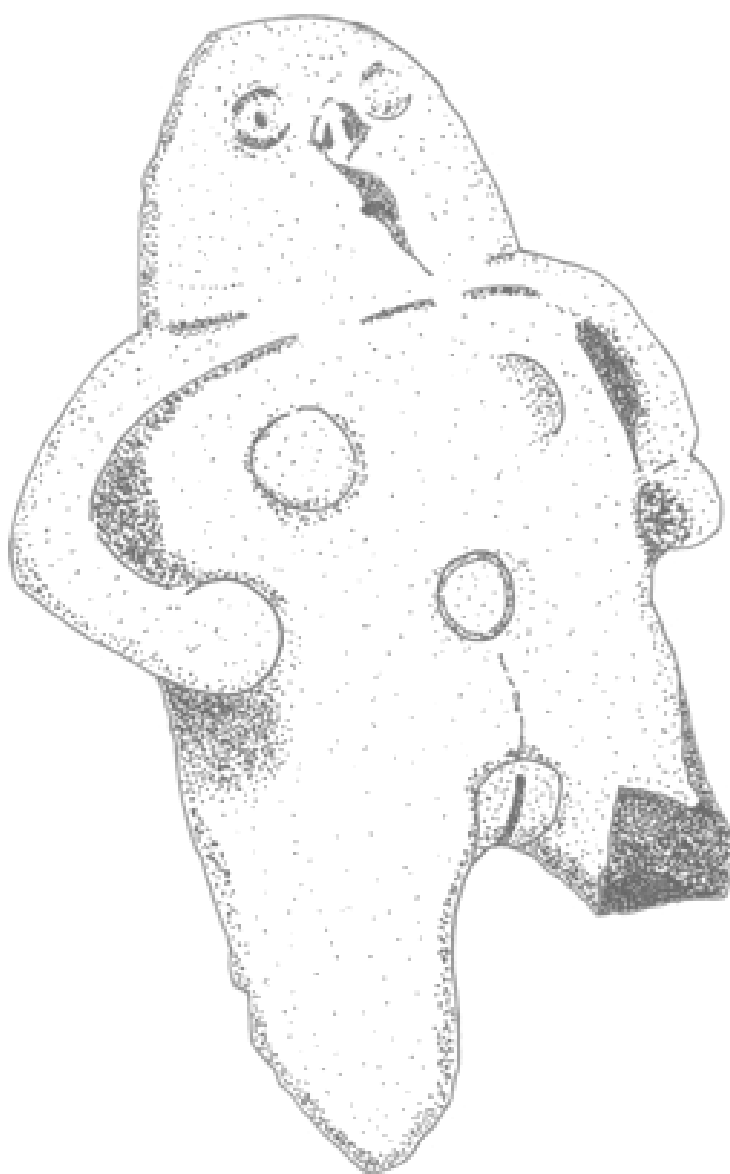
À equipe de profissionais do LARQ/UFMA, pelas conversas, indicações de leituras e por realizarem um trabalho de excelência no que tange à pesquisa histórica e arqueológica no estado do Maranhão.

Um agradecimento especial ao profissional de ciência e tecnologia Gilberson Campos Diniz, que, por acaso, é o meu marido, pelo desenvolvimento do aplicativo de análise das estatuetas; à Júlia Machado, pelos desenhos da estatueta CBL 0147; e ao Márcio Coeli, pela impressão dessa estatueta em formato 3D, o que tem possibilitado a divulgação da pesquisa.

Às professoras Dra. Mariana Zanchetta Otaviano e Dra. Patrícia Carla de Melo Martins, por aceitarem o convite para participarem da minha banca de qualificação e defesa e por todos os conselhos e orientações sobre como aprimorar o trabalho.

À Universidade Federal do Maranhão (UFMA) e ao corpo docente e discente do Programa de Pós-graduação em História (PPGHIS/UFMA), pelo incentivo à pesquisa.

E, por fim, a todos os colegas e amigos que contribuíram, direta ou indiretamente, para a fabricação desta dissertação. Obrigada!



“O que na ocasião se esculpe na carne humana é
uma imagem da sociedade”.
Mary Douglas (1966).

RESUMO

As estatuetas das estearias maranhenses são artefatos cerâmicos provenientes dos sítios arqueológicos de palafitas pré-coloniais localizados na região da antiga Baixada Maranhense, que se configuram como ocupações lacustres construídas sobre esteios de madeira — origem de seu nome —, datadas do início da era cristã até aproximadamente 1200 d.C.. As estatuetas analisadas são confecções em tamanho diminuto, apresentando características análogas aos elementos corporais dos seres humanos (antropomorfos) e de seres híbridos (antropozoomorfos), mesclando elementos humanos e animais, ou de outros seres místicos, sobrenaturais ou fantasiosos. A pesquisa buscou estudar esses artefatos como dotados de agência, de autonomia da sua base material, pensados, fabricados, adornados e concebidos como corpos. Dessa forma, partiu-se do entendimento que a cerâmica seria o meio de expressão visual e corporal dos povos das estearias e de que, assim como os seres humanos fabricam seus corpos cotidianamente, de forma isolada ou em coletividade, através de processos psicológicos, culturais, sociais e estéticos, imprimindo neles as marcas indeléveis dessas experiências, as estatuetas teriam sido produzidas com o intuito de refletir essa mesma lógica de fabricação, daí a necessidade de estudá-las a partir da categoria de “Fabricação do corpo”. Além disso, compreende-se que esses artefatos estão inseridos no universo cultural e simbólico das concepções amazônicas de corpo, possibilitando reflexões sobre as dinâmicas sociais, bem como sobre gênero entre essas sociedades. A metodologia foi quantitativa e qualitativa, utilizando-se da análise de material cerâmico por meio de fichas catalográficas digitais específicas para esse tipo de artefato, visando à identificação de elementos morfológicos, estilísticos e tecnológicos. Além disso, utilizou-se a revisão bibliográfica da rica literatura especializada sobre as estatuetas amazônicas, como as dos complexos arqueológicos de Santarém e da sociedade Marajoara, buscando identificar as semelhanças e diferenças nos modos de produção cerâmica e as possíveis dinâmicas de trocas culturais com os povos das estearias. A pesquisa insere-se em uma linha transdisciplinar entre a Arqueologia e a História, defendendo a premissa de que tudo que o ser humano produz, seja um texto ou o ato de modelar o barro, é uma fonte histórica legítima para a compreensão das sociedades.

Palavras-chave: Maranhão; Arqueologia; Estearias; Estatuetas; Fabricação do Corpo.

ABSTRACT

The figurines from the Maranhão stilt villages are ceramic artifacts originating from the archaeological sites of pre-colonial stilt settlements located in the ancient Baixada Maranhense region. These settlements are characterized as lacustrine occupations built on wooden stilts — the origin of their name — and date from the beginning of the Christian Era to approximately 1200 AD. The analyzed figurines are small-scale objects displaying characteristics analogous to the bodily features of human beings (anthropomorphic) and hybrid beings (anthropozoomorphic), blending human and animal elements, as well as other mystical, supernatural, or fantastical beings. This research sought to study these artifacts as objects endowed with agency and autonomy in their material basis, conceived, manufactured, adorned, and understood as bodies. Thus, the study was grounded in the understanding that ceramics constituted a means of visual and bodily expression for the peoples of the stilt villages and that, just as human beings shape their bodies daily, individually or collectively, through psychological, cultural, social, and aesthetic processes, imprinting upon them the indelible marks of these experiences, the figurines were likewise produced with the intention of reflecting this same logic of fabrication. Hence, the need to study them through the category of “Body Making”. Furthermore, these artifacts are understood as being embedded within the cultural and symbolic universe of Amazonian conceptions of the body, enabling reflections on social dynamics, as well as on gender within these societies. The methodology combined quantitative and qualitative approaches, employing the analysis of ceramic material through digital cataloging forms specifically designed for this type of artifact, aiming to identify morphological, stylistic, and technological elements. In addition, a bibliographical review of the extensive specialized literature on Amazonian figurines, such as those from the Santarém archaeological complexes and the Marajoara society, was conducted in order to identify similarities and differences in ceramic production methods, as well as possible dynamics of cultural exchange with the peoples of the stilt villages. This research is situated within a transdisciplinary framework between Archaeology and History, defending the premise that everything produced by human beings, whether a text or the act of shaping clay, constitutes a legitimate historical source for understanding societies.

Keywords: Maranhão; Archeology; Stilt villages; Statuettes; Body Making.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Inauguração do LARQ/UFMA.....	17
Figura 2: Mapa que mostra a localização das estearias do rio Turiaçu.....	18
Figura 3: Modelo hipotético de uma estearia.....	19
Figura 4: Fotografia de estatuetas antropomorfas das estearias e da vênus de Dolni Vestonice encontrada na República Tcheca.....	21
Figura 5: O Nascimento de Vênus (c. 1484–1486).....	23
Figura 6: Montagem de fotografias mostrando as estatuetas “vênus” na ordem em que estão citadas no texto.....	24
Figura 7: Montagem de fotos da cultura material Marajoara, Santarém e Tacarigua.....	25
Figura 8: Mapa com os municípios da bacia hidrográfica do rio Turiaçu.....	29
Figura 9: Mapa das estearias estudadas nesta pesquisa com os sítios arqueológicos destacados com círculos vermelhos.....	31
Figura 10: Mapeamento dos esteios das estearias.....	34
Figura 11: Estearia do Cabeludo na época da seca, ainda com lâmina de água.....	63
Figura 12: Estagiários fazendo a classificação tipológica inicial das peças.....	64
Figura 13: Estagiários fazendo análise das peças.....	64
Figura 14: Ficha de Análise de Material Cerâmico utilizada no LARQ/UFMA.....	66
Figura 15: Tela de entrada do aplicativo.....	69
Figura 16: Telas de aplicativo mostrando os critérios de análise.....	70
Figura 17: Fotografia da estatueta ARM 060.....	73
Figura 18: Fotografia da estatueta ARM 062.....	75
Figura 19: Fotografia da estatueta ARM 064.....	77
Figura 20: Fotografia da estatueta ARM 271.....	79
Figura 21: Fotografia da estatueta ARM 273.....	81
Figura 22: Fotografia da estatueta ARM 274.....	83
Figura 23: Fotografia da estatueta ARM1 375.....	85
Figura 24: Fotografia da estatueta ARM1 376.....	87
Figura 25: Fotografia da estatueta ARM1 377.....	89
Figura 26: Fotografia da estatueta ARM1 407.....	91
Figura 27: Fotografia da estatueta ARM1 0459.....	93
Figura 28: Fotografia da estatueta ARM 0546.....	95
Figura 29: Fotografia da estatueta ARM 0551.....	97
Figura 30: Fotografia da estatueta ARM 0821.....	99
Figura 31: Fotografia da estatueta ARM 3487.....	101
Figura 32: Fotografia da estatueta ARM 3512.....	103
Figura 33: Fotografia da estatueta ARM 3513.....	105
Figura 34: Fotografia da estatueta ARM 3524.....	107
Figura 35: Fotografia da estatueta ARM 3835.....	109
Figura 36: Fotografia da estatueta ARM 3762.....	111
Figura 37: Fotografia da estatueta ARM 3763.....	113

Figura 38: Fotografia da estatueta ARM 3836.....	115
Figura 39: Fotografia da estatueta ARM 3901.....	117
Figura 40: Fotografia da estatueta BR 0057.....	120
Figura 41: Fotografia da estatueta BR 0058.....	122
Figura 42: Fotografia da estatueta BR 0059.....	124
Figura 43: Fotografia da estatueta BR1 0093.....	126
Figura 44: Fotografia da estatueta BR1 0096.....	128
Figura 45: Fotografia da estatueta BR1 0097.....	130
Figura 46: Fotografia da estatueta BR1 0098.....	132
Figura 47: Fotografia da estatueta BR1 0101.....	134
Figura 48: Fotografia da estatueta CBL 0015.....	137
Figura 49: Fotografia da estatueta CBL 0104.....	139
Figura 50: Fotografia da estatueta CBL 0147.....	141
Figura 51: Desenhos da estatueta CBL 0147.....	143
Figura 52: Réplica 3D da estatueta CBL 0147.....	144
Figura 53: Fotografia da estatueta CAB 0001.....	146
Figura 54: Fotografia da estatueta CAB 0002.....	148
Figura 55: Fotografia da tela do aplicativo com a função gráfico.....	150
Figura 56: Vênus pudica (Afrodite pudica).....	154
Figura 57: Resumo das possibilidades interpretativas e reflexões para as estatuetas das estearias.....	170

LISTA DE TABELAS E QUADROS

Tabela 1 - Datações radiocarbônicas realizadas em esteios.....	32
Tabela 2 - Organização das estatuetas por sítio arqueológico.....	61
Tabela 3 - Organização das estatuetas por número de identificação.....	62
Quadro 1 - Ficha da estatueta ARM 060.....	72
Quadro 2 - Ficha da estatueta ARM 062.....	74
Quadro 3 - Ficha da estatueta ARM 064.....	76
Quadro 4 - Ficha da estatueta ARM 271.....	78
Quadro 5 - Ficha da estatueta ARM 273.....	80
Quadro 6 - Ficha da estatueta ARM 274.....	82
Quadro 7 - Ficha da estatueta ARM1 375.....	84
Quadro 8 - Ficha da estatueta ARM1 376.....	86
Quadro 9 - Ficha da estatueta ARM1 377.....	88
Quadro 10 - Ficha da estatueta ARM1 407.....	90
Quadro 11 - Ficha da estatueta ARM1 0459.....	92
Quadro 12 - Ficha da estatueta ARM 0546.....	94
Quadro 13: Ficha da estatueta ARM 0551.....	96
Quadro 14: Ficha da estatueta ARM 0821.....	98
Quadro 15: Ficha da estatueta ARM 3487.....	100
Quadro 16: Ficha da estatueta ARM 3512.....	102
Quadro 17: Ficha da estatueta ARM 3513.....	104
Quadro 18 - Ficha da estatueta ARM 3524.....	106
Quadro 19: Ficha da estatueta ARM 3835.....	108
Quadro 20: Ficha da estatueta ARM 3762.....	110
Quadro 21: Ficha da estatueta ARM 3763.....	112
Quadro 22: Ficha da estatueta ARM 3836.....	114
Quadro 23 - Ficha da estatueta ARM 3901.....	116
Quadro 24: Ficha da estatueta BR 0057.....	119
Quadro 25 - Ficha da estatueta BR 0058.....	121
Quadro 26 - Ficha da estatueta BR 0059.....	123
Quadro 27 - Ficha da estatueta BR1 0093.....	125
Quadro 28 - Ficha da estatueta BR1 0096.....	127
Quadro 29 - Ficha da estatueta BR1 0097.....	129
Quadro 30 - Ficha da estatueta BR1 0098.....	131
Quadro 31 - Ficha da estatueta BR1 0101.....	133
Quadro 32 - Ficha da estatueta CBL 0015.....	136
Quadro 33 - Ficha da estatueta CBL 0104.....	138
Quadro 34 - Ficha da estatueta CBL 0147.....	140
Quadro 35 - Ficha da estatueta CAB 0001.....	145
Quadro 36 - Ficha da estatueta CAB 0002.....	147

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

APA	Área de Proteção Ambiental
CODEVASF	Companhia de Desenvolvimento dos Vales do Rio São Francisco e do Parnaíba
CPHNAMA	Centro de Pesquisa de História Natural e Arqueologia do Maranhão
CRH	Caderno da Região Hidrográfica
DEHIS	Departamento de História
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
LARQ	Laboratório de Arqueologia
LGBTQIAPN+	Lebiscas, Gays, Bissexuais, Transgêneros (incluindo Travestis), Queer, Intersexuais, Assexuais (incluindo Agênero e Arromânticos), Pansexuais, Não-Binários e demais identidades
OIT	Organização Internacional do Trabalho
ONU	Organização das Nações Unidas
PPGHis	Programa de Pós-graduação em História
TIs	Terras Indígenas
UC	Unidade de Conservação
UFMA	Universidade Federal do Maranhão

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
SEÇÃO I - A BAIXADA MARANHENSE E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A HISTÓRIA DO MARANHÃO	9
1.1 A Baixada Antiga	25
1.2 Conexões na bacia hidrográfica do rio Turiaçu	29
SEÇÃO II - “LEMBRA-TE DE QUE ME MOLDASTE COMO BARRO”: BASES TEÓRICAS DOS CORPOS CERÂMICOS	36
2.1 Contribuições das histórias globais e conectadas	36
2.2 Contribuições da História e da Arqueologia para os estudos do corpo e de gênero	41
2.2.1 <i>Olhar etnológico e olhar dissidente: contribuições do Perspectivismo Ameríndio e dos estudos Queer</i>	48
2.2.2 <i>Tecnologias Ancestrais: O que significa “fabricação do corpo”?</i>	55
2.2.3 <i>Sobre o conceito de Representação</i>	58
SEÇÃO III - CORPO-TERRITÓRIO NA BAIXADA MARANHENSE: ESTUDO ARQUEOLÓGICO DAS ESTATUETAS DAS ESTEARIAS	61
3.1 O trabalho do LARQ/UFMA	62
3.1.1 <i>As estatuetas do Armíndio</i>	70
3.1.2 <i>As estatuetas do Boca do Rio</i>	117
3.1.3 <i>As estatuetas do Cabeludo</i>	133
3.1.4 <i>As estatuetas do Caboclo</i>	141
3.2 As principais hipóteses sobre as estatuetas	146
3.2.1 <i>As estatuetas “Vênus” e as representações da fertilidade e da maternidade</i>	149
3.2.2 <i>A fabricação dos corpos nos complexos Santarém e Marajoara</i>	153
3.2.3 <i>Possibilidades interpretativas e reflexões para as estatuetas das estearias</i>	159
CONSIDERAÇÕES FINAIS	168
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	171
APÊNDICE A - Ficha de análise gerada pelo aplicativo em formato PDF (Frente)	178
APÊNDICE B - Ficha de análise gerada pelo aplicativo em formato PDF (Verso)	179
ANEXO A - Ficha de Análise de Material Cerâmico utilizada no LARQ/UFMA (Frente).	180
ANEXO B - Ficha de Análise de Material Cerâmico utilizada no LARQ/UFMA (Verso).	181

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa foi produzida por uma mulher brasileira, maranhense e baixadeira¹, nascida e criada no município de Pinheiro, próximo ao rio Pericumã, que, aos 19 anos, no primeiro semestre da graduação em licenciatura em História, conheceu a pesquisa acadêmica sobre as estearias maranhenses realizada pelo Laboratório de Arqueologia da Universidade Federal do Maranhão (LARQ/UFMA).

As estearias são sítios arqueológicos de palafitas pré-coloniais, datadas do início da era cristã ao ano de 1200 d.C., que usam dos esteios de madeira para a sua sustentação, daí a origem de seu nome. O geógrafo maranhense Raimundo Lopes (1894 - 1941) foi o primeiro a ter contato com esse modo de assentamento e as definiu como a “Civilização Lacustre do Maranhão”. Ao usar essa nomenclatura, Lopes (1924) reconheceu a complexidade cultural e tecnológica dessas sociedades indígenas, atestada pela elaborada cultura material produzida, pelo tamanho e configuração dos sítios arqueológicos.

Parte dessa cultura material é objeto de estudo desta pesquisa e dizer que não está diretamente relacionada ao lugar social da pesquisadora, uma mulher da Baixada Maranhense, e às experiências sociais vivenciadas por ela nessa espacialidade, seria incorrer em um erro crasso, pois como afirma Certeau (2011) toda pesquisa está articulada com o lugar de reprodução socioeconômica, política e cultural, sendo submetida aos fatores externos que definem o lugar social dos pesquisadores.

A pesquisa sobre as estearias possibilitou não somente a conexão com o ambiente acadêmico proporcionado pelo ensino superior em uma universidade pública, mas com a ancestralidade que permeia o espaço da Baixada Maranhense e que, outrora, lhe era desconhecida. Esta é a justificativa precípua desta pesquisa.

Ademais, ao entrar em contato com as estatuetas da coleção LARQ/UFMA – pequenas figuras confeccionadas em argila que apresentam a fabricação de elementos semelhantes ao corpo humano (antropomorfo), aos corpos de animais (zoomorfo) e aos corpos híbridos (antropozoomorfos), isto é, que mesclam elementos dos dois primeiros – surgiu o interesse em compreender por qual motivo elas haviam sido produzidas, pois ao contrário dos vasilhames, cuja função se revela de forma quase imediata ao primeiro olhar, tais estatuetas não apresentam um significado prontamente evidente, sendo portanto, incógnitas.

¹O termo refere-se às pessoas que moram nos municípios da Baixada Maranhense, identificam-se com a cultura da região e tem orgulho de suas origens.

O interesse em compreender os motivos de sua produção ensejou a construção do trabalho de conclusão de curso da graduação que buscou analisar 8 estatuetas, sendo 7 antropomorfas e 1 antropozoomorfa, através da questão-problema: “Por qual motivo as mulheres, produtoras de cerâmica, estariam fabricando a figura feminina nas estatuetas?” Baseada na evidência etnográfica de que seriam as mulheres as responsáveis pelas atividades de agricultura e indústria cerâmica em sociedades indígenas, passando essa atividade em uma longa rede geracional entre as mulheres:

Entre os Hidatsa [...] apenas as mulheres que tivessem herdado o direito de praticá-la de outras mulheres podiam fazê-lo. Um direito que costumava passar de mãe para filha, mas também podia ser herdado da irmã do pai, que por sua vez o tinha herdado de uma terceira mulher, e assim, por diante, numa linha que ia até uma V ancestral remota, que teria recebido esse direito das serpentes (Lévi-Strauss, 1984. p. 42).

A predominância de mulheres como oleiras em sociedades indígenas poderia ter como explicação a ligação simbólica entre o vaso e a mulher sugerida por Lévi-Strauss (1988; 1985): “Cabe à mulher a cerâmica, pois a argila de que são feitos os potes é fêmea como a terra e, em outras palavras, tem alma de mulher” (Lévi-Strauss, 1985. p. 34). Segundo Budja (2016) essa relação simbólica apareceria entre os indígenas Jibaro no Equador que acreditam que o pote é uma mulher, e entre os indígenas Desana na Colômbia e no Brasil que acreditam que o corpo da mulher é uma panela de cozinhar.

No que diz respeito às crônicas coloniais produzidas no contexto das invasões francesas na América Portuguesa, o padre capuchinho Claude D’Abbeville em “História da missão dos padres Capuchinhos na Ilha do Maranhão e suas circunvizinhanças (1614)”, evidencia a indústria cerâmica como uma atividade realizada pelas mulheres:

As mulheres fabricam também muitos vasilhames de barro de todos os formatos, ovais ou quadrados; uns semelhantes a vasos, outros a pratos, outros de feitio de terrinas, todos muito lisos e polidos, principalmente por dentro. Empregam certas resinas brancas e negras para vidrá-los por dentro e os enfeitam com figuras segundo a sua fantasia (D’Abbeville, 2002.p. 242).

Ainda nesse contexto, só que na chamada França Antártica (1555-1570), o pastor calvinista Jean de Léry em “Viagem à terra do Brasil” observa que,

Para preparar essa farinha usam as mulheres brasileiras grandes e amplas frigideiras de barro, com capacidade de mais de um alqueire e que elas mesmas fabricam com muito jeito, põem-na ao fogo com certa porção de farinha dentro e não cessam de mexê-la com cabaças de que servem como nos servimos das escudelas, até que a farinha assim cozida tome a forma de granizos ou confeitos (Léry, 1961. p. 103).

Além disso, a expressiva participação de mulheres na indústria oleira também é atestada por Skibo e Schiffer (1995) que, ao analisar 105 sociedades sedentárias antigas, identificam que em 76% delas são as mulheres que exercem predominantemente a indústria cerâmica, em 18% essa atividade era exercida majoritariamente pelos homens e somente em 6% observa-se uma participação equivalente entre homens e mulheres.

Portanto, foi em razão dessas evidências que a questão-problema: “Por qual motivo as mulheres, produtoras de cerâmica, estariam fabricando a figura feminina nas estatuetas?” sustentou a pesquisa anterior sobre as estatuetas das estearias realizada durante a licenciatura em História.

Com o objetivo de dar continuidade a essa pesquisa, que havia começado na graduação através da iniciação científica com concessão de bolsas pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), através do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e da Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão (FAPEMA), foi submetido um projeto de pesquisa ao Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal do Maranhão (PPGHIS/UFMA) propondo a análise de um número maior de estatuetas, 36 artefatos (32 antropomorfos e 4 antropozoomorfos) que apresentam um grau de integridade física entre 50% e 100% e com elementos corporais identificáveis, em uma abordagem mais alinhada com as recentes discussões sobre o corpo e o gênero dentro da História e da Arqueologia, objetivando compreender seus elementos materiais e as possíveis dinâmicas sociais de gênero e de fabricação do corpo entre as sociedades amazônicas.

Uma das primeiras evidências da maturação desta pesquisa e deste texto, como vocês leitores podem perceber, é a exclusão da nomenclatura “mulheres” para definir ou caracterizar as estatuetas, tendo em vista que o fato de algumas possuírem incisões, que seriam a demarcação da vulva e da vagina, não indicaria que os seres ali fabricados e/ou representados seriam a expressão do gênero feminino, pois “gênero” e “sexo” são consideradas categorias distintas e que ainda passam por intensos debates, problematizações e cosmovisões diferentes a depender do tempo e do espaço.

A historiadora e arqueóloga Mariana Zanchetta Otaviano, vinculada ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) no Maranhão e com pesquisas voltadas para as Arqueologias Colaborativas, Teoria Arqueológica, Cultura Material, História Indígena, Etno-história, Etnoarqueologia e Arqueologia de Gênero, argumenta que

Os estudos de gênero nas ciências sociais vêm como uma posição teórica e reflexiva questionando os papéis e performances atribuídas aos gêneros, que

recorrentemente foram associados ao sexo, ou seja, se possui pênis é homem, se possui vagina é mulher. Ser homem ou ser mulher, resumir a existência a esta condição binária, baseada nas genitálias, excluiu dos discursos, dos conhecimentos e das políticas públicas as pessoas que não se enquadram nesses padrões heteronormativos (Otaviano, 2024, p. 24).

Sobre essa questão, Nascimento (2021, p. 40) afirma que

Se essa relação binária de dividir biologia e cultura é útil para explicar que a opressão é produzida socialmente e não é algo natural, tal binarismo mantém o sexo como uma verdade que determina os nossos corpos. Quanto a isso, reitero que qualquer verdade universal sobre os nossos corpos é um entrave para o feminismo. Não é a nossa “anatomia biológica” que produz o gênero, mas o gênero, como indica Butler (2017), é o próprio processo pelo qual os corpos se tornam matéria. Afinal, nós não somos nossos corpos, nós fazemos nossos corpos.

Portanto, categorias como “gênero”, “sexo”, “masculino”, “feminino” e “sem sexo” e até as próprias categorias tipológicas utilizadas na classificação inicial, a exemplo de “antropomorfo”, “antropozoomorfo” e “zoomorfo”, muito provavelmente não significariam nada para as sociedades que produziram as estatuetas. Os povos das estearias podem ter utilizado de outras categorias e critérios para a construção de seus corpos cerâmicos e, quem sabe, para a organização da sociedade.

Um outro ponto importante nesta fase da pesquisa foi a superação de uma busca desenfreada por respostas que, muito possivelmente, não serão obtidas: O significado das estatuetas. Os motivos que levaram à criação desses artefatos são desconhecidos e continuarão sendo, o que resta é refletir sobre essa produção cerâmica e fazer inferências sobre esses motivos, compreendendo que os sentidos atribuídos hoje, pelas sociedades que encontraram os objetos, não são menos verdadeiros do que aqueles atribuídos pelas sociedades produtoras, dado que o significado é sempre construído em contextos históricos e culturais específicos, apresentando múltiplas leituras interpretativas ao longo do tempo.

Desse modo, a pesquisa tem por objetivo revisitar as principais hipóteses presentes na literatura arqueológica e histórica acerca das estatuetas produzidas em diferentes partes do mundo, buscando entender como elas se conectam com os artefatos aqui estudados. Não se pretende, portanto, propor uma hipótese definitiva e fechada sobre o significado das estatuetas, mas ampliar as possibilidades interpretativas.

Nesse sentido, reside o uso do conceito de “Fabricação do Corpo” como medula espinhal deste trabalho. Para Barreto (2014) compreender como os corpos cerâmicos são fabricados, entender toda sua cadeia operatória, é mais importante do que compreender por

qual motivo eles são feitos, o que poderia evidenciar qual lugar o corpo humano ocupa no repertório cultural dos povos das estearias.

Conforme discutido, sobretudo na parte referente às contribuições da história e arqueologia do corpo, o conceito de “Fabricação do Corpo”, amparado em aportes teóricos de Mauss (1934), Leroi-Gourhan (2002), Lemonnier (1992), Barreto (2014, 2017), Meskell (2017) e Viveiros de Castro (2019, 2002), tem sido recorrente em estudos sobre a cultura material das sociedades amazônicas, configurando um dos objetivos específicos desta pesquisa: o debate teórico-metodológico acerca do corpo e das suas diferentes formas de fabricação e representação.

Além disso, busca-se analisar e comparar as estatuetas sem nenhuma indicação de genitália (nem compatível com o pênis e nem compatível com a vulva) com as estatuetas que apresentam indicação de genitália compatível com a vulva. Ao contrário do que pode parecer, as estatuetas com vulva não são a maioria das estatuetas da coleção LARQ/UFMA. A maioria das estatuetas não apresenta nenhuma indicação de genitália, o que é denominada de “sem sexo”,

Dito isso, é surpreendente ver um arqueólogo examinar apenas figuras femininas (por exemplo, Lesure 2011), ignorando assim as análises de arqueólogos que trabalham na Europa e no Oriente Médio e que demonstraram de forma convincente que a predominância de figuras femininas é invariavelmente uma ficção nossa. Na última década, arqueólogos mostraram que corpos sem gênero são mais provavelmente a norma e que o número de figuras masculinas e imagens fâlicas em geral é mais visível (ver Bailey 2005; Hodder e Meskell 2011; Nakamura e Meskell 2009, 2013; Nanoglou 2008a; Ozdogan 2003; Rollefson 2008). (Meskell, 2017, p. 20, tradução própria²).

Outro objetivo específico é a contribuição na história do Maranhão e do Brasil, principalmente no que tange à ampliação do conhecimento sobre a história indígena na historiografia brasileira, que é profundamente marcada pelo apagamento da vivência dessas populações. Nesse sentido, consiste a preferência pelo programa de pós-graduação em História da Universidade Federal do Maranhão (PPGHis/UFMA) como espaço de continuação da pesquisa, pois é um programa de pós-graduação no estado do Maranhão, que apresenta um vínculo com o LARQ/UFMA, com uma trajetória de pesquisas relacionadas à investigação da presença indígena na região e com uma linha de pesquisa, “Linguagens,

²Do original: That being said, it is thus striking to see an archaeologist examine only female figurines (e.g. Lesure 2011), thereby overlooking the analytical insights of archaeologists working across Europe and the Middle East who have congenitally demonstrated that the dominance of female figurines is invariably our fiction. In the past decade, archaeologists have shown that genderless bodies are more likely the norm and the number of male figurines and phallic imagery generally is more visible (see Bailey 2005; Hodder and Meskell 2011; Nakamura and Meskell 2009, 2013; Nanoglou 2008a; Ozdogan 2003; Rollefson 2008).

Religiosidades e Cultura”, voltada para o campo cultural, relacionada à produção da cultura imaterial e material, que adota abordagens fundamentadas na inter-relação entre a cultura (entendida como um sistema simbólico articulado) e os indivíduos (agentes atravessados por desejos e representações).

Dentro do programa de pós-graduação, as disciplinas que mais ajudaram, seja com leituras, indicações de trabalhos acadêmicos e debates ou com publicações de trabalhos foram: “Teoria da História”, ministrada pelo prof. Dr. Alirio Carvalho Cardoso, “O Futuro do Passado da Amazônia: cultura material indígena na floresta tropical” ministrada pelos professores Dr. Alexandre Guida Navarro e Dra. Anna Curtenius Roosevelt, “Seminário de Pesquisa, linha 1 - Linguagens, Religiosidades e Culturas” ministrada pelo prof. Dr. Roni Cesar Andrade de Araújo e “Antifascismos: História e Historiografia” ministrada pelo prof. Dr. Marco Antônio Machado Lima Pereira.

Quanto à estrutura do texto e aos aportes teórico-metodológicos, a dissertação está dividida em três seções primárias, conforme a NBR 6024 (ABNT, 2012a). A primeira, intitulada **“A Baixada Maranhense e sua contribuição para a História do Maranhão”**, tem como objetivo dar ênfase à contribuição das sociedades indígenas na formação da região, não somente durante o período da colonização europeia. Além disso, buscou-se evidenciar o potencial arqueológico do estado, que ainda carece de maior visibilização no cenário nacional e internacional, contando com a História como uma aliada da Arqueologia nesse processo. Um desses potenciais arqueológicos encontra-se na Baixada Maranhense: as estearias, que possuem uma rica cultura material, especialmente as estatuetas, que são a fonte documental desta dissertação.

Essa seção também apresenta uma seção secundária intitulada **“A Baixada Antiga”** que é fruto de algumas discussões e reflexões provocadas pelo projeto de extensão “Diálogos Baixadeiros - Baixada do Maranhão: Ditos e Escritos”³ coordenado pelos professores Dr. Manoel de Jesus Barros Martins e Dr. Raimundo Inácio Souza Araújo, que propõe o debate de temáticas relacionadas à Baixada do Maranhão. Nessa parte, portanto, discute-se o que significa de fato essa espacialidade e defende-se o uso do termo “Baixada Antiga” para referir-se ao passado pré-colonial da região. Ademais, coloca-se esta pesquisa como parte da produção acadêmica e intelectual produzida pela e sobre a Baixada. Utilizou-se de autores como Martins (2024), Farias Filho (2019; 2013) e Mignolo (2021).

³Foi realizada a segunda edição do curso de extensão “Diálogos Baixadeiros - Baixada do Maranhão: Ditos e Escritos”. A atividade foi realizada às quartas e quintas-feiras, no período de 16 de outubro a 15 de janeiro de 2026. O processo de inscrição estava disponível até o dia 19 de outubro, no Sistema Integrado de Gestão de Eventos Institucionais (SIGEVENTOS).

A segunda seção secundária tem como título **“Conexões na bacia hidrográfica do rio Turiaçu”** e aborda os fluxos estilísticos, tecnológicos e morfológicos realizados pelos povos das estearias através da fabricação das estatuetas, ancorado em apontamentos anteriores feitos por Navarro (2021).

A seção dois é intitulada **“Lembra-te de que me moldaste como barro”: Bases teóricas dos corpos cerâmicos** em que discute-se as contribuições teóricas tanto da História quanto da Arqueologia, já que é um trabalho transdisciplinar. Coloca o trabalho dentro da área de concentração do PPGHis/UFMA das histórias conectadas, com autores como José d’Assunção Barros (2019; 2007); Santos e Sochaczewski (2017) e Subrahmanyam (2020).

Também apresenta as contribuições sobre a história e a arqueologia do corpo com autores como Le Breton (2012; 2007); Corbin *et al.*, (2012); Greiner (2005); Foucault (2014); Butler (2020); Polo e Leite (2019); Rahmeier (2007); Barreto (2014) e Mauss (1934). Dentro da seção **“Contribuições da História e da Arqueologia para os estudos do corpo e de gênero”** está destacado duas seções terciárias, a primeira intitulada **“Olhar etnológico e olhar dissidente: contribuições do perspectivismo ameríndio e dos estudos *Queer*”** que discute e reflete sobre essas duas perspectivas dentro da arqueologia amazônica e como elas têm influenciado a construção de trabalhos sobre artefatos do tipo estatuetas.

Destaca-se, portanto, os trabalhos de Viveiros de Castro e Taylor (2019; 1996, 2006) e o recente trabalho de Otaviano (2024). A segunda, de título **“Tecnologias ancestrais: O que significa ‘Fabricação do Corpo’?”** trabalha o conceito de “Fabricação do corpo”, base deste trabalho. Conta com as principais contribuições de André Leroi-Gourhan (2002), Marcel Mauss (1934) e Pierre Lemonnier (1992). Além disso, a seção encerra-se com uma seção terciária de título **“Sobre o conceito de Representação”** que inclui a noção de representação do historiador francês Roger Chartier (2011) como uma possibilidade teórica para pensar as estatuetas.

A terceira e última seção foi intitulada como **“Corpo-território na Baixada Maranhense: estudo arqueológico das estatuetas das estearias”**. Essa seção reúne a parte técnico-metodológica da pesquisa, explicando a metodologia, os recursos utilizados e a tabulação dos dados obtidos. A divisão dessa parte do texto se deu com uma seção secundária intitulada **“O trabalho do LARQ/UFMA”**, que mostra um pouco do trabalho realizado no laboratório, sobretudo, a análise do material cerâmico coletado. A segunda parte do texto consiste em seções terciárias que contém as análises das estatuetas por sítio arqueológico. Essa parte do texto contém as descrições técnicas dispostas em quadros e na última seção secundária, intitulada **“As principais hipóteses sobre as estatuetas”**, aborda as discussões,

reflexões e as hipóteses acerca das estatuetas, tendo por base a literatura corrente sobre o assunto.

SEÇÃO I - A BAIXADA MARANHENSE E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A HISTÓRIA DO MARANHÃO

O início da História do estado do Maranhão geralmente é creditado ao processo de colonização da América Portuguesa, ocorrida a partir do século XVI, com o estabelecimento de um polo da administração colonial na região Norte do território, com a capitania geral do Maranhão e, posteriormente, através do Estado do Maranhão. Entre o período de 1500 a 1612, a costa Norte já era bastante requisitada pelas nações europeias, seja por sua exuberância ou pela sua posição geográfica favorável em relação à costa africana e aos portos europeus (Botelho, 2024).

É preciso lembrar que os espanhóis tiveram a primazia da navegação na costa do que hoje é o Maranhão. Vicente Yanes Pinzón, em 1499, foi o primeiro a fazer o reconhecimento desse território. Nesse contexto, buscava-se obter, das expedições na região amazônica, as chamadas “drogas do sertão”, especiarias muito cobiçadas e rentáveis no mercado europeu e metais preciosos, como ouro e prata. A crença na existência dessas riquezas no Peru impulsionou outras nações, além de Portugal e Espanha, a buscar as riquezas andinas em territórios próximos (IPHAN, 2006).

Houve várias tentativas de ocupação territorial, mas todas sem sucesso devido às dificuldades de atracar os navios na região, sendo frequentes os naufrágios. Com os sucessivos fracassos, nações como a França mantiveram relações comerciais com os indígenas, através da prática do escambo. “Muitos navios franceses começaram a frequentar a costa do Brasil logo depois de seu achamento oficial” (Perrone-Moisés, 2009).

Os franceses já haviam feito uma primeira tentativa na região de Guanabara, a chamada França Antártica (1555-1567), onde hoje é o estado do Rio de Janeiro. Para dar fim a essa tentativa de colonização, os portugueses expulsaram os franceses da região. Estes, por sua vez, voltaram sua cobiça para o Maranhão, com o estabelecimento da chamada França Equinocial (1612-1615).

Segundo Perrone-Moisés (2009), embora tivesse sido brevemente explorada por Aires da Cunha, Diego Nunes e Luís de Melo, o navegante Charles de Vaux declara, em carta para o rei Henrique IV, ser a região vazia de ocupação europeia, além de ter um clima abençoado, de temperaturas constantes e amenas, banhada pelo sol e com muita fartura e riqueza.

O próprio D’Abbeville (1975, p. 161) cita o clima temperado e úmido da região, assim como as águas límpidas, a abundância de rios e a fertilidade do solo:

Regada a terra de todos os lados por águas boas, e maravilhosamente temperada pela doçura do ar, não pode deixar de ser fértil, como é, e muito fecunda (...) a terra é tão refrescada pelo sereno da noite e o orvalho da manhã, pelos rios e fontes e pelas chuvas da estação, que sem indústria nem cuidados basta semear a terra e cobri-la, sem sequer convocá-los antes, que dentro em pouco se tira bom resultado.

D'Abbeville (1957) dedica um capítulo para falar sobre a beleza do Maranhão e do potencial botânico da região, descrevendo as características físicas de 70 frutos que eram desconhecidos pelos franceses. Uma terra e um litoral vasto, e com condições climáticas favoráveis à agricultura, claramente atraiu o desejo dos franceses de se estabelecerem na região permanentemente.

No entanto, com o objetivo de livrar-se da França, Portugal e Espanha, no contexto da União Ibérica (1580-1640), empreenderam uma campanha militar liderada por Jerônimo de Albuquerque para dar fim à presença francesa na região, protegendo a costa Norte não só da cobiça dos franceses, mas também de holandeses e ingleses, efetivando assim a ocupação dessa parte do território (Cardoso, 2013). Essa campanha levou à famosa Batalha de Guaxenduba ocorrida em 19 de novembro de 1614 entre forças luso-brasileiras (portugueses, potiguaras e tabajaras) e franceses com auxílio dos tupinambás.

Segundo Botelho (2024, p. 50)

Posteriormente, em Guaxenduba, na região do Munim, os portugueses ergueram o Forte de Santa Maria, onde ocorreu uma batalha, denominada Jornada Milagrosa (Batalha de Guaxenduba), entre franceses e luso-espanhóis, vencida pelos países que formavam a União Ibérica. A vitória luso-espanhola foi inexplicável, já que os franceses eram maioria e possuíam melhor infraestrutura de guerra.

Dessa forma, é perceptível que o início da história desse estado está inserido em uma rede de transformações territoriais, comerciais e sociais, com a mudança da percepção do tamanho do globo e com o protagonismo do oceano atlântico nas rotas de comércio. No entanto, o que se considerava “Maranhão” antes dessa conquista militar, compreendia o território entre a Capitania do Ceará e as terras castelhanas, correspondente ao que hoje é denominado de Amazônia Legal (Cardoso, 2013), e é bem diferente da atual configuração do estado.

Ainda sobre esse ponto, persiste na historiografia tradicional referente à história do Maranhão, a contribuição dos franceses na formação do estado e mais precisamente na formação da capital. Segundo Cardoso (2013, p. 146), “Parte da historiografia redimensionou o confronto entre luso-maranhenses e franceses, exagerando alguns aspectos da presença dos

vassallos de Luís XIII na ilha de São Luís, sobretudo no que concerne a sua estrutura militar e a sua organização logística.”

Lacroix (2005) afirma que no bojo dos discursos laudatórios advindos da elite ludovicense na última década do século XIX e nas primeiras décadas do século XX, surge a narrativa da fundação francesa da capital do estado, São Luís. Para a autora, esse discurso construía a distinção e a confirmação de uma identidade e coesão social que se pretendia no contexto republicano, com a criação, inclusive, de feriados, cerimônias e heróis para marcar a identidade do povo brasileiro.

No Maranhão, essa identidade acabou se deslocando para o mito da fundação francesa de São Luís. Para Lacroix (2005) fica evidente que a fundação francesa é exatamente isto, um mito, uma vez que nos discursos de diversos cronistas e historiadores do Maranhão, dos séculos XVII, XVIII e XIX, os franceses foram invasores e tratados como tal, concretizando a invasão através da prática da pirataria na costa brasileira. O Maranhão, assim como o restante da colônia, foi fundado e colonizado pelos lusitanos. Ademais, a narrativa de ser a única capital fundada por franceses foi construída em meio a um ambiente de decadência econômica e social dessas elites ludovicenses, que idealizavam um passado áureo para a região.

A ênfase no mito da fundação francesa; na colonização portuguesa, presente principalmente na arquitetura, e até na invasão dos holandeses na região, ocorrida entre 1641 e 1644, parece uma tentativa de reafirmar ainda mais a ancestralidade europeia no estado. Um processo contraditório tendo em vista que a composição social do atual Maranhão é negra. De acordo com o “Boletim Social do Maranhão - O perfil da população negra”⁴, produzido através dos dados do censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) do ano de 2022, o alto contingente de pessoas negras colocou o estado como a oitava unidade federativa

⁴O Boletim Social do Maranhão encontra-se disponível no portal do governo do estado no site do IMESC - Instituto Maranhense de Estudos Socioeconômicos e Cartográficos. Os estudos publicados nos Boletins tem por objetivo auxiliar no planejamento, implementação e avaliação de políticas públicas no estado como fica evidente na apresentação da iniciativa no próprio site do IMESC: “Os Boletins Sociais do Maranhão são publicações trimestrais que visam fornecer indicadores atualizados sobre diferentes aspectos da realidade social do estado. Seu objetivo principal é subsidiar a elaboração e o monitoramento das políticas públicas no Maranhão. A cada edição, os boletins abordam temas relevantes, como o perfil da população negra, a educação especial inclusiva, o perfil da pessoa idosa, e outros tópicos sociais, com foco em análise de aspectos demográficos, mercado de trabalho, saúde, educação, vulnerabilidades, segurança pública e assistência social. Eles oferecem uma visão ampla e detalhada, com comparações entre o Maranhão e outras regiões do Brasil, para fornecer informações essenciais para a implementação de políticas públicas eficazes” (MARANHÃO. Secretaria de Estado do Planejamento e Orçamento e Instituto Maranhense de Estudos Socioeconômicos e Cartográficos. Disponível em: www.imesc.ma.gov Acesso em: 30 de novembro de 2025).

com o maior número de negros no Brasil, apresentando nesse ano 5,4 milhões de habitantes. Além disso, da população total, 79,0% se autodeclararam como pretos ou pardos.

Quanto à população indígena no estado, o “Boletim Social do Maranhão - População Maranhense no Censo 2022” registrou a 2ª maior população quilombola (269.168) e a 8ª maior indígena (57.166) do Brasil em 2022, com destaque para o município de Alcântara com a maior população quilombola e o município de Jenipapo dos Vieiras com a maior população indígena.

A ancestralidade europeia existe e sempre ocupou um lugar de destaque, sobretudo nos discursos da elite. No entanto, outros grupos sociais e étnicos compõem a população do Maranhão e do Brasil. Esses grupos ora são completamente apagados na historiografia tradicional, ora ocupam um local marginalizado nas pesquisas. A visão dos indígenas como bárbaros, selvagens e ignorantes ainda é forte na sociedade, fruto de uma visão eurocêntrica que já ecoava nos versos de Luiz de Camões (2011, p. 3): “que costumes, que lei, que Rei teriam?” A figura do indígena foi sendo então construída sob a noção de gente bestial ou de inocentes carentes da proteção do europeu salvador, que teria os três elementos ausentes na cultura indígena: fé, lei e rei.

Ao proferir que tais elementos estariam ausentes nas tradições indígenas, os colonizadores partiram de um conhecimento eurocentrado, isto é, construído sob o princípio de que a cultura europeia seria o centro, o padrão e a medida para as demais sociedades. Por um longo tempo, infelizmente, esse paradigma estruturou o conhecimento sobre as histórias e as tradições indígenas, africanas e orientais.

Segundo Coelho (2002, p. 311): “No imaginário do colonizador, o índio era o habitante de um espaço indefinível, incompreensível, flutuante e, sobretudo, nebuloso. O projeto colonizador foi, antes de mais nada, o de transformar o espaço desconhecido em território plausível, com base nos códigos culturais europeus”.

Como afirma Guarinello (2013, p. 8): “A identidade de uma pessoa, um grupo ou uma coletividade inteira é o que lhe permite pensar sobre si mesmo”, nesse sentido, não é possível reconhecer o passado do Brasil e do Maranhão sem considerar suas múltiplas identidades adquiridas e transformadas ao longo do tempo. “O Brasil é um país multicultural. Esta é uma afirmação que não se ousa contestar” (Coelho, 2002, p. 21). As Identidades são socialmente construídas, algumas que se produzem paralelamente e, muitas vezes, que entram em conflito umas com as outras, decorrentes de grupos com interesses divergentes, tal como os colonizadores e os indígenas (Guarinello, 2013).

Por este trabalho está inserido cronologicamente na história antiga, situá-lo no quadro de produção e reprodução de memória pode ser um processo complexo, ou seja, com uma longa distância temporal, as identidades podem parecer se neutralizar ou desaparecer com o passar dos séculos e, por vezes, há um esforço para que certas identidades sejam esquecidas, pois sujeitos e fatos históricos são ou valorizados ou rejeitados. A memória social é um campo de conflitos, de interpretações contrastantes, silêncios ou rememorações, fazendo-se refletir sobre o direito à memória e à história dos povos não europeus (Guarinello, 2013).

Em palavras proferidas pelo intelectual indígena boliviano Ramiro Reynaga Wankar: “Os brancos, ao porem um obstáculo no nosso caminho para o passado, bloqueiam o nosso caminho para o futuro” (*apud* Monteiro, 1999). Aos indígenas, durante todo o longo processo colonial, se negava um futuro, tratando-os como populações em extinção, fadadas ao desaparecimento. Hoje, muitos grupos sociais e políticos, principalmente os ligados ao agronegócio, às atividades ilegais de garimpo e extração de madeira, ainda têm em suas agendas o desejo de fazer desaparecer as populações indígenas, seja através do apagamento físico, identitário, espiritual ou no registro histórico, negando-lhe o direito de ter o passado documentado e divulgado como parte integrante da formação do Brasil.

Um dos grandes exemplos desse apagamento reside na negação à cidadania étnica, como apontado por Coelho (2002, p. 309-310):

Muito embora todos os indivíduos que vivem no território do Estado sejam considerados cidadãos, possuindo os mesmos direitos e deveres, o que ocorre é uma espécie de discriminação que provém do fato de o Estado tentar incutir uma cultura comum, perseguindo a homogeneização dos cidadãos. O Brasil, por exemplo, não reconhece aos índios as cidadanias étnicas, estando eles subjugados à cidadania brasileira. Por outro lado, como vimos anteriormente, em apenas algumas conferências internacionais foi reconhecido o status de nações aos povos indígenas.

Outras problemáticas que se apresentam são o direito à demarcação das terras indígenas e à preservação de sua cultura, como suas formas de organização social, línguas e costumes. A questão indígena experimentou uma visibilidade ainda maior no cenário global nas últimas duas décadas do século XX. Um dos marcos desse processo foi a Convenção sobre Povos Indígenas e Tribais (Convenção 169 da OIT), em 1989, pela Organização Internacional do Trabalho (OIT), agência das Organizações das Nações Unidas (ONU). O Brasil aderiu à convenção no início da década de 1990, mas o Congresso só aprovou em 2002. Desde então, a questão indígena tem sido objeto de intensos debates, conflitos e estudos.

No que tange ao ambiente acadêmico, por exemplo, a Nova História Indígena, a partir da década de 1990, tem assumido um compromisso de reinvestigar a História lançando luz sobre o protagonismo indígena no processo colonial. Ao assumir esse compromisso, a Nova História Indígena permitiu a possibilidade das vivências indígenas pré-coloniais, em muitos casos sociedades de tradição oral, terem suas experiências registradas através do diálogo com áreas de estudo como a Arqueologia e a Antropologia. Este trabalho é um exemplo disso.

Nesse sentido,

Diversos estudos têm buscado sublinhar a historicidade dos índios, isto é, têm buscado superar estereótipos ainda muito fortes - e não apenas no senso comum - que os apresentam como meras vítimas dos processos de colonização: sempre manipulados, fadados ao extermínio e, no limite, inferiores, incapazes de compreender o mundo dos brancos (Julio, 2015, p. 71).

Assim, surge uma nova bibliografia que tem contribuído não apenas para ampliar a visibilidade de povos indígenas numa história que sempre os omitiu, como também revela as perspectivas destes mesmos povos sobre seu próprio passado, incluindo visões alternativas do contato e da conquista [...] Somado ao deslocamento do enfoque teórico, os historiadores e antropólogos passaram a adotar como fonte de confiança outros gêneros de discurso histórico, tais como os mitos e outras narrativas das tradições orais. O conjunto desses estudos recentes, enriquecendo o conhecimento do passado das sociedades que vivenciaram a penetração da expansão européia, ao mesmo tempo tem obrigado os antropólogos e historiadores a reverem seus próprios conceitos e preconceitos (Monteiro, 1995. p. 223–227).

Portanto, os povos originários têm direito a contarem suas próprias narrativas e serem produtores do conhecimento sobre si, seja este conhecimento recente ou remoto. Essa produção de conhecimento, inclusive, pode estar inserida dentro da abordagem da arqueologia pública e da arqueologia colaborativa ao aproximar pesquisadores, indígenas ou não, das comunidades estudadas, atuando na preservação do patrimônio histórico e arqueológico e na formulação de interpretações.

Logo, em se tratando do território que hoje é nomeado de Maranhão, que apresenta uma das suas definições proveniente do tupi-guarani Mar'Anhan, que significa “Mar grande” ou “Rio que corre”, compreende-se que possui uma história de longa duração, mais longínqua do que se imagina. Dessa forma, o evento colonização não deve ser concebido como o mais importante dentre todos os eventos e realidades cronológicas das sociedades indígenas e africanas, mas como parte de sua história.

Outros fatos, precedentes à colonização, como as relações entre as diversas sociedades indígenas e a relação destas com seus territórios devem ser objeto de estudo do historiador e

de demais pesquisadores das ciências humanas e sociais: “Que se trate do passado ou da atualidade, uma consciência clara dessa pluralidade do tempo social é indispensável a uma metodologia comum das ciências do *ser humano* (Braudel, 1965 p. 263) e “Para mim, a história é a soma de todas as histórias possíveis - uma coleção de misteres e de pontos de vista, de ontem, de hoje, de amanhã” (Braudel, 1965 p. 271-272). Nesse sentido, a Arqueologia pode lançar luz sobre a produção desse conhecimento.

O potencial arqueológico do estado outrora já foi objeto de questionamentos se comparado ao potencial arqueológico de estados como o Piauí e o Pará. No entanto, o Maranhão não é um grande vazio arqueológico e qualquer afirmação que leve a esse pensamento é uma falácia (Otaviano, 2024).

Antes da efusão de pesquisas arqueológicas realizadas no estado do Maranhão, é preciso considerar a importância dos relatos dos cronistas dos séculos XVII e XVIII, como Claude D’ Abbeville, Yves D’Évreux e João Felipe Bettendorf ao descrever a riqueza das habitações e a complexidade das relações sociais já existentes no território antes da chegada dos colonizadores (Otaviano, 2024).

Até hoje os arqueólogos usam dessas fontes etno-históricas como aporte em seus trabalhos, por considerarem que fornecem pistas para revelar ainda mais todo o potencial arqueológico do estado, seja através da distribuição espacial das aldeias indígenas tupinambá que existiam na ilha de São Luís; da cultura material produzida por eles, como os grandes vasos de barro, descritos por Claude D’Abbeville e Yves D’Evreux; do uso de adornos corporais como as pedras verdes e brancas e das diferentes manifestações culturais realizadas por inúmeros grupos indígenas.

Segundo Otaviano (2024), somente na ilha de São Luís (composta dos municípios de São Luís, São José de Ribamar, Paço do Lumiar e Raposa) existem 60 sítios arqueológicos registrados, mas não se sabe se já foram identificadas todas as 27 aldeias descritas pelos padres e viajantes quando do período da colonização europeia. Mesmo assim, a Arqueologia vem oferecendo pistas para entender melhor como se deu o uso e a ocupação desse território pelos povos originários. Dessa forma, o número de sítios arqueológicos tende a aumentar, pois existem mais sítios passando por processos de cadastramento e recadastramento nos órgãos oficiais, a exemplo do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

Um dos mais antigos sítios arqueológicos da região é o sambaqui do Bacanga. Uma região que foi ocupada por povos que viviam dos recursos que o mar oferecia, mas que também contava com caçadores de pequenos animais e coletores de alimentos vegetais, ou

seja, grupos de pescadores-coletores que viveram entre 6.600 a 900 anos a. C (Guarinello, 1994; Botelho, 2024; Legnaioli, 2021).

Os sambaquis, derivada da palavra tupi “tamba e ki” que significa “amontoado de conchas”, também conhecido como concheiro, são definidos como montes de ocupação antiga pré-colonial de conchas, ossos e sedimentos de origem humana. Eram, portanto, locais de moradia, sepultamento e de marcadores territoriais. A cultura material achada nesses sítios é composta por material cerâmico, ferramentas de pedra, adornos e resíduos alimentares de povos que parecem ter sido bem adaptados ao ambiente marinho litorâneo (Machado *et. al*, 1991).

Dessa forma, Leite Filho (2005, p. 12), afirma que:

[...] Sambaquis, popularmente conhecidos como “concheiros”, ou amontoados de restos de carapaças e moluscos, provenientes do consumo diário de frutos do mar e da dinâmica constituída pelo processo de ocupação, com vestígios culturais significativos deixados nesses locais. Esses grupos aprimoraram estratégias de aproveitamento de recursos ambientais, dominando técnicas de manufatura de utensílios líticos e cerâmicos de grande complexidade, como suporte instrumental na construção de abrigos, caça e pesca, plantio incipiente e armazenamento de alimentos, além das práticas ritualísticas de enterramentos com acompanhamento cerimonial, geralmente evidenciados em ocupações litorâneas. Os sambaquis do Maranhão e Pará apresentam uma cerâmica de morfologia e composição bastante peculiares, com técnicas de modelagem e motivos decorativos variados, o que os diferem dos existentes no litoral sudeste e sul do País, onde não são encontrados restos cerâmicos em seus contextos.

Além disso, não é somente a ilha de São Luís que apresenta sítios arqueológicos. Outros sítios no Maranhão são reveladores do rico patrimônio arqueológico da região, já que o estado conta com mais de 300 sítios conhecidos, segundo o IPHAN, distribuídos em diversas partes do Maranhão ocupando áreas amazônicas, de cerrado, das matas dos cocais e litorâneas. Cita-se o exemplo dos sítios arqueológicos do Vale do Rio Itapecuru habitados por populações de horticultores-ceramistas até o século XV. Outro exemplo são os sítios localizados na Chapada das Mesas, com uma área que apresenta não só impressionantes belezas naturais, já bastante explorada pelo setor turístico, como um valioso patrimônio arqueológico composto de gravuras e pinturas rupestres, remanescentes dos antigos habitantes do cerrado maranhense.

No município de Tasso Fragoso, localizado na região do sul do estado, também foram encontrados 49 sítios arqueológicos que revelam, principalmente, pinturas rupestres e gravuras datadas aproximadamente em 12 mil anos a.C. Outros municípios que também são reveladores desse potencial arqueológico são o São Domingos do Maranhão e Tuntum, com descobertas recentes no sítio denominado de Casa de Pedro do Gleison, além dos já

conhecidos Abrigo Bacupari, Casa da Pedra e Cocal de Dentro; Bequimão, com o Sambaqui da Boa Vista e Presidente Dutra, com o sítio arqueológico de origem pré-cerâmica situado às margens do rio Flores.

No que diz respeito à capital do estado, São Luís, é preciso destacar dois núcleos importantes de pesquisas dessa natureza que são o Centro de Pesquisa de História Natural e Arqueologia do Maranhão (CPHNAMA) que funciona desde 2002 e é coordenado pelo arqueólogo Deusdedit Carneiro Leite Filho e o Laboratório de Arqueologia da Universidade Federal do Maranhão (LARQ/UFMA), coordenado pelo Prof. Dr. Alexandre Guida Navarro⁵.

O LARQ/UFMA é vinculado ao Departamento de História (DEHIS) e ao Programa de Pós-Graduação em História (PPGHIS/UFMA), sendo o primeiro laboratório de Arqueologia vinculado a uma universidade pública no estado do Maranhão. Foi idealizado em 2010, em uma reunião de departamento com o objetivo de construir um espaço que contemplasse a importância da Arqueologia no estado. Começou a ser construído em 2011 e foi inaugurado no ano de 2014 (figura 1) com a presença do coordenador do LARQ, Prof. Dr. Alexandre Guida Navarro, do reitor da UFMA, Prof. Dr. Natalino Salgado, da Superintendente do IPHAN, a historiadora Kátia Bogéa e da presença dos Profs. Drs. Pedro Paulo Funari (UNICAMP) e Lúcio Menezes Ferreira (UFPeL), que ministraram palestras na I Semana de Arqueologia do LARQ-UFMA, além da presença de outros pesquisadores e pesquisadoras, da comunidade universitária e do público em geral (Navarro, 2022).

⁵Professor Titular III da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Coordenador do Laboratório de Arqueologia (LARQ). Programa de Pós-graduação em História Social (PPGHIS). Departamento de História (DEHIS). Financiamento: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e FAPEMA (edital Rebax/processo 03464/13 Edital 30/2013 e Acervo Museológico/processo 02818/13 Edital 19/2013) e bolsa de pesquisador Visitante da Fullbright (Visiting Professor Award 2017) na University of Illinois at Chicago, com estágio de pesquisa na Smithsonian Institution em Washington, Penn Museum na Filadélfia e American Museum of Natural History em Nova Iorque. Av. dos Portugueses 1966 campus Bacanga, cep.: 65080-805, São Luís, Maranhão, Brasil. Email: altardesacrificios@yahoo.com.br.

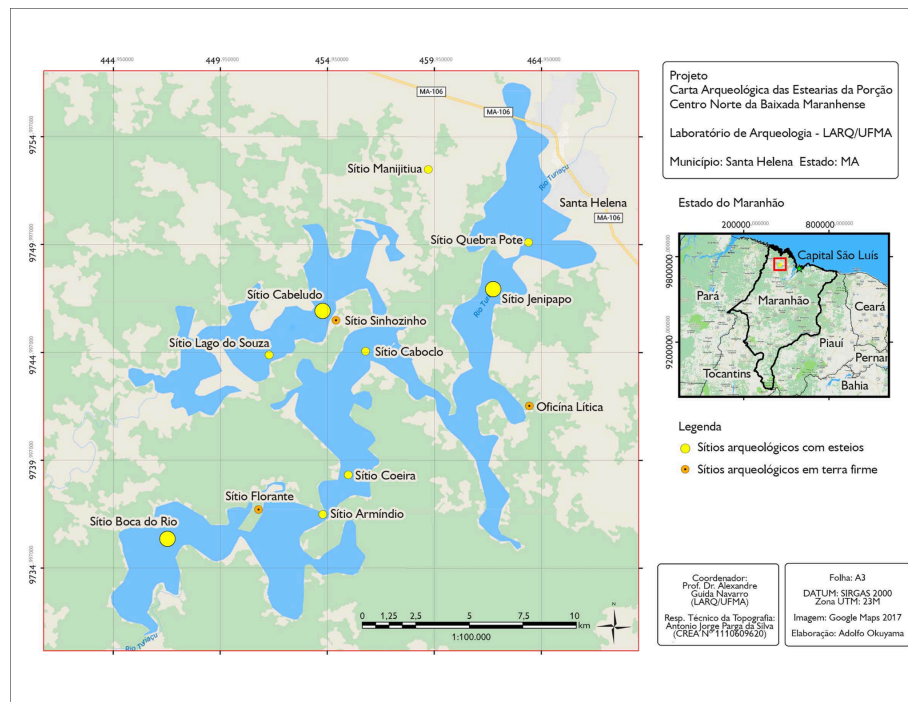
Figura 1: Inauguração do LARQ/UFMA



Fonte: Acervo LARQ/UFMA.

Desde o ano de 2014, portanto, o LARQ/UFMA tem estado à frente das pesquisas científicas na região da Baixada Maranhense, mais precisamente sobre as estearias (figura 2) que são sítios únicos em todo o contexto americano (Prous, 1992; Navarro, 2016) e que, aos poucos, vem conquistando seu espaço dentro da Arqueologia maranhense e brasileira.

Figura 2: Mapa que mostra a localização das estearias do rio Turiaçu.



Fonte: A.G Navarro.

A missão do LARQ sempre foi promover um diálogo transdisciplinar com outras ciências, como a História, até porque ambas são irmãs, nascidas ao mesmo tempo no século XIX, e já preocupadas em compreender as transformações sociais pelas quais o ser humano passou ao longo do tempo (Navarro, 2018; Diniz, 2023). É importante ressaltar que a transdisciplinaridade atende não somente ao propósito de diversificar as análises, adotando métodos de várias ciências, mas corresponde a uma lacuna na educação superior do estado do Maranhão que é a ausência de cursos de graduação e programas de pós-graduação na área da Arqueologia, mesmo o Maranhão tendo um grande potencial para pesquisas arqueológicas.

A articulação de métodos de várias áreas do conhecimento e a incorporação de novos, sobretudo tecnológicos, possibilitam ampliar a compreensão sobre a cultura material produzida pelos povos das estearias, constituindo-se como um dos compromissos do LARQ/UFMA. O laboratório conta ainda com uma equipe especializada e multidisciplinar, composta pelo museólogo Helder Luiz Bello de Melo, graduado em Museologia, além de equipes de estagiários, geralmente graduandos em História. Integram também o grupo os colaboradores vinculados ao LARQ/UFMA, sendo estes ex-estagiários, mestrands e doutorandos ou pesquisadores parceiros provenientes de outras universidades e centros de pesquisa.

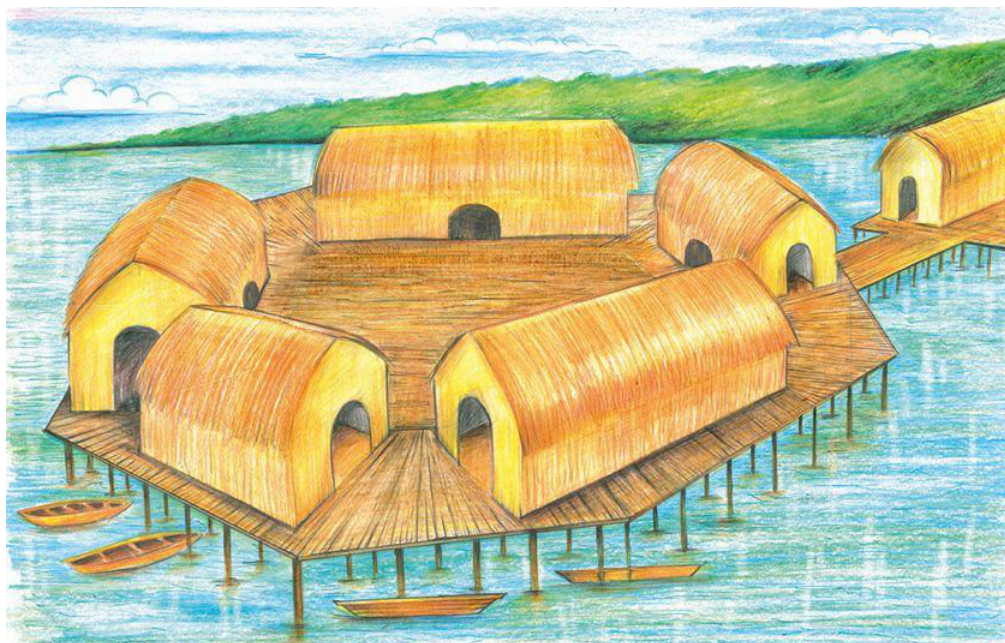
Como colaborador nas pesquisas do LARQ/UFMA e conhecedor da sua filosofia e *modus operandi*, Funari (2019, p. 30) comenta que

O Laboratório de Arqueologia (LARQ), além de contar com a devida reserva técnica, serve para o estudo e formação, além de extensão. O material lítico e cerâmico permite tanto o conhecimento integrado, como a qualificação de ceramólogos e estudiosos do material lítico. A preocupação com as comunidades também se faz presente, com uma perspectiva de Arqueologia Pública [...] A pesquisa, assim, mostra os avanços da academia no Brasil e, em particular, da disciplina arqueológica, com a produção de conhecimento, formação de quadros, inserção internacional e relevância social.

Sobre as sociedades que construíram e habitaram as estearias, infere-se que estavam bem adaptadas ao ambiente aquático, mostrando preferência por morar em locais alagadiços onde o curso do rio se dilata, retirando desses espaços a sua sobrevivência, através da atividade pesqueira. Também podiam se proteger contra inimigos e muito provavelmente praticavam não apenas a caça, como também a atividade da horticultura, ainda que esta última fosse praticada com menor frequência (Navarro, 2019).

Os vestígios encontrados nesses sítios apresentam boa preservação e são fundamentais para entender a ocupação humana na América antiga. A forma de se construir as estearias (figura 3) era idêntica em todos os sítios, com um núcleo central e vários pequenos agrupamentos de esteios posicionados na parte mais periférica do sítio (denotando o binômio centro-periferia) e que eram possivelmente ligados por pontes (Navarro, 2019).

Figura 3: Modelo hipotético de uma estearia.



Fonte: A. G Navarro (2018).

Com um modo de assentamento bastante característico e com uma cultura material rica e elaborada, parte do conhecimento sobre os povos das estearias ainda está submerso no desconhecido, como é o caso do sistema político e social que os organizava e o motivo desses povos terem abandonado as estearias, mesmo que os recursos de pesca continuem fartos até hoje e a cultura material permanecesse muito homogênea (Navarro, 2019a).

Por falar em cultura material, os povos das estearias produziram uma expressiva variedade de artefatos cerâmicos e líticos. A indústria cerâmica destaca-se pela alta qualidade técnica e pela diversidade de peças, incluindo vasilhames, estatuetas, fusos, cachimbos, adornos, bolotas de argila, pesos de rede e machadinhas⁶. Esses artefatos encontram-se em

⁶Os vasilhames são recipientes destinados a cozinhar, armazenar, transportar ou conservar líquidos e sólidos, como as panelas, potes e assadores (em formato raso, como os assadores de pizza). Para os vasilhames, utiliza-se no LARQ/UFMA a classificação: meia calota, meia esfera, forma esférica e forma rasa para definir os artefatos com base no direcionamento da borda e no diâmetro de abertura da boca dos vasilhames. Os fusos são artefatos para a fiação, isto é, para tecer e transformar fibras (como lã, algodão ou linho) em fios. Os cachimbos são artefatos usados para inalar ou aspirar substâncias alucinógenas, apresentando duas estruturas: um forninho, local de armazenamento da substância e uma haste usada para fazer a inalação. São objetos muito importantes em vários contextos culturais, principalmente nas tradições culturais de sociedades indígenas e africanas,

excelente estado de preservação, graças às condições do fundo dos lagos e rios onde permaneceram depositados. Uma parte desse material constitui o objeto de análise desta dissertação: as estatuetas.

Estudos historiográficos que analisam fontes não textuais, como a cerâmica, não são novidades no ambiente acadêmico, dado a transdisciplinaridade entre a História, a Arqueologia e a Antropologia, bases deste trabalho. Apesar de inúmeras estatuetas já terem sido extensivamente estudadas ao redor do mundo, é necessário definir esse tipo de fabricação e como elas se diferenciam de outras formas de confecção como estátuas, esfinges, amuletos e bonecos, tendo uma noção clara e bem definida da fonte a ser estudada, procurando evitar generalizações e comparações equivocadas.

Portanto, as estatuetas (figura 4) são artefatos tridimensionais que apresentam a forma humana (antropomorfo), animal (zoomorfo), híbrida (antropozoomorfo) ou de seres sobrenaturais, míticos ou fantasiosos. Podem ser produzidas em uma gama de materiais, como metal, madeira, cerâmica, osso, resina, pedra ou vidro e apresentam tamanho reduzido. As definições mais elucidativas desse objeto são as de Barreto (2014, p. 26) que as define como: “Uma representação escultórica de um corpo ou entidade corporeificada, em tamanho diminuto, e cujos aspectos visuais e materiais do corpo constituam a totalidade da peça em sua composição e função” e a de Navarro (2022, p. 2): “É uma escultura que figura corpos humanos, de animais ou de seres híbridos. As estatuetas apresentam dimensões reduzidas e foram confeccionadas em cerâmica, osso, marfim ou em lítico”.

A título de esclarecimento, esta dissertação busca analisar e compreender o modo de fabricação das estatuetas antropomorfas e antropozoomorfas, o que equivale a um *corpus documental* de 36 estatuetas selecionadas que apresentam grau de integridade física entre 50% e 100%, apresentando elementos corporais humanos identificáveis. Algumas delas apresentam a fabricação da genitália compatível com a vulva, enquanto outras, a maioria, não apresentam nenhuma fabricação de genitália no local em que, anatomicamente, estaria posicionada. O falo humano não foi fabricado de forma explícita em nenhuma estatueta encontrada.

representando a conexão com o mundo espiritual e, consequentemente, com a sabedoria ancestral. Os adornos são todos aqueles artefatos usados para ornamentar e embelezar. No caso da cultura material depositada no LARQ/UFMA, é possível contemplar vestígios de adornos que eram usados nas paredes dos vasilhames, como motivos mamiformes e apliques de animais da fauna da região. As bolotas de argila são pequenas esferas maciças feitas de argila e que ajudavam a controlar a umidade no processo de fabricação cerâmica. Os pesos de rede, como o próprio nome diz, são artefatos usados para afundar redes de pesca, favorecendo essa atividade. As machadinhas, por sua vez, são artefatos de pedra lascada e polida que eram afiadas e fixadas em cabos de madeira. Por conta de suas propriedades naturais, a madeira dos cabos, quando encontrada, estragava em pouco tempo, ficando somente o material lítico para os estudos.

Logo, exclui-se deste trabalho a análise de estatuetas zoomorfas e de apliques posicionados em vasilhames cerâmicos, por não se enquadrarem na definição adotada de estatuetas com características antropomórficas e antropozoomórficas.

Figura 4: Fotografia de estatuetas antropomorfas das estearias e da vênus de Dolni Vestonice encontrada na República Tcheca.



Fonte: A.G Navarro (2019) e Wikimedia Commons (2025).

Além disso, as estatuetas não são consideradas como meras representações do mundo real ou como uma espécie de arte contemplativa. Tal posicionamento está em conformidade com os apontamentos de Meskell (2017) que considera que as estatuetas são coisas em si mesmas com suas próprias esferas de atuação e os de Barreto (2014), que altera o direcionamento das análises das estatuetas para a questão de como elas representam, e não o que representam, perspectiva que pode aproximar a compreensão das intenções que motivaram a fabricação e os usos desses objetos.

Sobre esse ponto, Funari (2003, p. 36) afirma que

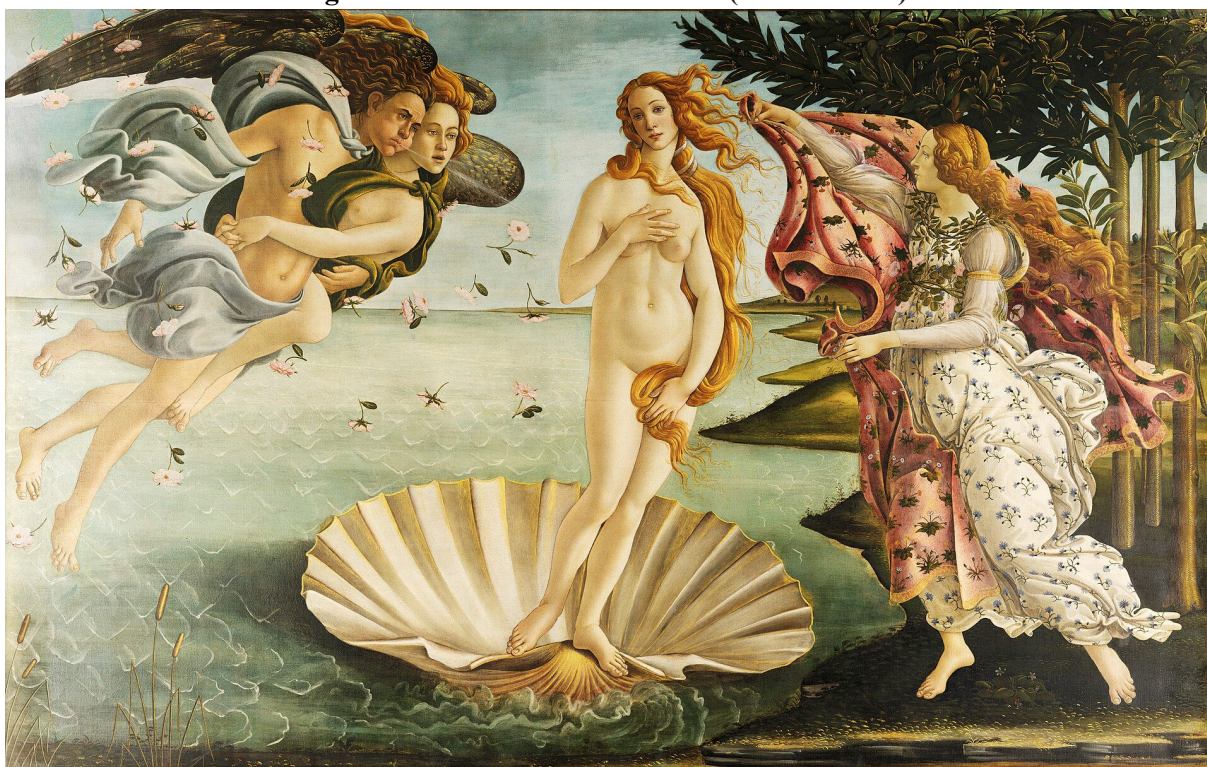
O artefato, ainda que criação do ser humano, continua a ser um objeto, e assim parece algo muitas vezes distante do seu criador, como se tivesse vida própria. O objeto, ao entrar no universo humano, parece adquirir uma autonomia de sua base material, sendo em qualquer sociedade carregado de valores simbólicos que não deixam de confundir tanto seus usuários quanto o arqueólogo, ainda que observador externo e inserido em outra sociedade.

No entanto, antes de adentrar na parte teórica e metodológica da pesquisa, é importante deixar claro que as estatuetas das estearias, depositadas no LARQ/UFMA, não são os únicos exemplos de artefatos dessa natureza. Diversos grupos humanos ao redor do globo produziram artefatos baseados na forma humana, animal ou hibridizada chamadas de

figurines, na língua inglesa (Meskell, 2017). Esses artefatos foram amplamente estudados e produziu-se uma literatura arqueológica, antropológica e também histórica sobre eles.

Quando esses artefatos possuíam algum elemento que os identificasse com o “sexo feminino”, como a vulva e/ou os seios eram classificadas como “vênus” sendo, portanto, lançadas em um grande e generalista agrupamento (Otaviano, 2024). Recebiam essa nomenclatura em alusão à deusa romana do amor e da beleza (figura 5) e eram comumente interpretadas como mulheres, ora sendo a expressão de um grande culto à fertilidade, ora como a expressão de algumas fases importantes do chamado “universo feminino”, a exemplo da maternidade, do parto e da amamentação.

Figura 5: O Nascimento de Vênus (c. 1484–1486).



Fonte: Wikimedia Commons (2026).

Na região amazônica, durante o final do século XX, uma quantidade considerável de informações foram publicadas sobre as estatuetas, sejam elas advindas de escavações científicas, ou provenientes de coleções particulares e de museus. As análises concentraram-se basicamente em dois complexos arqueológicos: Marajoara e Santarém (Barreto, 2017).

Como forma de revisitar esses artefatos, o primeiro capítulo do trabalho de conclusão de curso da graduação (que antecede esta pesquisa) foi dedicado às estatuetas antropomorfas produzidas durante o Paleolítico Superior, as “vênus”, e às estatuetas antropomorfas da Amazônia pré-colonial, a exemplo das Marajoaras e de Santarém. O objetivo consistia em demonstrar que modelar diferentes materiais para adquirir contornos semelhantes aos corpos

humanos, já fazia parte do repertório cultural de diversas sociedades. Além disso, diferentes pesquisadores, sendo arqueólogos ou não, tinham formulado as mais variadas hipóteses para explicar o significado das estatuetas.

Dessa forma, foram apresentadas no trabalho de conclusão a descrição e a visualização de imagens de oito estatuetas denominadas de “vênus”, sendo elas: Vênus Impudica, Vênus de Hohle Fels, Vênus de Willendorf, Vênus de Lespugue, Vênus de Dolni Vestonice, Vênus de Savignano, Vênus Grimaldi e a Vênus de Brassempouy (figura 6).

Figura 6: Montagem de fotografias mostrando as estatuetas “vênus” na ordem em que estão citadas no texto.



Fontes: Wikimedia commons; Revista Galileu; Mayor Ferrándiz (2011); Vicente Mourre In: preistoriaitalia.it/pt/scheda/statuina-di-savignano-sul-panaro-mo/; Don Hitchcock, 2015 e [Las Esculturas.com](http://LasEsculturas.com).

Já na região da América Pré-colonial as estatuetas revisitadas foram a vênus de Tacarigua, as estatuetas marajoaras e as estatuetas da cultura Santarém (figura 7). A estrutura do texto seguia-se a mesma: breve texto descritivo e apresentação das ilustrações.

Esses artefatos ainda serão trabalhados nesta dissertação, tendo em vista as semelhanças com as estatuetas antropomorfas das estearias, possivelmente compartilhando um mesmo universo cultural e simbólico.

Figura 7: Montagem de fotos da cultura material Marajoara, Santarém e Tacarigua.⁷



Fontes: Acervo Museu Nacional/UFRJ e Delgado (1989) In: [//pueblosoriginarios.com/sur/caribe/venus/tacarigua.html](http://pueblosoriginarios.com/sur/caribe/venus/tacarigua.html).

Portanto, esta seção procurou mostrar que as investigações arqueológicas permitem compreender o Maranhão não apenas como um território marcado por belezas naturais e manifestações culturais que atraem centenas de milhares de turistas todos os anos, mas também como um espaço historicamente ocupado por diferentes grupos humanos, detentor de um vasto acervo material e simbólico que contribui para a compreensão dos processos de povoamento, adaptação ambiental e organização social ao longo do tempo.

1.1 A Baixada Antiga

Para os objetivos pretendidos neste trabalho, merece destaque a microrregião conhecida como Baixada Maranhense que, muito mais que uma demarcação espacial definida e normatizada pelo IBGE como “Baixada Maranhense e Litoral Ocidental Maranhense”, configura-se como uma área territorial e humana mais ampla, um espaço de vivências compartilhadas (Martins, 2024).

Essas vivências atravessaram temporalidades, visto que a Baixada, através de uma interface de ecossistemas, como campos aluviais, manguezais, floresta de várzea, densas

⁷Na parte de cima, da esquerda para a direita: estatueta marajoara, tangas marajoaras, vaso antropomorfo santarém e estatueta santarém. Na parte de baixo, da esquerda para a direita: estatuetas tacarigua.

florestas de galeria até extensas áreas de babaquais, com a presença de uma fauna e flora aquática, foram e ainda são, locais de vivência de várias sociedades.

Nesse sentido, o conceito de Baixada Maranhense merece uma atenção especial neste trabalho já que trata-se do espaço geográfico, físico, social e cultural em que estão localizados os sítios arqueológicos das estearias.

Dessa forma, como afirma Gouveia Neto (2019, p. 57),

A construção da História da Baixada Maranhense, em particular dos municípios que ora se apresentam inseridos no complexo das estearias, passa por muitos olhares e entendimentos sobre o espaço, o tempo, os atores sociais envolvidos, as questões econômicas, políticas, religiosas e todo o imaginário social da população local que ouviu, ao longo do tempo, sobre seus ‘ancestrais’ e os artefatos que muitos utilizavam em suas brincadeiras de casinha com os amigos de infância.

O conceito de Baixada Maranhense não é um conceito acabado, ele está em constante construção, assim como o espaço ao qual se refere. Pensar a Baixada, é pensar em uma multiplicidade de olhares que tem acompanhado a estruturação e evolução desse espaço. A Baixada precisa ser vista, sentida, lida, rememorada e preservada, sobretudo no que diz respeito aos impactos ambientais provocados pelo ser humano na região.

Mas, de fato, o que é a Baixada Maranhense?

Farias Filho (2019, p. 69-70) afirma que

O termo Baixada Maranhense possui três significados distintos contemporaneamente, circunscritos pelos aspectos geológicos, legais e de uso do seu território pela população. Do ponto de vista da Geologia, a Baixada denota importantes planícies de nível de base, formadas a partir de fundos de uma paleorrentrância regional da costa maranhense, parcialmente colmatada por depósitos fluviais, fluviolacustres e fluviomarinhas, que apresenta diversificação em termos de mosaico terra/águas, tipologias de águas, condições ecológicas e agrupamentos bióticos (Ab'Saber, 2004). Do ponto de vista legal, a Baixada pode significar uma Microrregião (composta por 21 municípios) e uma Área de Proteção Ambiental - APA (composta por 35 municípios). Do ponto de vista de uso, a Baixada constitui o complexo de terras baixas circunscritas entre o Golfão Maranhense e o litoral ocidental maranhense, marcadas por inundações periódicas e cujos ciclos de inundações definem diversas atividades da população e dinâmica da biota locais. Enquanto APA, criada pelo Decreto Estadual nº 11.900, de 11 de junho de 1991 e reeditado em 5 de outubro de 1991 (GOVERNO DO ESTADO DO MARANHÃO, 1991), a Baixada Maranhense abrange integralmente os municípios de Central do Maranhão, Alcântara, Guimarães, Bequimão, Pinheiro, Presidente Sarney, Palmeirândia, São Bento, São Vicente Férrer, São João Batista, Arari, Conceição do Lago Açu, Vitória do Mearim, Igarapé do Meio, Cajari, Olinda Nova do Maranhão, Viana, Penalva e Monção. Além desses municípios de Cedral, Serrano do Maranhão, Turilândia, Santa Helena, Mirinzal, Cajapió, Bacurituba, Anajatuba, Pedro do Rosário, Lago Verde, São Mateus do Maranhão, Pindaré-Mirim, Bela Vista do Maranhão e Bacabal.

Do ponto de vista histórico, a região que hoje é concebida como Baixada Maranhense constituía o antigo território da antiga capitania de Cumã, com exceção da parte atual da Baixada Maranhense que está situada à margem direita do rio Mearim (Meireles, 2015 *apud* Martins, 2024). A capitania de Cumã ou Tapuitapera era uma das sete capitanias subsidiárias da capitania geral do Maranhão no início do século XVII, que foram doadas pela coroa portuguesa à família Coelho de Carvalho (Farias Filho, 2013).

Desde o início do processo colonial, grande parte das terras do Maranhão têm sido apontadas como propícias às atividades como a agricultura e a pecuária e o seu processo de ocupação esteve atrelado a isso. As próprias terras da capitania de Cumã e de Tapuitapera foram apontadas como as áreas mais produtivas do Maranhão e que comportavam as freguesias mais bem-sucedidas, especialmente a região de Alcântara (Farias Filho, 2013; Martins, 2024).

A Baixada Maranhense ainda hoje é uma área rica, composta de um complexo sistema lacustre que representa grande importância ecológica, servindo de berçário para a maioria das espécies de peixes, anfíbios, aves, répteis e mamíferos. Os habitantes da região aproveitam da riqueza desses recursos, através da pesca, agricultura, extrativismo vegetal e criação de animais (bovinos, bubalinos, suínos e aves).

As águas da região, o mar, os rios e os pequenos cursos d'água, são parte fundamental da vida da Baixada e dos baixadeiros. É por meio deles que ocorre o entrelaçamento de experiências, de vidas que se cruzam, de seres, pessoas, coisas e ideias, sendo estas opostas ou não (Martins, 2024).

Martins (2024), ao definir de maneira profunda e poética a Baixada Maranhense, já havia atentado para o feixe de conexões entre essa espacialidade e o mundo atlântico:

Entendida como o somatório das espacialidades constituintes das microrregiões da Baixada Maranhense e do Litoral Ocidental Maranhense, a Baixada do Maranhão plasma uma noção de pertencimento assumida por nativos e adventícios, em menor e maior profundidade, de que comungariam uma história comum e de longa duração, que, em linhas gerais, remontaria aos primórdios do estabelecimento e vigência da antiga capitania de Cumã. Desde as primeiras iniciativas lusitanas, esse espaço territorial, relativamente virgem de experiências alienígenas, passou a ser objeto da atividade metropolitana, que promoveu e aprofundou o processo de conquista, ocupação e colonização levado a efeito no território progressivamente denominado como Maranhão (Martins, 2024, p. 31-32).

Ao longo dos séculos, essa área teve sua História atrelada fundamentalmente à baía de São Marcos (mas também, em menor proporção, às baías de Cumã e de Turiaçu), razão pela qual essa ocorrência geográfica entrelaçou e articulou ponderáveis quantitativos dos modos de vida na região

mencionada. Assim, mediante os vasos e estirões comunicantes, aquáticos e terrestres, conducentes a tais baías, foram sendo promovidos variados feixes de conexões da região com o mundo atlântico (maranhense, brasileiro, americano, africano e europeu, principalmente), tendo quase sempre a mediação do porto de São Luís (Martins, 2024, p. 34).

Ao postular a rede de articulações da referida espacialidade, Martins (2024) mostra como a Baixada do Maranhão pôde se estabelecer como um espaço vívido suscetível de estudo sistemático, o que o autor já realiza na sua produção acadêmica. Dessa forma, esta dissertação insere-se no campo da produção intelectual acerca da Baixada Maranhense, todavia, sobre uma Baixada Antiga, um território ancestral já explorado por populações indígenas numerosas que aproveitaram dos recursos naturais existentes na região muito antes da chegada dos colonizadores (Farias Filho, 2013).

O emprego da nomenclatura “Baixada Antiga”, em uma perspectiva decolonial, valoriza não apenas os indivíduos e as populações que atualmente ocupam essa região, ao adotar a terminologia “Baixada” como definidora desse espaço geográfico e sociocultural em um período pretérito, mas também os indivíduos e populações do passado e o conhecimento produzido por eles, ao retirá-los de uma tradição de estudos baseados em nomenclaturas como “pré-história” ou “pré-colonial”, que ainda fazem referência ao colonialismo europeu como marco inaugural das experiências históricas.

Como afirma Mignolo (2021) é necessário realizar uma ruptura política e epistêmica, uma vez que conhecimentos descolonializantes e decoloniais são processos necessários para imaginar, repensar e construir sociedades mais democráticas, justas e não imperiais/coloniais.

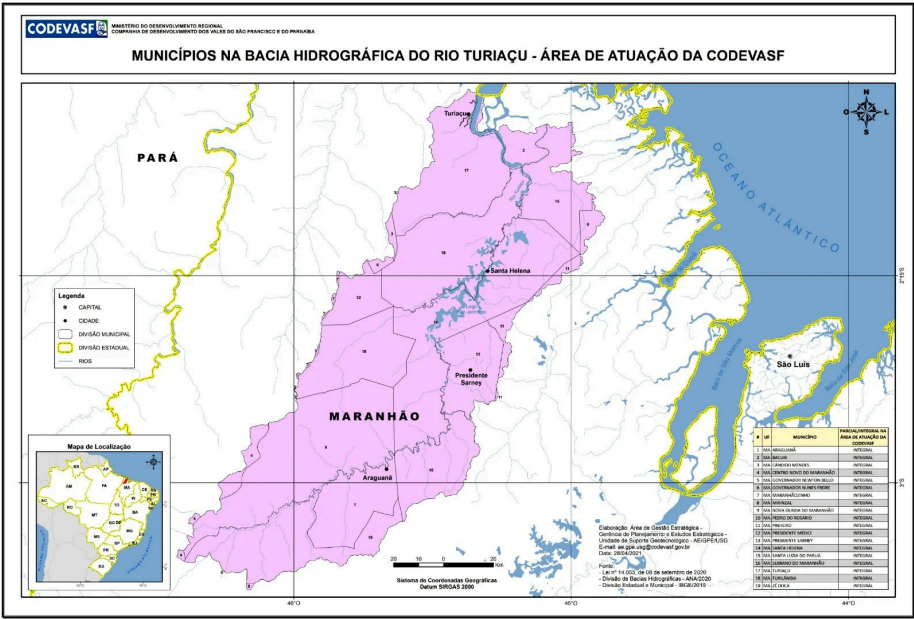
Sendo assim, o centro da esfera do conhecimento ainda é e está ancorado na Europa Ocidental e no trabalho científico produzido pelos povos brancos. Um exemplo claro dessa centralização, encontra-se na grande oferta de disciplinas sobre a Europa nas universidades, inclusive em universidades localizadas na América, Ásia e África (Mignolo, 2021).

Esta dissertação, por exemplo, apesar de problematizar algumas questões pertinentes à produção do conhecimento histórico, arqueológico e antropológico sobre povos indígenas e outras populações minorizadas, ainda alimenta-se dessa mesma produção ao utilizar algumas categorias, conceitos e metodologias criadas pelos povos colonizadores. Todavia, é preciso ter em mente o proposto por Mignolo (2021, p.42): “Se você se engajar na opção decolonial e colocar a antropologia ‘a seu serviço’ [...] então você também estará se engajando em alterar a geografia e a corpo-política do conhecimento.” Ao optar pela opção decolonial, através de uma desobediência e ruptura epistêmica, propõe-se o engajamento de um conhecimento que

visa promover uma política da identidade acerca das populações que habitaram e que habitam a Baixada Maranhense.

1.2 Conexões na bacia hidrográfica do rio Turiaçu

Figura 8: Mapa com os municípios da bacia hidrográfica do rio Turiaçu



Fonte: Companhia de Desenvolvimento dos Vales do Rio São Francisco e do Parnaíba (CODEVASF), 12/12/2025.

As estearias estão localizadas, especificamente, nas bacias hidrográficas de alguns rios da Baixada Maranhense, como o Turiaçu e o Pindaré-Mearim. No caso desta pesquisa, todas as estatuetas estudadas fazem parte de uma única bacia hidrográfica, a bacia hidrográfica do rio Turiaçu (figura 8), localizada no noroeste do Maranhão e que possui uma área de 14.131,00 km² e ocupa 4,31% do território estadual (Lisboa *et al.*, 2024). Abriga cerca de 16 municípios e está inserida na transição entre os biomas de floresta tropical e cerrado, englobando as microrregiões do Litoral Ocidental Maranhense, Baixada Maranhense, Gurupi e Pindaré.

O rio principal, chamado de Turiaçu, nasce na Serra do Tiracambu e percorre longas distâncias até chegar à bacia. Consiste, portanto, em uma área de proteção ecológica e de biodiversidade, englobando ecossistemas de manguezal e duas Unidades de Conservação (UC) de uso sustentável, que são as APAs (Área de Preservação Ambiental) Baixada Maranhense e Reentrâncias Maranhenses e as TIs (Terras Indígenas) Alto Turiaçu e Awá (Lisboa *et al.*, 2024).

Além disso, o rio Turiaçu faz parte da Região Hidrográfica Atlântico Nordeste Ocidental, contemplando os estados do Maranhão e do Pará com coordenadas geográficas que situam-o entre 0°30'S e 6°45'S e 47°45'W a 42°00'W, com uma superfície de 268.897 km², sendo 90% da área pertencente ao Maranhão. Possui 720 km de extensão e o formato do rio é sinuoso semelhante aos demais rios amazônicos (CRH, 2006).

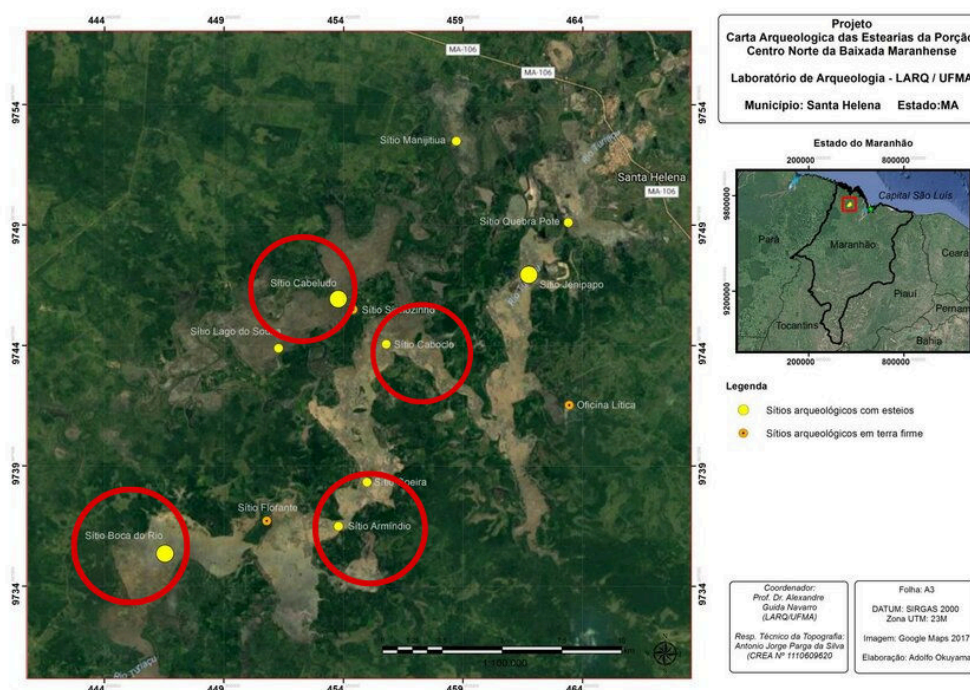
Dessa maneira, o compartilhamento de um mesmo espaço aquático, isto é, a bacia hidrográfica do rio Turiaçu, que, por acaso, é onde estão localizados grande parte dos sítios arqueológicos das estearias, leva a crer, como já apontado por Navarro (2021; 2022), na existência de fluxos de ideias e de estilos entre esses povos da região.

Navarro (2021) já havia apontado a presença de desenhos curvilíneos pretos ou em forma de ganchos, que se encaixam uns aos outros, na iconografia interna e externa de alguns vasilhames cerâmicos. Esses mesmos ganchos estariam presentes na pele da cobra anaconda (sucuri) e poderiam indicar a representação do mito de longa duração indígena da cobra-canoa pelos povos das estearias. Nesse sentido, a cerâmica teria sido o principal veículo de disseminação dessas comunicações mitológicas,

Logo, a serpente representada dentro do vasilhame cerâmico seria a própria sucuri navegando o rio em sua canoa, uma alusão pétrea aos tempos primordiais do mito da cobra-canoa [...] Desse modo, o rio Turiaçu pôde ter sido interpretado pelos indígenas como um microcosmo similar aos mitos de criação apresentados ao longo deste artigo envolvendo o rio Amazonas, em que a sinuosidade de seu corpo hídrico representou o corpo colossal de uma anaconda ou sucuri sobrenatural, a mulher xamã ou a mãe de todos os peixes, divindade criadora. Nesse sentido, cada estearia pôde ter sido criada, mitologicamente falando, pela grande anaconda que percorria o seu curso numa canoa e ia povoando seu curso navegável. Este mundo aquático, semelhante ao do Amazonas, encontrou um terreno fértil para a propagação deste mito (Navarro, 2021, p. 17).

Ao seguir essa mesma linha de interpretação, infere-se que não somente os modos de produzir as estatuetas das estearias, mas as próprias estatuetas parecem ter circulado através da bacia hidrográfica do Turiaçu, dado a proximidade física entre os sítios arqueológicos (figura 9); as semelhanças na disposição dos esteios dentro de cada sítio, seguindo um padrão centro-periferia; as semelhanças no modo de compor as estatuetas e o tamanho delas que favoreceria a circulação.

Figura 9: Mapa das estearias estudadas nesta pesquisa com os sítios arqueológicos destacados com círculos vermelhos.



Fonte: A.G Navarro. Mapa realizado por Adolfo Okuyama.

Não seria somente a proximidade geográfica, mas a proximidade temporal, pois em recentes trabalhos que abordam as estatuetas das estearias, Navarro (2022) e Otaviano (2024) já haviam explorado a datação dos esteios (tabela 1) como evidência de possíveis fluxos de modos de produção cerâmica entre esses povos.

Tabela 1 - Datações radiocarbônicas realizadas em esteios.⁸

Nome do sítio	Datação convencional	Data calibrada (2 sigma)	Data do calendário(2 sigma)	Número Beta Analytic
Estearias do Rio Turiaçu				
Armíndio	930 ± 30 BP	905-865 BP	1045-1085 AD	404757
Boca do Rio	1150 ± 30 BP	1065-995 BP	885-995 AD	406836
Caboclo	1120 ± 30 BP	1055-1015BP	895-935 AD	406835
Cabeludo	1160 ± 30 BP	1065-960 BP	885-990 AD	430864
	1200 ± 30 BP	1112-968 BP	838-982 AD	458479
	1020 ± 30 BP	934-798 BP	1016-1152 AD	492361
	1050 ± 30 BP	963-899 BP	987-1051 AD	458480
	1130 ± 30 BP	1058-932 BP	892-1018 AD	515391
	930 ± 30 BP	844-730 BP	1106-1220 AD	515390
	1080 ± 30 BP	984-905 BP	966-1045 AD	522023
Lago do Souza	1950 ± 30 BP	1926-1785 BP	24-165 AD	492358
	1820 ± 30 BP	1785-1775 BP	165-175 AD	430862
	1990 ± 30 BP	1938-1830 BP	12-120 AD	515392

Fonte: NAVARRO (2022, p. 7).

Embora as estatuetas não tenham sido encontradas por meio de escavações estratigráficas⁹, há o controle da procedência e do local exato do registro da planta do sítio, o que pode fornecer informações de análises comparativas entre os sítios arqueológicos, através das diferenças e semelhanças presentes nos artefatos (Navarro, 2022; Otaviano, 2024).

Dessa forma, à medida que os esteios eram mapeados e georreferenciados (figura 10), os artefatos ao redor dos esteios eram coletados. As datações radiocarbônicas realizadas nos esteios dos sítios arqueológicos do rio Turiaçu estão presentes na tabela 1 e permitem compreender a cronologia de ocupação desses assentamentos lacustres. A maior parte das datações dos sítios Armíndio (ARM), Boca do Rio (BR), Caboclo (CAB) e Cabeludo (CBL) concentram-se entre os séculos IX e XII d.C. O Lago do Souza (SOU) apresenta datações mais antigas, situadas entre os séculos I e II d.C., o que sugere uma ocupação anterior aos demais sítios da região, próxima ao início da era cristã.

⁸A exibição da tabela, neste trabalho, está restrita às esteiras do rio Turiaçu, não aparecendo as estearias do Pindaré-Mearim (Cajari), a exemplo do Formoso. A título de esclarecimento, BP significa “Before Present” datação convencional (idade radiocarbônica bruta) e data calibrada significa o ajuste que é realizado com curvas de calibração para aproximar a cronologia do calendário real.

⁹Escavações estratigráficas são uma técnica dentro da Arqueologia e Geologia para remover, registrar e analisar depósitos de solo, a partir do princípio da superposição, isto é, removem-se camadas do solo (estratos) de maneira inversa à sua formação permitindo compreender a história cronológica do local e realizar as datações dos vestígios com base na sua profundidade em relação à superfície.

O sítio Armíndio (ARM), que possui a maior quantidade de estatuetas da coleção, é o que possui datação mais recente calibrada entre 1045 e 1085 d.C., o que indica uma ocupação relativamente tardia dentro do conjunto das estearias do Turiaçu (Otaviano, 2024). Já o Boca do Rio (BR) apresenta uma datação calibrada entre 885 e 995 d.C., o que revela uma ocupação mais antiga que o Armíndio e situada aproximadamente entre os séculos IX e X d.C.

O sítio arqueológico do Caboclo possui datação semelhante à do Boca do Rio, calibrada entre 895 e 935 d.C., o que parece sugerir uma contemporaneidade entre essas estearias e possíveis dinâmicas de trocas e influências culturais e sociais entre os grupos:

Os sítios Boca do Rio e Cabeludo são os que possuem datas mais aproximadas, entretanto o sítio Caboclo pode ser incluído no rol destas datações. Parece haver uma correlação entre os sítios. O sítio Boca do Rio é o mais distante mapeado, à montante do Turiaçu, este se dista 7,3 km em linha reta do sítio Armíndio, 13 km do Caboclo e 13 km, também, em direção ao sítio Cabeludo (Navarro, 2018) (Otaviano, 2024, p. 203).

O Cabeludo apresenta o maior número de datações radiocarbônicas, pois é o maior deles com 0,74 hectares e 1150 esteios. As datações calibradas variam aproximadamente entre 838 e 1220 d.C., mostrando que o local foi ocupado por um longo período. O sítio do Formoso (FOR) localizado em outra bacia hidrográfica possui datações semelhantes à do Cabeludo, entretanto, observa-se diferenças na cultura material:

O sítio Formoso, que está em outra bacia hidrográfica, possui datações que se assemelham à estearia Cabeludo, entretanto a cultura material deles possuem distinções, o que pode significar que se tratava de grupos culturais diferentes que habitaram esses locais, ou ainda, poderiam ser um mesmo grupo cultural, mas que faziam materiais diferentes, também há a hipótese dessas estatuetas serem de outros grupos e foram encontradas nesses sítios em decorrência de trocas, por exemplo (Otaviano, 2024, p. 203)

Essas datações, as semelhanças na indústria cerâmica e o tipo de moradia (palafitas pré-coloniais) são evidências que têm auxiliado o LARQ/UFMA a pensar possibilidades de fluxos estilísticos regionais dentro da bacia hidrográfica do rio Turiaçu, mas também com a cultura Marajoara e Santarém.

Figura 10: Mapeamento dos esteios das estearias



Fonte: Revista Inovação Fapema.

Desse modo, no que tange às conexões tanto na bacia hidrográfica do rio Turiaçu quanto em outros espaços aquáticos, dado a variedade dos corpos hídricos do estado do Maranhão e o seu potencial para a circulação de pessoas e mercadorias, Martins (2024) mostra que

Tendo sido agraciado pela natureza com uma infinidade de rios, igarapés, lagoas e lagos, o Maranhão dispõe de uma diversidade fluvial invejável, em termos nordestinos (expressa em longas e estratégicas estradas d'água), expressa em poderosa hidrografia que deposita suas águas quase sempre nas baías de São Marcos e de São José (mas também nas baías de Cumã e de Turiaçu). Essa favorabilidade natural permitiu historicamente o estabelecimento de contatos acidentais ou permanentes entre o sertão, de onde procedem tais fluxos líquidos, e o litoral, ensejando um rico feixe de relações, trocas e negócios entre as partes componentes do todo maranhense. Por meio de um desses registros geográficos, a baía de São Marcos, secundada por dois outros similares, em menor proporção (Cumã e de Turiaçu) (Martins, 2024, p. 34).

No que diz respeito à referida bacia hidrográfica, observa-se uma reatualização dessas conexões, principalmente nas imediações das cidades de médio porte, como é o caso de Santa Helena, através da construção de barragens, aterros e pontes que projetam o tráfego de veículos das comunidades rumo às sedes municipais (Chagas *et al.*, 2013).

A barragem no povoado vem sendo construída para facilitar o transporte de mercadorias e pessoas, já que no período de estiagem os barcos de maior porte, que servem para o transporte de pessoas e mercadorias, não circulam, devido à profundidade do rio que em algumas partes fica em média com um metro, somente canoas a remo e rabetas (tipo de canoa com motor de popa). Desse modo, o tempo de viagem dependendo do lugar leva um dia ou mais para chegar ao seu destino, com a barragem leva apenas horas (Chagas *et al.*, 2013, p. 261).

Essas ações antrópicas têm causado mudanças profundas na paisagem, no espaço aquático e no meio ambiente, especialmente aliada à introdução dos bubalinos, que são grandes poluidores na região. Além disso, essas alterações demonstram uma tentativa de conectar comunidades mais isoladas, como é o caso do Povoado Cravo, com a sede municipal, mesmo que os efeitos negativos ao meio ambiente sejam visíveis (Chagas *et al.*, 2013).

Logo, é possível inferir, através dessa relação passado-presente-passado, que os fluxos de pessoas e mercadorias na bacia hidrográfica não ocorrem somente no presente, mas em contextos sociais mais recuados no tempo, a exemplo das estearias.

É muito comum que as pessoas nascidas em contextos sociais marcados pelo advento das tecnologias digitais, a exemplo do final do século XX e início do século XXI, considerem sociedades mais remotas como estagnadas no tempo e no espaço, pois os meios de transporte e comunicação seriam vistos como mais lentos ou precários.

Essa noção não se sustenta, pois a linguagem arqueológica presente nas cerâmicas das estearias, como apontado por Navarro (2021), estaria circulando pelo meio aquático e fomentaria um discurso da perpetuação do mito da cobra-canoa na Amazônia através da bacia hidrográfica do rio Turiaçu, assim como algumas características das estatuetas, como a técnica de queima redutora, a superfície alisada, a posição corporal, a presença da vulva e a pintura vermelha, poderiam indicar conexões internas entre os sítios, e conexões externas com as estatuetas da fase Marajoara (Navarro, 2022).

Logo, as conexões não ocorreriam apenas por meio dos vasilhames e dos elementos iconográficos ofidianos neles presentes, mas também na construção dos corpos humanos e animais como comunicadores sociais e definidores de uma identidade cultural própria, através das estatuetas. Essas fabricações estariam inseridas em um modo pan-amazônico de construção dos corpos, como apontado por Barreto (2014), reflexão que será abordada na seção secundária “Contribuições das histórias globais e conectadas”.

SEÇÃO II - “LEMBRA-TE DE QUE ME MOLDASTE COMO BARRO”¹⁰: BASES TEÓRICAS DOS CORPOS CERÂMICOS

Esta seção aborda os aportes teóricos utilizados, tanto aqueles referentes à área de concentração do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal do Maranhão (PPGHIS/UFMA) que trata-se da “História e conexões atlânticas: culturas e poderes” quanto às questões referentes à linha de pesquisa “Linguagens, Religiosidades e Culturas” que engloba o uso de teóricos e pensadores da História, mas também da Arqueologia e da Antropologia, visto que o trabalho segue uma abordagem transdisciplinar.

De maneira preambular, são evidenciadas as contribuições da área da História, mais precisamente das histórias globais e conectadas. Em seguida, destacam-se as contribuições da Arqueologia e da Antropologia, sobretudo da arqueologia do corpo e da arqueologia de gênero, defendendo a aplicação do conceito de “Fabricação do Corpo” como abordagem teórico-metodológica na construção das estatuetas e na compreensão das sociedades das estearias.

2.1 Contribuições das histórias globais e conectadas

Ao ouvir as palavras “conexão” ou “conectar” é normal que sejam evocadas imagens de processos rápidos de interação em tempo real, como conexões pela internet, wi-fi, *wireless*, com um banco de dados, por fios ou por bluetooth, principalmente no contexto de indivíduos nascidos no século XXI. Percebe-se que quase todos os exemplos citados versam sobre tecnologias criadas a partir do século XX e inseridas no chamado processo de globalização.

Mas tal termo não diz respeito somente ao efeito de conectar algo ou alguém por meio da internet. Seu significado não coloca a interação em tempo real, fruto da internet, como condicionante do processo de conectar. A conexão é um substantivo feminino que significa ato ou efeito de ligar, conectar, unir, que remete a vínculo e esse processo se confunde com a própria história da humanidade, pois os seres humanos se conectam uns com os outros, formam relações e contatos em nível micro e macro social.

E como e por que compreender que os seres humanos estabelecem relações e conexões é importante para este trabalho? Segundo Barros (2019) as últimas décadas do século XX, principalmente em meio a passagem para o novo milênio, foram permeadas pelo nascimento

¹⁰Faz referência a passagem bíblica do livro de Jó (10:9): “Lembra-te de que me moldaste como barro; e queres, agora, reduzir-me a pó?” (Bíblia Sagrada. Traduzida em português por João Ferreira de Almeida. Revista e atualizada no Brasil, 2 ed. Barueri - SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2008. 1664p). A imagem do Oleiro é frequente na Bíblia, principalmente em passagens como em Isaías, Jeremias e Jó que dialogam o fazer cerâmico em uma metáfora da criação, da fragilidade e da transformação humana.

de novas modalidades historiográficas que lidam com os chamados “procedimentos relacionais”.

Essas novas abordagens não surgem à toa, acompanham o ritmo das crescentes experiências de associações entre os países nos aspectos econômicos, sociais e culturais. Desse modo, se o mundo começou a se organizar em grupos maiores de países, a exemplo dos países da África e da Ásia, a partir dos processos de descolonização nesses territórios entre as décadas de 1960 e 1970, eram necessárias novas formas de escrever a História que fossem capazes de compreender essas mudanças (Barros, 2019; Santos e Sochaczewski, 2017).

Nesse sentido, nasce a chamada história global ou *global history* que instigam historiadores e outros pesquisadores de áreas afins a repensarem suas metodologias e objetos de pesquisa sob um viés para além das fronteiras nacionais e de uma perspectiva ocidental e europeia da História (Santos e Sochaczewski, 2017).

Essa corrente pode ser definida como:

[...] Uma alternativa à História Nacional, na medida em que soube salientar os fenômenos de interdependência e os processos de integração em escala planetária. Em uma obra coletiva, publicada em 1993 e intitulada *Conceptualizing Global History*, o historiador Bruce Mazlish definiu a História Global como a análise do nascimento e da evolução do fenômeno recente da globalização econômica, cultural, tecnológica, bem como dos processos que lhe são associados, como a emergência de uma sociedade de consumo planetária, a exploração do espaço, a ameaça nuclear, os riscos tecnológicos, os problemas ambientais etc (Silva, 2020, p. 5).

Santos e Sochaczewski (2017) chamam a história global de um empreendimento intelectual em curso desde o início da década de 1990 e destacam a variedade de abordagens e correntes historiográficas que passam a surgir como a história conectada, cruzada, transnacional, atlântica, comparada, mundial e tantas outras que revelam uma disputa interna no campo da História. Apesar disso, todas essas tendências compartilham uma crítica ao nacionalismo metodológico e ao Estado-nação como eixo de análise, além de buscar pela superação das visões eurocêntricas e ocidentais da História.

Nesse sentido, como este trabalho analisa uma fonte documental não escrita, produzida no período da América antiga ou pré-colonial e por sujeitos indígenas, muito provavelmente mulheres (Lévi-Strauss, 1985; Skibo e Schiffer 1995; Budja, 2016), nota-se que apresenta uma perspectiva decolonial da História que busca analisar as estatuetas não apenas como objetos arqueológicos, mas como testemunhos materiais das cosmologias, práticas culturais e sistemas de saberes dessas sociedades. A análise dessas estatuetas permite questionar as narrativas hegemônicas que frequentemente marginalizam ou silenciam a participação ativa de mulheres, povos originários e outros grupos sociais minorizados na construção histórica,

valorizando a oralidade, a simbologia e os modos de expressão que escapam aos registros escritos tradicionais produzidos pelas sociedades colonizadoras.

Pensar a história da América sem o filtro da colonização é um exercício complexo, uma vez que persiste uma tendência de direcionamento do olhar histórico para o Ocidente. Ao se propor uma reflexão para que as pessoas pensem no ano 1000 d.C., e questionar: O que ocorria na região atualmente concebida como América? Muitas pessoas responderiam “nada” ou dariam uma resposta genérica de que viviam sociedades indígenas neste território. Pouquíssimas diriam que nesse ano os povos das estearias, a cultura marajoara e a cidade de Chichén Itzá, construída pelos maias, estavam vivendo o seu auge ou que estava ocorrendo a queda da civilização Cahokia no que hoje é o atual território dos Estados Unidos. Tal perspectiva evidencia que o olhar historiográfico da maioria das pessoas estará direcionado para os acontecimentos do continente europeu (Navarro, 2024).

Portanto, essas novas tendências que têm surgido apresentam um ponto em comum nas análises documentais: a superação do eurocentrismo/ocidentalismo. Mas qual ou quais dessas tendências seriam as mais adequadas para nortear este trabalho? Considerando somente a fonte, isto é, observando a grosso modo as estatuetas, uma das primeiras coisas que tem chamado atenção, além claro da vontade de expressar tipos de corpos na cerâmica, é o seu tamanho. Sempre feitas de maneira miniaturizada, não superando 30 cm e algumas, como será discutido posteriormente, possuem orifícios para uso em suspensão. Infere-se, portanto, que a portabilidade foi uma característica primordial para a construção desses artefatos. Por algum motivo os ceramistas não queriam um objeto grande, como uma estátua para fixar em um local, queriam algo que fosse portátil, fácil de manusear e transportar.

Essa característica conversa com a própria disposição dos sítios arqueológicos que são na mesma região e contemporâneos entre si, favorecendo a circulação desses artefatos¹¹. Ademais, os modos de fabricação das estatuetas das estearias, apesar de singulares e frutos de uma indústria local, apresentam muitas semelhanças com as estatuetas produzidas por outras sociedades indígenas amazônicas, como a Marajoara e a de Santarém (Navarro, 2022).

Desse modo, é possível pensar em processos de interações, conexões e circulação desses artefatos, o que coloca a história conectada e comparada como um campo essencial para compreender as dinâmicas de troca e influência entre essas sociedades. Essas abordagens permitem analisar não apenas as particularidades de cada cultura, mas também os fluxos de conhecimento, pessoas, ideias, técnicas e estilos artísticos que atravessam esses territórios e

¹¹Discussão levantada na seção secundária “Conexões na bacia hidrográfica do rio Turiaçu”.

temporalidades, contribuindo para uma compreensão mais ampla e integrada das redes de sociabilidade e cooperação existentes na América antiga e na Amazônia pré-colonial.

Diversos autores já apontaram as semelhanças entre as estatuetas produzidas na Amazônia, dado as semelhanças na indústria cerâmica (Roosevelt e Navarro, 2021; Barreto, 2016; Gomes, 2016). Sabe-se que na Arqueologia, alguns pesquisadores e pesquisadoras, especialmente aqueles ligados ao histórico culturalismo, organizam o estudo da cultura material em fases e tradições, focados na identificação de “culturas arqueológicas”, associando formas materiais homogêneas a uma cultura específica.

Nesse sentido, o conceito de fase diz respeito a uma unidade de tempo e espaço que apresenta um período específico e um conjunto particular de características culturais em uma determinada área geográfica. Algumas características são: conjuntos de artefatos, estilos de cerâmica, ferramentas, padrões de assentamento e outros aspectos culturais que são relativamente homogêneos em um determinado intervalo de tempo. Logo, podemos falar em fase Marajoara¹².

Já a Tradição arqueológica é um conceito mais amplo que diz respeito a uma continuidade cultural ao longo de um extenso período de tempo. Logo, uma Tradição pode englobar várias fases e é identificada por elementos culturais que persistem através de diferentes fases e áreas geográficas, corroborando com a ideia de fluxos culturais. Algumas características são: a estabilidade de elementos culturais ao longo de muitos séculos, como as técnicas de fabricação cerâmica, estilos de decoração ou padrões de subsistência. Nesse sentido, um dos exemplos é a Tradição Polícroma da Amazônia (TPA)¹³.

Desse modo, é perceptível as semelhanças entre a cerâmica produzida nas estearias com a cerâmica produzida em Marajó e em Santarém. Contudo, o compartilhamento de elementos nas cerâmicas da Tradição Polícroma, segundo Barreto (2016, p.118), é menos um conjunto de técnicas relativas à utilização das vasilhas e mais um modelo ideológico veiculado através de uma determinada linguagem visual, onde se pode observar a policromia, a maneira de fabricar e compor corpos e a recorrência de determinados temas, como a presença das serpentes nos motivos geométricos ou nos apliques na cerâmica e, mais importante, na concepção de como os seres são formados.

¹²Os Marajoaras ou cultura de Marajó foi uma sociedade indígena que floresceu na porção leste da Ilha de Marajó entre 400 a 1400 d.C., nas proximidades do Rio Amazonas na Era pré-colombiana. Segundo Roosevelt e Navarro (2021, p. 66): “A civilização Marajoara foi uma das mais ricas e complexas sociedades da era cristã e criadora da Tradição Polícroma”.

¹³A Tradição Polícroma da Amazônia (TPA) tem como característica principal a pintura vermelha e/ou preta sobre engobo branco (Barreto *et al.*, 2016). “A Tradição Polícroma da Amazônia foi proposta por Howard (1947) e depois melhor caracterizada por Meggers e Evans (1957). Os elementos materiais que a caracterizam são a pintura em preto e vermelho sobre o fundo branco [...]” (Navarro, 2021, p. 8).

Dessa forma, emergem questões como: Por que se fabricavam corpos cerâmicos antropomorfos na Amazônia? Esses objetos fariam parte de um mesmo universo material e simbólico, isto é, da fabricação de pessoas na Amazônia? Por qual motivo a vulva é perceptível, ao contrário do pênis e dos testículos que não foram fabricados de maneira explícita nas estearias e que aparecem de maneira implícita na cultura Marajoara e de Santarém?

Nota-se que todas essas discussões, questionamentos, levantamentos e percepções sobre a cerâmica das estearias, de Marajó, de Santarém e também de outros grupos indígenas na Amazônia levam a crer que houve fluxos estilísticos e trocas culturais, com contato físico ou não de pessoas, circulando mercadorias, ideias, saberes e práticas culturais. Autores como Lathrap (1970 *apud* Gomes, 2002) já apontavam as semelhanças entre certos estilos cerâmicos e traços tecnológicos como evidência de uma expansão Caribe:

A semelhança de certos estilos cerâmicos e de traços tecnológicos que se espalham a partir de 500 A.D., desde o quadrante nordeste da bacia amazônica, para outras partes adjacentes da América do Sul, relaciona-se com a expansão Caribe. Bastante conhecida durante o período do contato, a expansão Caribe se difundiu rapidamente pela costa da Guiana, nas terras baixas da Venezuela, Colômbia e nas Antilhas menores, segundo o autor, destruindo os padrões sociais de grupos indígenas (Lathrap, 1970 *apud* Gomes, 2002).

Barreto (2016, p. 123) sugere como esse fluxo estilístico estaria presente na indústria cerâmica, sobretudo na Marajoara,

Isto pode ser feito de diferentes maneiras, como, por exemplo, replicando morfologias, técnicas ou motivos gráficos (conjunta ou separadamente) que serão percebidos ou reconhecidos como associados a um determinado grupo, podendo-se ainda reter, mesclar ou modificar elementos locais tradicionais [...] O conjunto artefactual Marajoara apresenta alguns itens que são particularmente mais propícios a este tipo de análise, que são os raros objetos em pedra verde (nephrita ou jadeíta), que aparecem associados aos contextos funerários, tais como pingentes, muiraquitãs, contas de colar e labretes. A falta destas matérias-primas na ilha, assim como os poucos exemplares conhecidos, atestam a sua origem externa, assim como o seu caráter de item raro, de difícil acesso e, por isso, de maior valor, constituindo assim o que Boomert (1987) identificou como insígnias de prestígio que circulavam através das extensas redes de trocas entre as elites de grupos do Baixo Amazonas, Orinoco e Caribe.

Destarte, qual o melhor campo historiográfico para permitir essas análises do que as histórias conectadas e comparadas?

Seriam, portanto, a história conectada e a história comparada a mesma tendência? Parte-se do entendimento que não. Apesar de semelhantes, a história comparada aproxima ideias e realidades práticas que nunca se tocaram de fato, de maneira temporal ou espacial.

Segundo Barros (2007), a história comparada é uma modalidade historiográfica fortemente marcada pela complexidade que estabelece um duplo ou múltiplo campo de observação. No entanto, pode estar sujeita a riscos como o anacronismo, a analogia enganadora, a generalização indevida e a indução mal encaminhada.

Segundo o mesmo autor,

Trata-se de iluminar um objeto ou situação a partir de outro, mais conhecido, de modo que o espírito que aprofunda esta prática comparativa dispõe-se a fazer analogias, a identificar semelhanças e diferenças entre duas realidades, a perceber variações de um mesmo modelo [...] Será por fim possível, se o que se observa são dois objetos ou realidades dinâmicas em transformação, verificar como os elementos identificados através da comparação vão variando em alguma direção mais específica – de modo que se possa identificar um certo padrão de transformações no decurso de um tempo – e, mais ainda, se temos duas realidades contíguas, como uma influencia a outra, e como as duas a partir da relação recíproca terminam por se transformar mutuamente (Barros, 2007, p. 5).

E quanto a história conectada? Como já abordado, trata-se do contato que pode ser físico ou não, de realidades que compartilham redes de circulação direta ou indireta. Para Subrahmanyam (2020) a história conectada seria uma das alternativas para combater histórias comparativas como uma abordagem na História, visto que frequentemente se baseiam em uma sabedoria convencional geral, em que os especialistas em áreas específicas se veriam apenas “encaixados” em um panorama geral ou, então, totalmente excluídos dele e, nesse sentido, não seria realmente possível um verdadeiro compromisso dialético entre os especialistas da área e o generalista (mesmo aquele que o seja temporariamente).

A história conectada, por sua vez, enfatiza as interconexões e influências entre diferentes contextos históricos, em oposição à simples comparação de histórias isoladas. As ideias e construções mentais, segundo o Subrahmanyam (2020), também circulariam através das fronteiras físicas e políticas. Estas seriam mais como pontos de conexão do que barreiras ou divisões entre pessoas, ideias, conhecimentos, mercadorias e práticas culturais. Diante disso, adota-se o posicionamento de que a história conectada constitui a linha teórica mais adequada para orientar a presente pesquisa.

2.2 Contribuições da História e da Arqueologia para os estudos do corpo e de gênero

Nos últimos anos um tipo específico de fonte histórica tem sido estudada pelas ciências humanas e sociais, trata-se do corpo humano. Tal afirmação, contudo, não implica ignorar décadas e décadas de estudos da ciência médica sobre o corpo. No entanto, as indagações da medicina, da anatomia e da fisiologia focam no corpo biológico, dissecando-o,

medindo-o, analisando seus movimentos, o processo da reprodução humana e as enfermidades que acometem o corpo, o que torna o enfoque diferente do empreendido pelas ciências humanas. Dessa forma, “o corpo interpretado pela história das ciências remete ao estudo do progresso dos conhecimentos em anatomia e fisiologia da reprodução - espermatozoides e óvulo, testículos e ovários, natureza da ovulação e da menstruação, etc.” (Del Priore, 1994, p. 51).

Todavia, o estudo do corpo dentro das ciências humanas e sociais revela-se um tema de infinitas proporções, pois pode ser analisado sob o viés religioso, político, estético, cultural, social, psicológico, jurídico e econômico. Falar sobre o corpo é falar sobre tudo que cerca o indivíduo e o contextualiza (Corbin *et al.*, 2012). A existência é antes de qualquer coisa corporal (Le Breton, 2012). Portanto, o sujeito só existe encarnado e não se pode colocar nenhuma distância entre o eu, a consciência, e o seu corpo (Corbin *et al.*, 2012).

Todavia, a transcendência também é objeto de estudo e de reflexões ligadas ao corpo, nos fenômenos do sono, do coma, da metamorfose, da possessão, do êxtase e da morte (Corbin *et al.*, 2012). Em razão, principalmente, da influência da religião cristã na região hoje concebida como Ocidente, há uma separação entre o corpo enquanto carne, matéria efêmera e o eu, a alma, espírito ou consciência: “A apologia ao corpo é, sem que se tenha consciência, profundamente dualista, opõe o indivíduo ao corpo e, de maneira abstrata, supõe uma existência para o corpo que poderia ser analisada fora do *ser humano* concreto” (Le Breton, 2012, p. 10, grifo da autora).

Além disso, uma certa ambiguidade perpassa o discurso cristão sobre o corpo, uma vez que é tanto visto como a mais bela obra da criação e como corpo de Cristo dado ao sacrifício, quanto é visto como corpo depreciado do pecador, que é o receptáculo de tudo aquilo que desagrade ao Deus cristão (Gélis, 2012). É preciso lembrar que durante o renascimento europeu o corpo deixou de ser concebido somente como fonte de pecado e passou a ser visto como obra de arte e objeto de estudo da ciência.

Nesta dissertação, compreende-se que o corpo é o local da existência e da vivência social e que os processos pelos quais é submetido são cotidianamente construídos. Nesse sentido, torna-se mais evidente compreender a maneira pela qual os indivíduos se relacionam com seus próprios corpos em determinado tempo e espaço social (Le Breton, 2012; Navarro, 2022). Se hoje o corpo parece mais exposto e livre é resultado da forma como cada indivíduo enxerga seu próprio corpo e, conseqüentemente, a sociedade o enxerga. Toda a carga de gestos, posturas e manifestações corporais só carregam sentido mediante o conjunto de dados da simbologia própria do grupo social (Le Breton, 2012).

É verdade que hoje o corpo parece estar ainda mais em evidência, dado as recentes discussões sociais e políticas sobre o corpo, que extrapolam o espaço das conversas corriqueiras e ganham espaço no ambiente da política partidária, da mídia e também da academia (Diniz, 2023). Talvez seja o fruto de um processo de exibição maior dos corpos nas mídias sociais, como é o caso do *Instagram* e *Tik Tok*, que evidenciam a imagem em detrimento da palavra escrita ou talvez seja resultado de uma busca constante por procedimentos estéticos, por academias de musculação ou o crescente apelo aos esportes de atletismo, como por exemplo o fisiculturismo, que focam no desenvolvimento da musculatura para fins estéticos. O fato é que o corpo está em evidência,

Serão os nossos, tempos em que a saúde passou a ser considerada como “o mais precioso dos bens humanos”? Serão estes, tempos em que existe um conflito entre saúde e erotismo e onde o imbricamento entre a noção mesma de saúde e aquela de vida invade o cotidiano, valorizando os corpos? [...] O corpo passou a ser estudado, bem como as convenções, categorias e rituais que, através dele, se podem recuperar. As razões precisas para a constituição do corpo enquanto objeto de história certamente têm a ver com a atenção moderna ao ser físico (Del Priore, 1994, p. 49-50).

Essa evidência não significa que o corpo estava no esquecimento anteriormente. A história do corpo, assim como tantas outras histórias, não segue um percurso linear mas, ultimamente, algo mudou no estudo desse objeto, como argumenta Greiner (2005, p. 15):

Sem divagar demais sobre o tema e apesar das dificuldades de reconhecimento do corpo para tanta gente, não se pode negar que alguma coisa mudou nos últimos anos, levando muitos a repensar não apenas os seus próprios corpos como todo um campo de estudos até então muito pulverizado. Em termos de pesquisa teórica, por exemplo, nota-se uma diferença gritante no que diz respeito ao entendimento e aos modos de descrição do corpo, sobretudo a partir do começo do século XX. Mas a história do corpo, como todas as outras, não é sequencial. Corre para frente mas desestabiliza, o tempo inteiro, o passado, modificando-o e lançando projeções futuras.

Dessa forma, alguns pesquisadores já trabalharam a temática do corpo humano e merecem destaque aqui. Esses pensadores, todavia, são em sua maioria, pesquisadores europeus, evidenciando, portanto, o estudo do corpo através de uma abordagem ocidental que, infelizmente, ainda renega ao esquecimento ou a subrepresentação determinados corpos, como os corpos indígenas, negros, gordos, deficientes, etc. Essas abordagens, portanto, devem ser tomadas com cautela e senso crítico, uma vez que não podem e nem devem ser ignoradas, dado a sua influência nas postulações ocidentalistas sobre o corpo.

Foucault (2014) ao analisar a evolução das práticas de punição e do sistema penal ao longo da história ocidental, em especial na França, define o corpo como instrumento ou

intermediário das relações de poder. Essas relações exercem alcance imediato sobre o corpo, o investem, o marcam, o dirigem, o corrigem, submetem-no a suplícios e sujeitam-no a trabalhos, obrigam-no a posturas, códigos, cerimônias e gestos, disciplinando o corpo em ambientes como escolas, hospitais, fábricas, casernas, etc.

Além disso, a própria alma (apontada aqui na dicotomia alma-corpo) não seria um elemento transcendente, como aponta Foucault (2014), mas um mecanismo normativo que forma, treina e regula o corpo. Dessa forma,

Em *Vigiar e Punir*, Foucault argumenta que a “alma” torna-se um ideal normativo e normatizador segundo o qual o corpo é treinado, formado, cultivado e investido; ela é um ideal especulativo (*idéal spéculatif*) historicamente específico em cujo abrigo o corpo é efetivamente materializado [...] Aqui, o corpo não é uma materialidade independente investida por relações de poder que lhe são externas, mas é aquele no qual a materialização e o investimento são coextensivos (Butler, 2020, p. 70-71).

Apesar de ter sido extensivamente estudado, debatido, analisado e utilizado como linha teórica em trabalhos que focam na questão do corpo e da sexualidade, as obras de Foucault (2014; 1979; 1986) tem sofrido algumas críticas no sentido de ter centralizado suas análises na Europa, sobretudo na França: “O que Foucault não teve foi a experiência colonial e o interesse político propelidos pela ferida colonial” (Mignolo, 2021, p. 38). Apesar disso, como afirma Legg (2013), Foucault foi inacreditavelmente influente em estudos pós-coloniais, mesmo com a ausência do colonialismo em suas obras. Outrossim, Legg (2013) apontou as falhas de Foucault em analisar o motivo pelo qual o poder era obtido e mantido.

Pelo fato do poder em Foucault ser sempre relacionado, compartilhado, desconcentrado e não tutelado, que estaria presente em grandes instituições, mas também em elementos pequenos, como seria possível, portanto, explicar a violência e o poder exercido por uma estrutura como o colonialismo, se o poder seria compartilhado entre o senhor e também seu escravizado? Para Legg (2013), Foucault não parecia ser o autor certo para se pensar o domínio colonial e a violência desse processo, somado ao fato de ter restringido suas análises à experiência francesa. Mesmo com essas críticas, é inegável que Foucault exerceu muita influência sobre trabalhos ligados à questão do corpo e da sexualidade e compõe uma parte importante da história do estudo desse objeto.

Já para Le Breton (2012), o corpo passa a ser o centro dos discursos sociais a partir do final dos anos 1960 que levam os pesquisadores, sobretudo das ciências sociais, a propor abordagens que levam em consideração as modalidades físicas da relação dos atores sociais com o meio social e cultural que os cercam.

O autor destaca, então, as contribuições de Baudrillard (1976;1970), Foucault (1976;1975), Elias (1973), Goffman (1974;1975), Douglas (1973; 1971; 1971a), Birdwhistell (1973; 1952), Turner (1996; 1992) e Hall (1966) que encontram nesse objeto de estudo uma via inédita e fecunda para a compreensão de questões ligadas à modernidade. Outros nomes como Loux (1979; 1981; 1978), Bernard (1976; 1976a), Berthelot (1985), Vigarello (1988; 1985; 1978) e o próprio Le Breton (2000; 1999; 1998; 1993; 1992) dedicam-se a compreender de modo sistemático as lógicas sociais e culturais que se conectam na corporeidade (Le Breton, 2012).

Um ponto fundamental nas atuais pesquisas sobre corpo, e que já eram apontadas por Le Breton (2012), é que qualquer pesquisa sobre o corpo requer antes de qualquer coisa a construção de seu objeto, isto é, o que é o corpo? Para Le Breton (2012), não existe obviedade nessa definição. O corpo não é uma natureza, não é somente um elemento biológico que encarna o ser humano. O corpo nem sequer existe, pois as percepções sociais sobre os seres humanos costumam ser organizadas em categorias como “homem” e “mulher” ou “masculino” e “feminino”. Não se vê corpos, mas sujeitos socialmente significados. Para o autor, o indivíduo não possui um corpo, ele é seu próprio corpo.

Não sendo possível pensar no corpo isoladamente e muito menos como tendo o mesmo significado pelo conjunto das comunidades humanas, dado imediatamente ao observador. O corpo parece explicar-se a si mesmo, porém nada é mais enganoso. Ele é uma falsa evidência, não é um dado inequívoco, mas socialmente construído, fruto de uma elaboração social e cultural (Le Breton, 2012).

Shilling (2005) ao falar sobre a relação entre corpo e sociedade, também observa que o sujeito físico, nos últimos anos, passou a ter uma visibilidade excepcional, mas que ainda parece desaparecer quando se faz a pergunta: O que é o corpo? Denotando que há uma dificuldade em delinear claramente esse conceito, sem que se recorra ao aspecto biológico.

Para Greiner (2005) o substantivo corpo vem do latim *corpus* e *corporis* e faz parte da mesma família das palavras corpulência e incorporar. Além disso, o termo corpo normalmente designava o corpo morto, o cadáver, em oposição à alma ou anima (Dagognet, 1992 *apud* Greiner, 2005).

Greiner (2005, p. 17) afirma ainda que:

No entanto, no antigo dicionário indo-iraniano teria ainda uma raiz em *krp* que indicaria forma, sem qualquer separação como aquela proposta pela nomeação grega que usou *soma* para o corpo morto e *demas* para o corpo vivo. É daí que parece nascer a divisão que atravessou séculos e culturas separando o material e o mental, o corpo morto e o corpo vivo. Neste sentido, a noção de corpo teria a ver também com sólido, tangível, sensível e

sobretudo banhado pela luz, portanto visível e com forma. Como o corpo se compõe de muitos elementos acabou designando ainda tudo que está reunido como uma “corporação”. Assim, o corpo poderia ser entendido também como corpo de uma doutrina ou corpo da lógica. Já a carne ou o carnal (em grego *sarx* e em latim *caro*) implicaria em *keiro*, do grego cortar, destacar, “dividir a carne das bestas, os sacrifícios para a refeição comum” (op.cit.). O que se percebe em todas essas nomeações é a necessidade de estabilizar algo em torno de um objeto para que este represente o que resiste ao que poderia ser desfeito — a solidez como espécie de solidariedade entre seus componentes, a coerência, a coesão e a figurabilidade ou a face própria para cada entendimento de corpo.

Em uma perspectiva mais atual no que diz respeito às reflexões e definições sobre o corpo, Butler (2020) explora a relação entre corpo e linguagem, afirmando que ao postular que o corpo é anterior à linguagem, ele é na verdade um produto da própria linguagem. Isto quer dizer que os significados sobre o corpo não apenas o representam, mas o constituem, tornando algo que é fruto da ação da linguagem. A linguagem teria, portanto, um papel criativo e performativo na formação do corpo. Ademais, observa a complexidade da materialidade dos corpos, argumentando que esta não é apenas fruto da linguagem, porém está ligada a ela pela interdependência entre materialidade e significação.

Ao falar sobre essa temática, merece destaque um fenômeno curioso que tem tomado as redes sociais nos últimos anos: o chá-revelação. O chá-revelação é uma festa para descobrir o sexo biológico do bebê que foi popularizada nos Estados Unidos e tornou-se muito comum no Brasil. A festa conta com a divisão de duas cores, azul e rosa, para definir, respectivamente, o sexo masculino e o sexo feminino. Também é possível encontrar a variação de cores para o verde e o roxo ou lilás. Apesar de ser uma festa que reúne a família para celebrar uma nova vida, há toda uma construção acerca do corpo do bebê que ainda nem nasceu, de expectativas sobre a personalidade, gostos e até as possíveis atuações profissionais com base no órgão sexual. Essa celebração, portanto, é um exemplo de como o corpo já está sendo construído mesmo antes da existência no mundo externo.

Outro pesquisador que também trabalha a importância do corpo na decolonialidade é o Walter Dignolo. Para o autor, o sujeito subalterno, isto é, aquele que faz parte de um grupo social historicamente minorizado, faz uso do seu corpo para rejeitar o poder dominante, adotando uma postura de desobediência epistêmica. Dessa forma, “A corpo-política descreve as tecnologias decoloniais praticadas por corpos que perceberam que eram considerados menos humanos, no momento em que se deram conta que o próprio ato de descrevê-los como menos humanos era uma reflexão radicalmente desumana” (Dignolo, 2021, p. 44).

No que tange à Arqueologia, o interesse pelos estudos sobre o corpo tem crescido significativamente. Assim como na História, é essencial reconhecer que as análises, reflexões e formulações de hipóteses, ocorrem sempre a partir do presente. Sendo evidente o pensamento de Certeau (2011) de que toda pesquisa se articula com o lugar de produção socioeconômica, política e cultural, sendo submetida aos fatores externos que definem o lugar social dos pesquisadores.

Nesse sentido, as relações entre corpo e sociedade se modificam ao longo do tempo, influenciando diretamente a maneira como o corpo é compreendido, fabricado e representado na Arqueologia. Essas mudanças têm contribuído para a construção de novas percepções e abordagens sobre o corpo no campo arqueológico (Da Silva e De Castro, 2018).

Segundo Polo e Leite (2019) desde sua constituição como disciplina, a Arqueologia esteve interessada no corpo, na sua figuração em algum suporte como a cerâmica ou a rocha, mas também nos registros funerários e seus acompanhamentos e nos remanescentes humanos. A Arqueologia do século XIX, profundamente marcada pelo pensamento evolucionista darwinista, também se interessava pela categorização dos seres humanos em tipos “raciais”, principalmente através de estudos craniométricos.

No que diz respeito ao estudo do corpo e da corporeidade na arqueologia amazônica, o debate tem florescido nas duas últimas décadas, porém ainda de maneira incidental, que de acordo com Polo e Leite (2019), já era esperado, dado o potencial da região, que conta com uma grande presença de artefatos figurativos em seus complexos arqueológicos.

Barreto (2014), ao falar desse potencial, afirma que as formas de fabricação do corpo faziam parte do repertório artístico das diferentes ocupações pré-coloniais da Amazônia, parte de um modo pan-amazônico de se conceber o corpo, assim como especificidades ao nível da linguagem de representação. Ademais, reafirma os fluxos estilísticos entre as sociedades antigas da Amazônia e os povos andinos e *circum*-caribenhos que também colocam o corpo em evidência em suas indústrias cerâmicas, conectando os fabricantes aos objetos produzidos.

Rahmeier (2007), parafraseando Christopher Tilley (2004) e Merleau-Ponty (1999), afirma que o corpo vivo é mais que a combinação dinâmica entre sujeito e objeto. Portanto, é impossível ser puramente objetivo ou puramente subjetivo. O mundo se daria na interação entre pessoas e coisas, através de uma abordagem fenomenológica, em que o mundo exterior e o universo interior seriam tão intrinsecamente ligados e interdependentes, não sendo possível falar em sujeito e objeto de forma isolada.

Tal autora é defensora da arqueologia experimental, que é uma metodologia científica dentro da Arqueologia que busca reproduzir, testar e analisar técnicas, ferramentas e

atividades realizadas por sociedades antigas. Um método que está assentado nas experiências sensoriais, isto é, por meio do tato, olfato, paladar, visão e audição para sentir o mundo do mesmo modo que seus antepassados. Essa metodologia estaria ancorada na ideia de que a experiência corporal entre os indivíduos do passado e do presente não seriam tão diferentes, visto que o corpo humano é basicamente igual, ou seja, “uma vez que os seres humanos modernos, *Homo sapiens sapiens*, compartilham o mesmo nível biológico, sua experiência corporal será similar” (Rahmeier, 2007, p. 38).

O perigo desta metodologia está na generalização dos comportamentos humanos com base no fator biológico ou genético. Como será discutido adiante, até os comportamentos, gestos, ações e emoções que acreditam-se ser naturais da espécie humana são construídos no decorrer da existência e das relações entre os seres humanos e o meio circundante: “O ato se impõe de fora, de cima, mesmo que seja um ato exclusivamente biológico, relacionado ao seu corpo”¹⁴ (Mauss, 1934, tradução própria).

Apesar disso, a arqueologia experimental é extremamente importante, pois aproxima os pesquisadores do modo de vida das sociedades antigas, oportuniza a fabricação de cerâmica, através da experimentação de técnicas de modelagem, decoração e queima e facilitam o ensino e a comunicação da Arqueologia ao público. Há, dessa maneira, uma doação do corpo vivo do pesquisador para a pesquisa através da experimentação, bem além do processo de entrada nos sítios arqueológicos para realizar as escavações.

Nota-se que da mesma forma que a arqueologia experimental tende a quebrar com a prevalência dos métodos quantitativos e análises sistemáticas, a arqueologia do corpo propõe reflexões e novos olhares para o corpo humano no registro arqueológico, trazendo o corpo como ponto de relações e significados culturais, sociais e simbólicos. A arqueologia do corpo reconhece que o corpo humano não é apenas uma entidade biológica, mas também um espaço de construção identitária, poder e memória.

Dessa forma, como o estudo das estatuetas se relaciona com a história e a arqueologia do corpo? Trata-se da análise de artefatos que apresentam formas remetendo aos corpos humanos, seja de maneira naturalista ou estilizada. Essas estatuetas foram fabricadas a partir de elementos que evocam o corpo humano, total ou parcialmente, seja de forma simbiótica ou não, integrando esses aspectos na ornamentação, na pintura ou na base sobre a qual foram confeccionadas.

¹⁴Do original: L'acte s'impose du dehors, d'en haut, fût-il un acte exclusivement biologique, concernant son corps.

2.2.1 Olhar etnológico e olhar dissidente: contribuições do Perspectivismo Ameríndio e dos estudos Queer

Os estudos do corpo, os estudos feministas e os estudos de gênero abriram um leque de possibilidades de estudo sobre o corpo, a corporeidade, a identidade, o gênero e a sexualidade dentro do campo da Arqueologia. Exemplo de que a ciência não é neutra e descolada da realidade vivida pelos sujeitos sociais, que se dispõem a estudar temporalidades tão remotas.

Com a abertura dessas perspectivas, é crucial refletir sobre as contribuições da etnologia amazônica e da crítica dos estudos *queer* para os estudos sobre o corpo na Arqueologia. No que tange à arqueologia amazônica, a etnologia regional acabou por fornecer um arcabouço à temática, sobretudo, a produção de Eduardo Viveiros de Castro e seus colaboradores e a de Fernando Santos-Granero, e até a própria noção de corpos fabricados, que será abordada posteriormente, acabou por beber na fonte da etnologia e etnografia (Polo e Leite, 2019).

Dessa forma, fica evidente o exposto por Oliveira (2020, p.7)

A Etnologia das terras baixas descreve uma concepção ontológica que rege a criação dos objetos, compreendendo-os como corpos agentes e sociais. Essas associações podem ser mais diretas, como no caso clássico do tipiti Wayana, que é produzido à imagem da serpente mitológica e, por isso, adquire suas capacidades constritoras (van Velthem, 2009), ou mais indiretas, como na morfologia das cerâmicas dos Asurini do Xingu, em que as partes do vaso são classificadas como ‘lábio, boca e bunda’, e o processo de manufatura é descrito com analogias aos processos de produção do corpo humano (Silva, 2000, pp. 72-73).

Barreto (2014a) também afirma que nas últimas décadas houve uma ênfase, dentro da etnologia amazônica, na “fabricação do corpo” como processo de construção das identidades e da sociabilidade nas sociedades ameríndias. Também faz um alerta no sentido de: “Embora essas teorias tenham sido propostas para o presente etnográfico, e apesar do risco de anacronismo e analogia etnográfica inadequada, elas são extremamente úteis para *insights* sobre os papéis que as estatuetas podem ter desempenhado em contextos passados” (Barreto, 2017 p. 420, tradução própria¹⁵).

Nesse sentido, a noção do perspectivismo ameríndio e do animismo surge como uma maneira de explicar a relação entre corpos humanos, animais e dos objetos e utensílios que são frequentemente pensados, descritos e decorados como corpos (Barreto, 2014a). Essa noção gira em torno da questão do que significam categorias como “ser humano”, “pessoa” ou

¹⁵Do original: Although these theories have been proposed for the ethnographic present, and despite the risk of anachronism and inappropriate ethnographic analogy, they are nonetheless extremely helpful for insights into the roles figurines might have played in past contexts.

“humanidade” que designam noções amazônicas muito diferentes daquelas da tradição cultural ocidental e cristã (Viveiros de Castro e Taylor, 2006, p. 773).

Dessa forma,

Os povos das terras baixas da América do Sul tendem a antropomorfizar uma série de entidades não humanas, a imaginá-las e eventualmente representá-las sob uma forma humana. Assim, é comum ouvir os indígenas afirmarem que tal planta selvagem ou doméstica é, ou foi outrora, um humano particular, que os queixadas ou os macacos vivem em suas aldeias “como nós”, ou que tal cesto, tal motivo de pintura corporal, tem uma boca, sentidos e uma intencionalidade análogos aos dos humanos (Viveiros de Castro e Taylor, 2006, p. 774).

Logo, a intencionalidade e a consciência seriam processos executados por outros seres não humanos (Gomes, 2002). No mundo ameríndio existiriam diferentes classes de pessoas que o interpretariam com base em concepções próprias, levando em consideração sua forma corpórea (Diniz, 2023). O corpo seria uma espécie de vestimenta, de camada externa e todos os seres vivos seriam dotados de alma ou consciência, o que os diferencia uns dos outros é a sua roupagem, através da forma corpórea que é externalizada para o mundo. Em momentos pontuais, o ser indígena poderia adornar o corpo ou “vestir” o corpo de outro ser na tentativa de apreender o mundo através de uma nova perspectiva.

Bastante frequente nas etnografias ameríndias é a noção de que o corpo constitui somente um tipo de roupa, encobrendo uma mesma humanidade dos seres, visível apenas para os da mesma espécie ou para os xamãs. Considerada uma expressão da metamorfose interespecífica (espíritos, mortos e xamãs que assumem formas de animais, animais que viram outros animais, humanos que se transformam em animais), a noção de roupa possui uma distribuição pan-americana embora elaborada de modo desigual pelas cosmologias ameríndias (Gomes, 2012. p. 135 – 136).

A noção do animismo e do perspectivismo ameríndio é bastante interessante, atrativa, e muito influente na antropologia contemporânea, mas também recebeu críticas importantes por apresentar algumas lacunas sejam elas conceituais, explicativas, metodológicas e políticas que podem ser resumidas em alguns pontos como: generalização excessiva, por abrigar em um grande guarda-chuva cosmologias indígenas muito diversas, correndo o risco de considerar os povos indígenas como todos iguais, através de um “modo de pensar ameríndio”. Outra crítica é que fora do contexto amazônico, o modelo pode não fazer muito sentido em contextos indígenas como nos Andes e na América do Norte.

No que concerne ao abandono de abordagens essencialistas sobre a identidade étnica, Renato Athias (2018) argumenta que somente a partir de uma compreensão mais ampla acerca da pluralidade dos vários grupos étnicos no Brasil e de suas especificidades será possível o estabelecimento de uma política indigenista mais adequada para os povos indígenas. Nesse

sentido, não deve-se considerar os indígenas como iguais em todos os lugares e, portanto, detentores de uma única visão cosmológica acerca do mundo como, por vezes, tem defendido o animismo e o perspectivismo ameríndio. Até mesmo mitos e práticas comuns às várias sociedades indígenas tendem a passar por alterações contextuais em virtude das identidades étnicas.

No que tange à natureza relacional dos seres, o perspectivismo ameríndio acaba por colocar os seres humanos em posição central, visto que os seres providos de alma reconhecem a si mesmos e àqueles a quem são aparentados como humanos. A humanidade só se torna visível para quem compartilha um mesmo tipo de corpo ou para os xamãs que podem transitar entre os mundos humano, animal e sobrenatural.

Dessa forma,

Tipicamente, os humanos, em condições normais, vêem os humanos como humanos, os animais como animais e os espíritos (se os vêem) como espíritos; já os animais (predadores) e os espíritos vêem os humanos como animais (de presa), ao passo que os animais (de presa) vêem os humanos como espíritos ou como animais (predadores). Em troca, os animais e espíritos se vêem como humanos: apreendem-se como (ou se tornam) antropomorfos quando estão em suas próprias casas ou aldeias, e experimentam seus próprios hábitos e características sob a espécie da cultura — vêem seu alimento como alimento humano (os jaguares vêem o sangue como cauim, os mortos vêem os grilos como peixes, os urubus vêem os vermes da carne podre como peixe assado etc.), seus atributos corporais (pelagem, plumas, garras, bicos etc.) como adornos ou instrumentos culturais, seu sistema social como organizado do mesmo modo que as instituições humanas (com chefes, xamãs, festas, ritos etc.). Esse “ver como” se refere literalmente a perceptos, e não analogicamente a conceitos, ainda que, em alguns casos, a ênfase seja mais no aspecto categorial que sensorial do fenômeno; de todo modo, os xamãs, mestres do esquematismo cósmico (Taussig 1987:462-463), dedicados a comunicar e administrar essas perspectivas cruzadas, estão sempre aí para tornar sensíveis os conceitos ou tornar inteligíveis as intuições (Viveiros de Castro, 1996, p. 117).

Destaca-se que a teoria do perspectivismo ameríndio e do animismo apresentam contribuições importantes para a arqueologia do corpo e, conseqüentemente, dialogam com este trabalho, principalmente, tendo em vista a relação essencial entre o perspectivismo ameríndio e o xamanismo, de que é ao mesmo tempo o fundamento teórico e o campo de operação (Viveiros de Castro, 1996).

Ademais, a caça também se apresenta como campo de operação, vista nessa teoria não somente como atividade de subsistência, mas como espaço de relações cosmológicas, morais e políticas entre humanos e não humanos. O perspectivismo ameríndio estaria, portanto, associado às sociedades caçadoras e não às sociedades agrícolas, sendo o corpo o operador da perspectiva e da inversão perspectivista. No entanto, autores como Jácome (2011) apontam

que indústrias cerâmicas mais elaboradas da Amazônia, como aquelas do estilo Santarém e Konduri, apresentam figurações antropomórficas e zoomórficas, algumas inclusive com perspectivas dualísticas:

É inegável que a cerâmica teve um papel muito importante no processamento de alimentos agrícolas entre os grupos indígenas pré-coloniais; o que se expressa nas as vasilhas utilizadas para produção de bebidas fermentadas ou nos grandes pratos associados à torragem de farinha e preparação do beiju, alimentos esses ainda muito importantes na dieta indígenas. No entanto, quando observamos algumas das cerâmicas mais elaboradas da Amazônia, como aquelas do estilo Santarém e Konduri, o que vemos é uma série de representações zoomórficas e antropomórficas ornando pratos, vasos, urnas e etc. Como observaram Barata (1968) e Gomes (2002) alguns apêndices dos vasos tripodes são figurações dualistas, que se vistas de frente remetem às figuras antropomórficas e lateralmente às imagens zoomórficas. A materialização de uma perspectiva dualística, assim como a representação dos grandes predadores (cobras, os jaguares e os urubus) nessas cerâmicas, remete mais do que simplesmente ao xamanismo. Essas figurações cerâmicas revelam que já neste período histórico que a ideia de humanidade e as suas transformações passavam pelo corpo, como propôs o próprio Viveiros de Castro (VIVEIROS DE CASTRO 2002b). Portanto, o que Viveiros de Castro considera incompatível, sociedades agrícolas com cosmologias voltadas para a caça, pode ser somente uma questão de perspectiva (Jácome, 2011, p. 128).

O perspectivismo ameríndio e o animismo, portanto, são campos de estudo bem consolidados no que tange à Antropologia e à Arqueologia amazônica. Contudo, é preciso realizar o diálogo dessas leituras etnográficas com os atuais estudos que têm surgido e ganhado espaço no campo antropológico e arqueológico, como é o caso dos estudos da Arqueologia colaborativa, de gênero, de corpo, feministas e, mais recentemente, os estudos *queer*. Esses estudos não vem como forma de substituição ou abandono das categorias de interpretação já existentes, mas como diálogo e ampliação das possibilidades de pensar os seres humanos (principalmente as populações minorizadas) e não humanos no registro arqueológico.

Quanto ao chamado estudos *queer* é preciso primeiro ter em mente que é um campo de estudo em construção e que ainda passa por intensos debates e problematizações, gerando dúvidas por designar, ao mesmo tempo, a origem da palavra advinda do inglês; uma disposição política nos estudos acadêmicos acerca do gênero e, mais recentemente, para nomear identidades sexuais (o ser *queer*). No que diz respeito à origem da palavra, o *queer*, entrou para a língua inglesa no início do século XVI e era usado para designar aquilo que é “estranho”, “excêntrico”, “esquisito” ou “bizarro”. A partir do século XIX a palavra ganhou conotações pejorativas ao referir-se às pessoas que fugiam dos padrões sociais de gênero. Somente a partir dos anos 1990 o termo foi ressignificado por estudiosos e ativistas, que

usavam o termo como um símbolo de orgulho e para referir-se às pessoas, posturas ou ideias que não se encaixavam na chamada heterocisnormatividade.

Atualmente, os estudos *queer*, aliado a outros estudos contemporâneos, vêm promovendo mudanças na produção do conhecimento acadêmico, favorecendo estratégias desconstrutivas de análises, questionando as hegemonias e normas sociais vigentes, rejeitando rótulos e títulos e que está, historicamente, ligado às chamadas minorias sociais (Louro, 2012).

Dessa forma, alguns grupos sociais acabaram abraçando um comportamento ou identidade *queer*, questionando noções hegemônicas na sociedade. Mulheres, negros, deficientes e a própria comunidade LGBTQIAPN + (Lebiscas, Gays, Bissexuais, Transgêneros (incluindo Travestis), Queer, Intersexuais, Assexuais (incluindo Agênero e Arromânticos), Pansexuais, Não-Binários e o + que indica outras identidades, simbolizando inclusão e reconhecimento da pluralidade humana), entre outros grupos que foram historicamente marginalizados,

Dos movimentos empreendidos por feministas, gays, lésbicas, negros e negras, ou por sujeitos e grupos que rejeitam rótulos e títulos têm emergido questões, práticas, experiências que ousam subverter modos de vida e noções consagradas. Movimento é uma expressão recorrente neste contexto e, de novo, ela ajuda a entender a força e ao mesmo tempo o desconforto de todo esse processo [...] Aposto na possibilidade dessa conexão e, para argumentar, preciso recuperar o *queer* como um conjunto de saberes (mais do que como uma teoria que lembraria sistematização e estrutura) e como disposição política (Louro, 2012, p. 364-365).

No campo científico, sobretudo nas ciências humanas e sociais, os estudos *queer* foram e ainda são utilizados para desconstruir preceitos heteronormativos, machistas e opressores nas sociedades presentes e passadas.

Nesse sentido os estudos *queer* buscam uma resposta às limitações das teorias tradicionais que veem o gênero e a sexualidade como categorias fixas e binárias, criticando ainda as normas heterossexuais e cisonormativas baseadas em padrões específicos (padrões estes que seriam a “norma”), e colocando em desafio as categorias binárias de masculino/feminino e heterossexual/homossexual, buscando explorar uma gama mais ampla de identidades e expressões de gênero e sexualidade (Otaviano, 2024, p. 69).

Noções que parecem naturais como masculinidade, feminilidade, heterossexualidade, entre outras, são socialmente construídas e perpetuadas no tecido social. Na Arqueologia, por exemplo, essa naturalização ocorre através da imagem do ser humano do sexo masculino como o ser universal, em posições de caçador, de provedor, de guerreiro, etc.

Desde a Antiguidade, tanto Aristóteles - com a definição de uma ordem para os seres - quanto Galiano - por sua definição do corpus anatômico - fundam

o modelo do sexo único, dominante até o século XVIII e no qual o gênero define o sexo: homens e mulheres são ‘arrumados’ segundo seus graus de perfeição metafísica ao longo de uma escala cujo ápice é ocupado pelo homem (Del Priore, 1994, p. 55).

Essas noções parecem naturais e continuam a ser perpetuadas nos discursos, nas imagens audiovisuais, na produção acadêmica, etc. Todavia, linhas teóricas como os estudos feministas, de gênero e, mais recentemente, os estudos *queer* têm proporcionado uma revisão dessas imagens, buscando resgatar a vivência de diversos grupos sociais, não somente dos homens, no registro histórico e arqueológico.

Para os estudos feministas, os estudos de gênero e os estudos *queer*,¹⁶ a reflexão e problematização sobre o conceito de gênero torna-se crucial. Uma das contribuições mais citadas é a célebre fala de Simone de Beauvoir (2016, p. 11): “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto [...]”.

Em uma perspectiva existencialista, Beauvoir (2016) postulou que o gênero é uma construção social, ou seja, não é algo inato. Assim, características e comportamentos ditos “femininos” e “masculinos” não seriam naturais ao nascimento, mas construídos no decorrer da existência. Baseado nisso, estudos de gênero e estudos *queer*, ao contrário de alguns estudos feministas, têm postulado que não deve haver uma divisão, ou uma interpretação binária, no sentido de “sexo” como biológico e “gênero” como cultural, pois o gênero não estabelece limites fixos entre o que é considerado orgânico ou natural e o que é denominado de cultural ou artificial (Nascimento, 2021).

Dessa forma,

De fato, embora a distinção radical entre sexo e gênero tenha sido crucial para a versão do feminismo em Simone de Beauvoir, ela foi alvo de críticas nos anos mais recentes por degradar o natural como aquilo que é “anterior” à inteligibilidade, que necessita de uma marca, se não de um rastro, do social – para significar, para ser conhecido, para adquirir valor. Essa visão falha por não perceber que a natureza tem uma história que não é unicamente social, e também que o sexo é ambigualmente posicionado em relação a esse conceito e à sua história (Butler, 2020, p. 24)

¹⁶Esses campos de estudo apesar de problematizarem algumas noções comuns, como relações de poder, sexo e sexualidade, não são a mesma vertente e apresentam diferenças ligadas ao foco de estudo, metodologia e autores utilizados. A grosso modo, os estudos feministas focam na visibilização da trajetória das mulheres e nas desigualdades de poder que as afetam. Os estudos de gênero analisam as construções sociais de gênero e os papéis que são atribuídos aos sexos biológicos e os estudos *queer* tendem a problematizar qualquer categorização e sistematização binária fixa.

Butler (2022), principalmente em seu trabalho “Corpos que importam: os limites discursivos do ‘sexo’” (2020) tornou-se muito influente em trabalhos ligados não só aos estudos de gênero, feministas e *queer*, mas também aos estudos sobre o corpo. Sua noção mais famosa sobre a temática gênero, introduzida na obra “Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade”, é a ideia do gênero como performatividade, isto é, o gênero não é algo inerente ao indivíduo, mas algo performado e produzido cotidianamente por meio de atos repetidos (gestos, roupas, linguagem, comportamentos), e o fato de os seres humanos realizarem essas repetições faz com que pareça algo natural e fixo, quando na verdade não é.

Além disso, é preciso ter em mente que a performatividade não significa fingimento ou escolha consciente: “A performatividade deve ser entendida não como um “ato” singular ou deliberado, mas como uma prática reiterativa e citacional por meio da qual o discurso produz os efeitos daquilo que nomeia” (Butler, 2020, p. 21).

Esses vários atos de gênero criam a ideia de gênero que, em uma perspectiva mais tradicional, são dois: o masculino e o feminino. “Nas performances do gênero a masculinidade é construída assim como a feminilidade” (Otaviano, 2024, p. 74). Essa ideia do gênero binário, no entanto, é criticada por Butler (2022, p. 77) que argumenta que,

Assim, um discurso restritivo sobre gênero que insiste no binarismo de homem e mulher como forma exclusiva de compreender o campo do gênero desempenha uma operação de poder regulatório que naturaliza a instância hegemônica e impede a capacidade de pensar sua disrupção.

A crítica ao sistema binário não necessariamente culminaria na multiplicação de gêneros, de quantos podem existir e como estes serão chamados, mas na abertura a novas perspectivas de compreensão dos seres humanos e de suas formas de existir no mundo. É a partir dessa noção que tem se consolidado os estudos sobre gênero e os estudos *queer* na Arqueologia, lançando luz sobre múltiplos sujeitos nos registros arqueológicos, através das pinturas rupestres, das estatuetas e de diversos outros artefatos encontrados.

2.2.2 Tecnologias Ancestrais: O que significa “fabricação do corpo”?

A construção de objetos nas sociedades capitalistas remete geralmente a uma linha de produção, que é um sistema de fabricação organizado em série, de forma sequencial e contínua. A linha de produção também pode ser definida como um ambiente que combina seres humanos e máquinas para executar tarefas repetitivas que culminam na construção de bens de consumo.

No entanto, em sociedades antes da existência do sistema capitalista, fabricantes e artesãos já produziam uma série de objetos de alta qualidade, só que fora de uma lógica capitalista de alta produtividade para formação de estoque e mercado consumidor. Por serem lógicas diferentes, consequentemente os sentidos atribuídos aos objetos e seus modos de construção são diferentes.

Nesse sentido, para refletir sobre como os povos das estearias construíram as estatuetas antropomorfas e antropozoomorfas, utiliza-se o conceito de cadeia operatória criado a partir das contribuições de André Leroi-Gourhan (2002), Marcel Mauss (1934) e Pierre Lemonnier (1992). Mauss foi um dos primeiros autores a mostrar que os gestos, por mais naturais que possam parecer, são sempre fabricados por normas coletivas, como é o caso do modo de andar, nadar, de jogar, de gerar, de dormir e de comer (Corbin *et al.*, 2012).

Segundo o autor: “Eu sabia muito bem que a maneira de caminhar, de nadar, por exemplo, e todas essas coisas do mesmo tipo são específicas a sociedades determinadas; que os polinésios não nadam como nós, que minha geração não nadava como a geração atual nada”¹⁷ (Mauss, 1934, tradução própria).

Ademais, apontou que o corpo humano é o primeiro e mais natural instrumento técnico de trabalho dos seres humanos, o que coloca a fabricação de objetos intimamente ligada à história do corpo. Os seres humanos apreendem o mundo através do corpo, por meio de estruturas como o tato, a audição, o paladar, o olfato e a visão que constituem canais de comunicação com o mundo extra-corpóreo (Rahmeier, 2007).

Além disso, o ser humano obteve a capacidade de construir objetos dos mais variados tipos para amplificar ainda mais suas relações com o mundo, para otimizar o tempo, se alimentar de maneira eficiente, ferir de maneira mais letal e melhorar a qualidade de vida dos indivíduos. A habilidade humana de criar ferramentas é notável, apesar de dezenas de espécies de animais usarem ferramentas e tecnologias. Todavia, somente os seres humanos chegaram ao nível de sofisticação extraordinário que é próprio de sua espécie resultado de uma evolução conjunta de mente, cérebro e mãos (Rutherford, 2020).

Dessa forma, como a construção de objetos é um processo bem mais complexo do que se imagina, Mauss (1934, p. 37) define a análise dos processos técnicos envolvidos na fabricação de objetos da seguinte forma: “Todos os objetos devem ser estudados: “1º em si

¹⁷Do original: hétéroclite. Je savais bien que la marche, la nage, par exemple, toutes sortes de choses de ce type sont spécifiques à des sociétés déterminées; que les Polynésiens ne nagent pas comme nous, que ma génération n'a pas nagé comme la génération actuelle nage.

mesmos; 2º em relação às pessoas que deles faziam uso e 3º em relação à totalidade do sistema observado”.

Mauss (1934) foi um dos primeiros a apontar os processos pertinentes à produção artefactual, porém Leroi-Gourhan (2002) ampliou o debate sobre a análise tecnológica e definiu a cadeia operatória como o processo de transformação da matéria-prima em um objeto manufaturado, compreendendo que as decisões tomadas e os critérios usados pelo artesão, para a fabricação do objeto final, são sempre condicionados por demandas coletivas. Cada escolha feita pelo artesão é social e culturalmente enraizada (Lemonnier, 1993 *apud* Barreto, 2014, p. 40).

Sendo assim, o conceito de fabricação do corpo encontra respaldo em todos esses apontamentos, visto que as estatuetas antropomorfos e antropozoomorfos foram fabricadas dotadas de agência, refletindo o universo simbólico daquelas sociedades. “A ideia de agenciamento, ou *agency*, presente em Bruno Latour e Alfred Gell, enfatiza que, ao estudar os artefatos, devemos considerar sua ação, ou seja, sua capacidade de provocar efeitos, produzir e sustentar formas de sociabilidade” (Nina, 2026, p. 6). Os objetos movem as ações das pessoas e suas reflexões, influenciam no agir, nos comportamentos e nas relações sociais:

A agência pode ser atribuída a essas pessoas (e coisas, conforme discutirei a seguir) que são vistas como iniciadoras de sequências causais de um determinado tipo, ou seja, de eventos causados por atos da mente, da vontade ou da intenção, e não de uma mera concatenação de eventos físicos. Um agente é aquele que “faz com que os eventos aconteçam” em torno de si (Gell, 2018, p.45).

Dessa forma, Gell (2018) propõe que a agência social também pode ser exercida em relação às coisas, assim como pelas coisas e pelos animais. Isso ocorre pelo fato das pessoas conseguirem formar relações sociais com os objetos: “O ‘outro’ imediato em uma relação social não tem de ser outro ‘ser humano’ (Gell, 2018, p. 52). Mesmo que exerçam um tipo de agência secundária, que é diferente da agência primária exercida pelos seres humanos, os objetos são realizações objetivas, em que a origem e a manifestação das intencionalidades podem ocorrer por meio do mundo material: “A ação humana é exercida dentro do mundo material” (Gell, 2018, p. 56).

Ao falar de artefatos como “agentes secundários”, refiro-me ao fato de que a origem e a manifestação da agência ocorrem em um meio que consiste (em grande parte) em artefatos, e que agentes, por isso, “são” e não meramente “usam” os artefatos que os ligam aos outros sociais [...] Descrevo artefatos como “agentes sociais” não por querer propagar uma forma de misticismo da cultura material, mas apenas em vista do fato de que a objetivação na forma de artefato é o modo como a agência social se manifesta e se realiza por meio da proliferação de fragmentos de agentes “primários” dotados de intenção em suas formas artefatuais “secundárias” (Gell, 2018, p. 58).

As estatuetas das estearias, nesse sentido, surgem como índice de agência, tanto da agência de quem as fabricou quanto de quem as está utilizando, no contexto histórico atual, para a formulação de hipóteses e problematizações das mais diversas.

Portanto, no que diz respeito à fabricação do corpo, como afirma Taylor e Viveiros de Castro (2019, p. 772), as sociedades indígenas amazônicas: “não fabricam representações do corpo, elas de fato fabricam os corpos. Os utensílios são pensados, descritos e quase sempre decorados como corpos. A “obra de arte” que importa na Amazônia é o corpo humano”.

Ao falar sobre os ídolos, Gell (2018), também aborda questões pertinentes à noção da fabricação do corpo, pois não trata-se de considerar as estatuetas como dotadas de vida, no sentido biológico da palavra: “Ídolos podem ser animados sem que atribuamos a eles vida ou atividade animais” (Gell, 2018, p. 224), mas como dotados de subjetividade e intencionalidade, como mediadores da ação social:

A partir do momento em que apreendemos os índices figurativos – os ídolos – como outros sociais, como repositórios de agência e sensibilidade, surge a questão das crenças e das práticas “aparentemente irracionais”. É decerto irracional, ou no mínimo estranho, tratar uma mera escultura como um ser humano vivo – banhá-la, vesti-la, falar com ela, oferecer-lhe comida etc. Assim, aqueles que seguem tais práticas têm tanta consciência quanto nós da “estranheza” de seu comportamento, mas sustentam, de modo diverso, que o culto ao ídolo é religiosamente eficaz e resultará em consequências benéficas para si e para os mestres aos quais servem na qualidade de sacerdotes. Não é que os sacerdotes não possam distinguir troncos de pedras e pessoas; no entanto, eles sustentam que, em certos contextos, os troncos e as pedras possuem propriedades atípicas, ocultas, ignoradas por pessoas desprovidas de instrução religiosa, ao passo que pessoas instruídas, mas céticas, permaneceriam obstinadamente incrédulas em relação a elas (Gell, 2018, p. 226).

Sendo assim, como os corpos são fabricados continuamente ao longo da existência, de forma isolada e em coletividade, passando por processos biológicos, psicológicos, culturais, sociais e estéticos e carregam as marcas indelévels desses processos, considera-se que as estatuetas também foram construídas no intuito de refletir essa fabricação, pois da mesma forma que a sociedades atuais usam o texto para materializar suas experiências, a cerâmica registra e materializa as experiências dos povos das estearias. As estatuetas não são simples objetos inanimados, mas portadores de intencionalidades.

2.2.3 Sobre o conceito de Representação

No processo de estruturação do projeto de pesquisa que ensejou a construção desta dissertação, o conceito de representação, do historiador francês Roger Chartier, havia sido

declinado como aporte teórico-metodológico. O afastamento dessa categoria de análise estava fundamentado em uma das críticas mais famosas dirigidas ao seu uso historiográfico: a de que as representações mentais poderiam distorcer, ocultar ou manipular os fatos, focalizando mais no idealismo, isto é, que a realidade seria construída ou fabricada pela mente, ideias ou consciência, ignorando, portanto, os comportamentos, as ações e as situações concretas.

Segundo o historiador,

Uma segunda crítica é metodológica. É por exemplo a que dirigiu Angelo Torre ao meu trabalho em *Quadreni Storici*, em 1995. Segundo Torre, dar ênfase sobre o conceito de representação, definir as representações como um objeto histórico fundamental tem como consequência o esquecimento dos ‘comportamentos concretos e concretamente observados’ e considera ‘como inútil o estudo do mundo real’. Daí, uma história, que será supostamente a minha, que ‘absorve as práticas dentro das representações e que renuncia ao entrecruzamento das fontes documentais’, uma história na qual ‘o documento se encontra reduzido a sua única dimensão textual’. [...] a história das representações foi criticada como uma história idealista que supostamente ignora os comportamentos, as ações e as situações nas quais se produzem e se manifestam os fenômenos sociais (Chartier, 2011, p. 15-16).

Dessa maneira, por tratar-se de um artefato da cultura material utilizado como fonte de estudo, a noção de representação, inicialmente, foi tomada sob uma das suas definições mais comuns: de tornar presente algo ausente, simbolizar ou substituir um objeto, ideia, pessoa ou grupo. De acordo com essa definição,

a representação nos permite ver o ‘objeto ausente’ (coisa, conceito ou pessoa), substituindo-o por uma “imagem” capaz de representá-lo adequadamente. Representar, portanto, é fazer conhecer as coisas mediadamente pela ‘pintura de um objeto’, ‘pelas palavras e gestos’, ‘por algumas figuras, por algumas marcas’- tais como os enigmas, os emblemas, as fábulas, as alegorias (Chartier, 2011, p. 17).

Ao tomar essa crítica metodológica e somente a noção de representação (como a ausência da pessoa ou objeto representado) por base, optou-se, portanto, pelo uso do conceito antropológico de “fabricação do corpo” em detrimento do conceito de “representação do corpo” por considerar que este último seria mais estático e que não poderia abarcar o dinamismo do mundo material, como argumenta Meskell *et al.*, (2009):

A escolha da palavra “figurativo” é fundamental aqui. Figurativo denota uma forma de significação que se baseia em imagens e associações, em vez de conceitos racionais ou linguísticos. Esta pode parecer uma definição mais adequada do que o termo mais comum, “representação”. A noção de representação implica um distanciamento do real; ela retrata uma semelhança, interpretação ou percepção, em vez da imediatidade do objeto em questão. Não basta dizer que essas figuras são proxies visuais, pois argumentamos que elas eram coisas em si mesmas, com suas próprias esferas de interação. Ao chamá-las de representações, poderíamos inferir incorretamente que as figuras representam algo real e refletem essa

realidade, de alguém ou de algo; mas esses objetos não eram necessariamente referentes a algo tangível; eles poderiam ter sido experimentados como coisas reais e tangíveis em si mesmas. Elas podem não ser simplesmente emblemáticas ou alegóricas, como o termo “figuração” pode sugerir. Isso não significa argumentar que as figuras eram necessariamente agentes (Meskell 2004; 2007; Mitchell 2005), mas tais possibilidades não devem ser descartadas de primeiro por meio de uma elisão de linguagem.¹⁸

Todavia, ao longo da pesquisa, compreendeu-se que os conceitos não são excludentes e que a análise das estatuetas encontra respaldo em uma outra definição de representação apresentada por Chartier (2011, p. 17):

Porém, esse termo também tem uma segunda significação nos dicionários franceses do século XVII: ‘Representação, diz-se, no Palácio, como a exibição de algo’, o que introduz a definição de ‘representar’ como ‘comparecer pessoalmente e exibir as coisas’. A representação é aqui a demonstração de uma presença, a apresentação pública de uma coisa ou de uma pessoa. É a coisa ou a pessoa mesma que constitui sua própria representação. O referente e sua imagem formam o corpo, são uma única coisa, aderem um ao outro: ‘Representação, diz-se às vezes das pessoas vivas. Diz-se de um semblante grave e majestoso: ‘Eis uma pessoa de bela representação’ [...] Mais tarde, no quinto tomo do Dicionário de Autoridades publicado em 1737, o sentido de ‘representar’ se subdivide, à maneira de Furetière, entre ‘fazer presente alguma coisa’, e uma acepção desconhecida de Covarrubias: ‘exteriorizar alguma coisa, que existe, ou que você imagina’. Ligam-se, assim, duas séries de definições que supõem, a primeira, a ausência da pessoa ou coisa representada e, a segunda, sua exibição por ela mesma.

Portanto, as estatuetas são estudadas fundamentadas nessa segunda definição, isto é, a de exibição por ela mesma, visto que toda representação se apresenta representando algo (Marin *apud* Chartier, 2011), pois as sociedades produzem sentidos e interpretações sobre aquilo que está sendo representado. Os povos das estearias, em seu próprio tempo e espaço, construíram suas próprias interpretações, seja no imediatismo da produção artesanal ou posterior a esse processo. Da mesma forma, os seres humanos que estão tendo contato com esses artefatos, em seu próprio tempo e espaço, constroem outras interpretações.

¹⁸Do original: The choice of the word ‘figural’ is key here. Figural denotes a form of signification that relies on imagery and association rather than on rational or linguistic concepts. This may seem to be a more fitting definition than the more common term, ‘representation’. The notion of representation entails a remove from the real; it depicts a likeness, rendition or perception rather than the immediacy of the object in question. It is not enough to say that these figurines are visual proxies, as we contend that they were things in themselves with their own spheres of interaction. By calling them representations, we might incorrectly infer that figurines stand in for something real and reflected that reality, of someone or something; but these objects were not necessarily referents for something else tangible; they could have been experienced as real and tangible things in themselves. They may not be simply emblematic or allegorical, as the term ‘figuration’ might imply. This is not to argue that figurines were necessarily agentive (Meskell 2004; 2007; Mitchell 2005) but such possibilities should not be dismissed from the outset through an elision of language.

Ao observar as estatuetas, automaticamente hipóteses das mais diversas irão emergir, pois as representações produzem efeitos sociais e culturais no observador. Toda representação funciona como uma mediação simbólica entre as pessoas e a realidade vivida, sendo assim, os seres humanos acessam o mundo por meio das construções simbólicas.

SEÇÃO III - CORPO-TERRITÓRIO NA BAIXADA MARANHENSE: ESTUDO ARQUEOLÓGICO DAS ESTATUETAS DAS ESTEARIAS

Esta seção apresenta os fundamentos metodológicos da pesquisa. Na primeira parte, descreve-se um pouco do trabalho realizado pelo LARQ/UFMA com o material cerâmico proveniente dos sítios arqueológicos das estearias maranhenses. Em seguida, expõe-se a metodologia utilizada, nesse caso, o uso de fichas catalográficas de análise de material cerâmico em formato digital. Por fim, apresenta-se a tabulação dos dados, realizada por meio de quadros contendo a descrição das estatuetas selecionadas, acompanhadas das fotografias dos artefatos em dimensões ampliadas, de modo a favorecer uma melhor visualização.

A quantidade de estatuetas estudadas, 36 artefatos, está exibida na tabela abaixo por sítio arqueológico (Armíndio, Boca do Rio, Cabeludo e Caboclo) e todos estão localizados na Bacia Hidrográfica do Rio Turiaçu, que já foi abordada na seção I, no tópico “Conexões na bacia hidrográfica do rio Turiaçu”. A segunda tabela apresenta os números das estatuetas que são exibidas nesta seção.

Tabela 2 - Organização das estatuetas por sítio arqueológico

Estatuetas antropomorfas e antropozoomorfas das estearias estudadas		
SÍTIO ARQUEOLÓGICO	QUANTIDADE DE ESTATUETAS ANTROPOMORFAS	QUANTIDADE DE ESTATUETAS ANTROPOZOOMORFAS
ARMÍNDIO (ARM)	20	3
BOCA DO RIO (BR)	8	0
CABELUDO (CBL)	2	1
CABOCLO (CAB)	2	0
TOTAL	32	4

Fonte: Autoria própria (2025).

Tabela 3 - Organização das estatuetas por número de identificação

Quantidade das estatuetas por número de identificação		
SÍTIO ARQUEOLÓGICO	QUANTIDADE TOTAL POR SÍTIO	PEÇAS
ARMÍNDIO (ARM)	23	ARM 060; ARM 062; ARM 064; ARM 271; ARM 273; ARM 274; ARM1 375; ARM1 376; ARM1 377; ARM1 407; ARM1 0459; ARM 0546; ARM 0551; ARM 0821; ARM 3487; ARM 3512; ARM 3513; ARM 3524; ARM 3762; ARM 3835; ARM 3836; ARM 3901.
BOCA DO RIO (BR)	8	BR 0057; BR 0058; BR 0059 BR1 0093; BR1 0096; BR1 0097; BR1 0098; BR1 0101.
CABELUDO (CBL)	3	CBL 0015; CBL 0104; CBL 0147.
CABOCLO (CAB)	2	CAB 0001; CAB 0002.

Fonte: Autoria própria (2026).

3.1 O trabalho do LARQ/UFMA

No que diz respeito às atividades do laboratório, a primeira etapa do trabalho realizada pelo coordenador, equipe de estagiários e demais colaboradores, é o trabalho de campo, que consiste na retirada do material arqueológico do fundo dos rios e lagos no período conhecido como seca ou estiagem, de julho a dezembro (figura 11). Posteriormente, os artefatos são transferidos e armazenados nas dependências do laboratório com o objetivo de serem estudados, interpretados, catalogados e preservados (Navarro *et al*, 2019).

Os objetos estudados são fruto do projeto em andamento intitulado: “O povo das águas: carta arqueológica das estearias da porção centro norte da Baixada Maranhense” capitaneado pelo Prof. Dr. Alexandre Guida Navarro.

Figura 11: Estearia do Cabeludo na época da seca, ainda com lâmina de água



Fonte: acervo do LARQ/UFMA.

Os artefatos condicionados no LARQ, até o presente momento, seguem três tipologias gerais: objetos cerâmicos, materiais líticos e materiais orgânicos (madeira e ossos). As peças são agrupadas e acondicionadas a depender dessa classificação preambular (Navarro *et al*, 2019).

Quanto ao trabalho de análise de material cerâmico, que é o foco desta pesquisa, inicia-se com a etapa de higienização e classificação tipológica. Algumas peças são lavadas com ajuda de escovas de cerdas macias, outras somente escovadas a seco com a ajuda de um pequeno pincel. Algumas peças que possuem pinturas não podem passar pelo procedimento da lavagem, pois correm o risco da pintura desaparecer. Depois de lavadas e secas, a equipe visualiza com cuidado o material coletado e tenta unir peças que podem fazer parte de um mesmo artefato (figura 12). Constatado que existem fragmentos que se completam, as partes são unidas por meio do procedimento de colagem com cola plástica e deixadas em descanso na areia sílica até que se estabeleça a fixação.

Figura 12: Estagiários fazendo a classificação tipológica inicial das peças.



Fonte: Arquivo Pessoal (2019).

Figura 13: Estagiários fazendo análise das peças



Fonte: Arquivo Pessoal (2026).

Posteriormente, os artefatos ficam dispostos na bancada central de acordo com as suas características físicas como: o formato, o nível de integridade da peça; a espessura das bordas e paredes, a coloração da cerâmica e a semelhança da decoração empregada. A classificação

do material ocorre por meio do enquadramento nas seguintes categorias: Vasilhames: (forma rasa (prato ou assadores), meia calota, esféricos e meia esfera. Outros tipos são: Estatuetas, cachimbo, fuso, adorno, bolota de argila, peso de rede, disco ou outro.¹⁹

Depois os artefatos vão para a etapa de marcação e numeração que consiste em aplicar um número em área neutra e discreta, seguindo um sistema alfanumérico sequencial bipartido, composto pela sigla do sítio arqueológico e um número sequencial constituído de quatro dígitos. Exemplo: CBL 0147, refere-se ao sítio arqueológico do Cabeludo e a peça é a 0147. Para realizar essa marcação é utilizado verniz como camada de base e tinta branca aplicada com caneta específica com numeração 0,5 mm (Navarro *et al*, 2019).

A numeração é gravada com o intuito de identificá-las; catalogá-las e para o controle da quantidade de peças depositadas no acervo. A prática da numeração também é sustentada pelo fato dos artefatos possuírem agência que é a qualidade mediadora social, ou seja, o objeto não é estático, ele é dinâmico e produz efeitos no mundo social, ganhando vida assim que são fabricados, carregando as intencionalidades de seu criador e induzindo o observador a elaboração de novos pensamentos, ideias, sentimentos e ações.

Com o objetivo de registrar todos os elementos dos artefatos, minuciosa e cautelosamente, utiliza-se no laboratório uma ficha catalográfica de análise de material cerâmico (figura 14). Essa ficha é uma ferramenta de estudo criada em virtude das demandas da coleção LARQ/UFMA.

¹⁹Ver nota de rodapé 6 na seção I: “A Baixada Maranhense e sua contribuição para a História do Maranhão”.

Figura 14: Ficha de Análise de Material Cerâmico utilizada no LARQ/UFMA.

FICHA DE ANÁLISE DE MATERIAL CERÂMICO			
Sítio Arqueológico: _____		Preenchido por: _____	
Número da peça: _____		Quadrícula: _____	
Classificação: _____		Grupo: _____	
Localização Prateleira: _____			
1-ARTEFATO 1.1-Tipo ☐ 1. Vasilha ☐ 2. Estatueta ☐ 3. Fuso ☐ 4. Adorno ☐ 5. Peso de Rede ☐ 6. Cachimbo ☐ 7. Disco ☐ 8. Outro ☐ 9. Hiperboloide ☐ 00. Não identificado 1.2 - Condição ☐ 1. Inteiro ☐ 2. Fragmentado ☐ 3. Reconstituído 1.3 - Porções ☐ 1. Borda ☐ 2. Parede ☐ 3. Base ☐ 4. Alça ☐ 5. Asa ☐ 6. Aplique ☐ 7. Flange labial ☐ 8. Flange mesial ☐ 9. Flange basal ☐ 10. Gargalo ☐ 00. Outras 2 - MORFOLOGIA 2.1 - Contorno ☐ 1. Simples ☐ 2. Inletido ☐ 3. Composto ☐ 4. Complexo ☐ 5. Carenado interno ☐ 6. Carenado externo ☐ 00. Não identificado	2.2 - Forma ☐ 1. Esférica ☐ 2. Meia esfera ☐ 3. Meia calota ☐ 4. Conica ☐ 5. Ovoido ☐ 6. Cilindrica ☐ 7. Plana ☐ 8. Troncônica (pedestal) ☐ 9. Hiperboloide ☐ 00. Outras 3 - BORDA 3.1 - Forma ☐ 1. Direta ☐ 2. Introvertida ☐ 3. Extrovertida ☐ 4. Cambada ☐ 5. Extrovertida tipo flange ☐ 6. Ponta angular ☐ 00. Não identificada	3.2 - Lábio ☐ 1. Plano ☐ 2. Arredondado ☐ 3. Apontado / afilado ☐ 4. Biselado ☐ 5. Serrilhado ☐ 6. Acanalado ☐ 00. Não identificado 4 - BASE / FUNDO ☐ 1. Biplana ☐ 2. Plana-côncava ☐ 3. Plana-convexa ☐ 4. Convexa-plana ☐ 5. Convexa-côncava ☐ 6. Bi-convexa ☐ 7. Concava-convexa ☐ 8. Concava-plana ☐ 9. Bi-côncava ☐ 10. Anelar ☐ 11. Pedestal ☐ 12. Tripode ☐ 00. Não identificada	5 - MEDIDAS Cm Cód. 5.1-Comprimento: 5.2-Largura: 5.3-Altura: 5.4-Profundidade: 5.5-Espessura: 5.6-Diâmetro da Borda: (%) 5.7-Porcentagem: (g) 5.8-Peso: IMAGEM
6 -TECNOLOGIA 6.1 - Queima ☐ 1. Oxidante ☐ 2. Redutora ☐ 3. Nucleo redutor ☐ 4. Oxi. interna / red. externa ☐ 5. Oxi. externa / red. interna ☐ 00. Não identificada 6.2 - Antiplástico ☐ 1. Mineral ☐ 1.1 Quartzo ☐ 1.2 Mica ☐ 1.3 Óxido de ferro ☐ 2. Carvão ☐ 3. Caco moído ☐ 4. Canipé ☐ 5. Concha ☐ 6. Cauri 6.3 - Técnica de manufatura ☐ 1. Acordelado ou roletado ☐ 2. Modelado ☐ 3. Placas ☐ 4. Moldado ☐ 5. Pit-finger ☐ 00. Não identificada 6.4 - Marca de manufatura ☐ 1. Impressão ☐ 2. Marca de queima ☐ 3. Abaulado ☐ 00. Não possui 6.5 - Tratamento de sup. (F.L.) ☐ 1. Alisado ☐ 2. Polimento ☐ 3. Brundura ☐ 4. Resina ☐ 5. Escovado ☐ 6. Engobo ☐ 7. Barbotina ☐ 00. Não identificado	6.6 - Tratamento de sup. (F.E.) ☐ 1. Alisado ☐ 2. Polimento ☐ 3. Brundura ☐ 4. Resina ☐ 5. Escovado ☐ 6. Engobo ☐ 7. Barbotina ☐ 00. Não identificado 7 - DECORAÇÃO ☐ 1. Possui ☐ 2. Não possui 7.1 - Local ☐ 1. Interna ☐ 2. Externa ☐ 3. Ambos ☐ 4. Lábio 7.2 Grafismo ☐ 1. Possui ☐ 2. Não possui 7.3 - Tipo de decoração ☐ 1. Pintada ☐ 2. Plástica ☐ 3. Engobo ☐ 4. Barbotina 7.4 - Cor da pintura (F.L.) ☐ 1. Branco ☐ 2. Vermelho ☐ 3. Preto ☐ 4. Creme / bege ☐ 00. Não identificado 7.5 - Cor da pintura (F.E.) ☐ 1. Branco ☐ 2. Vermelho ☐ 3. Preto ☐ 4. Creme / bege ☐ 00. Não identificado	7.6 - Decoração plástica ☐ 1. Incisão ☐ 2. Excisão ☐ 3. Aplique ☐ 4. Aplique maniforme ☐ 5. Aplique zoomorfo ☐ 6. Aplique antropomorfo ☐ 7. Ungulado ☐ 8. Corrugado ☐ 9. Escovado ☐ 10. Pontado ☐ 11. Digitado ☐ 12. Orifício vazado ☐ 13. Orifício não vazado ☐ 14. Flange mesial ☐ 15. Flange labial ☐ 16. Flange basal ☐ 17. Repuxado ☐ 18. Lábio retocado ☐ 19. Alça ☐ 20. Asa 8 - MARCA DE USO ☐ 1. Crosta carbônica ☐ 2. Fuligem ☐ 3. Resina ☐ 4. Rasuras ☐ 5. Mancha de queima ☐ 6. Não possui ☐ 00. Outra 9 - MARCA PÓS DEPOSICIONAL ☐ 1. Genuas ☐ 2. Corrosão ☐ 3. Descamação do engobo ☐ 4. Não possui ☐ 00. Outra	10 - OBSERVAÇÕES DESENHO Revisado por: _____

Fonte: LARQ/UFMA.

Como é possível observar acima (figura 14) a ficha é dividida em dez critérios e instrumentos de análise usados para descrever as partes constituintes das cerâmicas, são eles: 1. Artefato (Tipo, Condição e Porções); 2. Morfologia (Contorno e Forma); 3. Borda (Forma e Lábio); 4. Base/Fundo; 5. Medidas (Comprimento, Largura, Altura, Profundidade, Espessura, Diâmetro da borda, Porcentagem e Peso); 6. Tecnologia (Queima, Antiplástico, Técnica e Marca de manufatura e Tratamento de superfície interna e externa); 7. Decoração (A ausência e/ou Presença de decoração e/ou grafismo, Local, Tipo de decoração, Cor da pintura interna e externa e Decoração plástica); 8. Marca de Uso; 9. Marca pós deposicional e 10. Observações.

Nota-se, portanto, que a ficha não contempla todos os elementos de um artefato do tipo estatueta, sendo mais adequada para artefatos do tipo vasilhame. Isso fica evidente nos critérios: 3. Borda (Forma e Lábio) e 4. Base/Fundo, pois uma estatueta não possui elementos como borda, lábio, parede e base/fundo, estes são critérios próprios dos vasos e que dão o direcionamento da peça e seus possíveis usos, como panelas, assadeiras, pratos, recipientes para comer ou para armazenar sólidos e líquidos.

Mesmo sem contemplar os atributos de uma estatueta, a ficha de análise de material cerâmico (figura 14) continua sendo usada para catalogá-las, pois as peças não podem ficar sem suas respectivas fichas. Porém, sempre que um novo estudo era realizado pela equipe, havia a liberdade de adaptar a ficha existente para atender aos objetivos do que se pretendia, seja para publicar um artigo, ensaio ou livro.

No caso desta dissertação optou-se por fazer uma ficha específica para as estatuetas com o objetivo de extrair elementos que se assemelhavam aos corpos dos seres humanos, e também de adornos e apliques colados de maneira intencional na peça, o que acredita-se estarem relacionados aos seus sentidos simbólicos.

Ao elaborar a ficha, apresentou-se uma preocupação quanto à efemeridade das fichas produzidas em papel e à alta demanda de consumo desse material. Tal questão torna-se ainda mais relevante considerando que o LARQ/UFMA já dispõe de recursos tecnológicos, como computadores, tablets e notebooks, que possibilitariam a realização dos registros de forma digital, com o objetivo de garantir maior durabilidade das informações, facilitar o armazenamento e a recuperação dos dados, além de contribuir para a redução do uso de papel e para práticas mais sustentáveis.

Diversos espaços de pesquisa já têm realizado esforços no sentido de digitalizar suas documentações, ainda mais tendo em vista os riscos e os custos de se manter as documentações originais e de disponibilizá-las para a visitação e, em alguns casos, para a análise do público, que tem direito a acessá-las, mas que nem sempre realizam com o cuidado adequado.

Nesse sentido, as novas fichas foram elaboradas em formato digital. O esboço de como elas ficariam, que também é o modelo apresentado no projeto de pesquisa que ensejou a construção desta dissertação, foi realizado no Canva, uma plataforma de design gráfico para a criação de conteúdo visual. Também poderiam ter sido utilizadas ferramentas de registro de informações já existentes, a exemplo do Google forms, Google Sheets, Microsoft forms, Excel, Survio, entre outras, que são ótimos recursos para registro de informações e também para tabulação de dados.

No entanto, optou-se pela contratação de um profissional²⁰ da área de Ciência e Tecnologia para desenvolver um aplicativo com o objetivo de registrar os artefatos, nesse caso as estatuetas, de forma mais intuitiva, isto é, de maneira mais rápida, com facilidade de manuseio e preenchimento e em um dispositivo portátil, neste caso, o celular. Não havendo, portanto, a necessidade de retornar sempre ao laboratório para checagem de informações sobre as fontes.

Foi desenvolvido somente para dispositivos Android com a linguagem Kotlin, que é a linguagem oficial do Google para desenvolvimento de aplicativos nesse sistema operacional, adotando, nesse sentido, convenções que o usuário já conhece de outros *sites* e aplicativos.

Atualmente, o aplicativo só registra as informações na memória do dispositivo com um banco de dados local (SQLite), funcionando de maneira totalmente *offline*. O aplicativo foi desenvolvido exclusivamente para esta dissertação e, portanto, para a análise das estatuetas, não possuindo espaço para análise dos vasilhames. Porém, a equipe do LARQ/UFMA já estuda a possibilidade de desenvolver um instrumento de análise digital no formato *website* para ser usado pela equipe de estagiários e com o objetivo de melhorar a gestão de acervo, integrando o físico e o virtual.

Uma das maiores dificuldades no desenvolvimento da aplicação foram relacionadas ao processo de geração de PDFs (uma das funcionalidades do aplicativo)²¹, pois o desenvolvedor optou por não utilizar uma biblioteca de códigos, isto é, um pacote de soluções prontas que programadores usam para não precisar criar tudo do zero, o que tornou o processo mais demorado.

Quanto à organização do aplicativo, na interface inicial ou tela de entrada (figura 15) é possível contemplar as fichas já feitas na ordem da mais antiga para a mais recente. No preenchimento inicial da ficha é possível inserir dados como numeração da peça; nome do sítio arqueológico; a prateleira em que o artefato está localizado dentro do laboratório; o grupo do artefato e a data e horário que a ficha foi criada. Também é possível tirar fotos da estatueta através da câmera do celular.

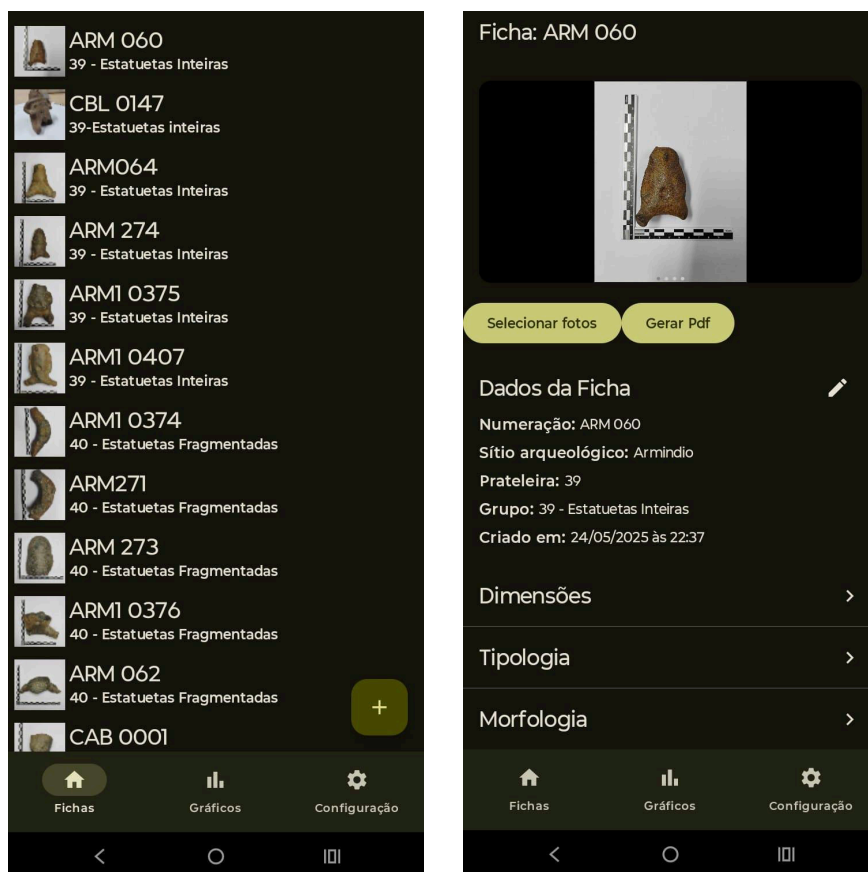
Outros elementos (figura 16) que podem ser registrados são Dimensões (comprimento; altura; largura e peso); Tipologia (tipo; condição; forma geral do corpo e condição interna); Morfologia (membros superiores; membros inferiores; fabricação da genitália, com espaço para marcar entre vulva ou pênis; posição corporal e outros atributos formais); Tecnologia

²⁰Trata-se do Bacharel em Ciência e Tecnologia Gilberson Campos Diniz, formado pela UFMA no curso de BICT (Bacharelado Interdisciplinar em Ciência e Tecnologia) e, atualmente, graduando em Engenharia da Computação pela mesma universidade.

²¹Ver apêndice A - Ficha de análise gerada pelo aplicativo em formato PDF.

(queima; antiplástico; técnica de fabricação; marcas de fabricação; marcas de uso; tratamento de superfície interna e tratamento de superfície externa); Decoração (se possui ou não; local da decoração; tipos de decoração; cor da pintura interna; cor da pintura externa e decoração plástica); Usos (chocalho; pingente; recipiente; cachimbo; instrumento musical; arma; brinquedo; outra e não identificada).

Figura 15: Tela de entrada do aplicativo



Fonte: Arquivo Pessoal (2025).

A paleta de cores utilizada foi o verde musgo que é próprio da identidade visual do LARQ/UFMA, fazendo referência aos muiraquitãs de pedra verde encontrados nas estearias.

Figura 16: Telas de aplicativo mostrando os critérios de análise

Ficha: ARM1 0407

Decoração ▾

☒ Possui decoração

Local

☒ Externa

☐ Interna

☐ Ambos

Tipo de Decoração

☒ Pintura

☒ Plástica

Cor da pintura (F.I.)

☐ Branco

☐ Preto

☐ Creme/Bege

☐ Vermelho

☐ Outra

☒ Não identificado

Ficha: ARM 060

Dados da Ficha ✎

Numeração: ARM 060

Sítio arqueológico: Armíndio

Prateleira: 39

Grupo: 39 - Estatuetas Inteiras

Criado em: 24/05/2025 às 22:37

Dimensões ▾

Comprimento (cm)	Largura (cm)
4.8	2.2
Altura (cm)	Peso (g)
7.7	56.26

Tipologia >

Morfologia >

Tecnologia >

Decoração >

Usos >

Fichas **Gráficos** **Configuração**

Fonte: Arquivo pessoal (2025).

3.1.1 As estatuetas do Armíndio

O sítio do Armíndio (ARM) (2°22'28.7'S45°24'20.2'W) está localizado no meio do canal do rio Turiaçu, no município de Santa Helena e tem uma área estimada de 11194,3m². Apresenta 1,12 hectares e possui 145 esteios divididos em vários grupos de esteios com medições entre 12 e 24 metros, sem um aparente grupo maior (Navarro, 2019).

Esse sítio foi mapeado na campanha de 2015 e conta com a maior quantidade de estatuetas coletadas pelo projeto e dentre as tipologias de material identificadas neste sítio estão líticos lascados, polidos e material cerâmico. A primeira datação radiocarbônica apontou uma data entre 1045-1085 d. C (Navarro, 2018).

Apresentam-se, a seguir, os quadros contendo as estatuetas analisadas. As informações seguem o modelo de: Exibição em quadros dos elementos morfológicos, estilísticos e tecnológicos, seguindo o que foi registrado na ficha catalográfica digital e exibição da imagem do artefato²² em dimensões ampliadas. Esse modelo segue-se para todos os sítios arqueológicos que serão aqui abordados.

²²As imagens foram registradas com a câmera do celular e tratadas no Adobe Photoshop.

Quadro 1 - Ficha da estatueta ARM 060

FICHA ARM 060 		
DADOS DA FICHA		DIMENSÕES
NUMERAÇÃO: ARM 060		COMPRIMENTO: 4.8 CM
SÍTIO ARQUEOLÓGICO: ARMÍNDIO		LARGURA: 2.2 CM
PRATELEIRA: 39		ALTURA: 7.7 CM
GRUPO: 39 - ESTATUETAS INTEIRAS		PESO: 56.26 (g)
TIPOLOGIA	MORFOLOGIA	TECNOLOGIA
TIPO: ANTROPOMORFO.	MEMBROS SUPERIORES: CABEÇA, NARIZ, ORELHAS, TÓRAX, BRAÇOS, MÃOS, DEDOS E UMBIGO.	QUEIMA: NÃO IDENTIFICADA; ANTIPLÁSTICO: CAUIXI; TÉCNICA DE FABRICAÇÃO: ACORDELADO OU ROLETADO E MODELADO.
CONDIÇÃO: INTEIRO.	MEMBROS INFERIORES: NÁDEGAS, PERNAS, PÉS.	MARCAS DE FABRICAÇÃO: MARCA DE QUEIMA; MARCAS DE USO: RESINA; TRATAMENTO DE SUPERFÍCIE EXTERNA: ALISADO E RESINA.
FORMA GERAL DO CORPO: NATURALISTA.	FABRICAÇÃO DA GENITÁLIA: NÃO POSSUI. () Vulva () Pênis	DECORAÇÃO: EXTERNA E PLÁSTICA: INCISÃO, DIGITADO, ORIFÍCIO VAZADO.
CONDIÇÃO INTERNA: OCA.	POSIÇÃO CORPORAL: EM PÉ (FRONTAL), EM PÉ (PERFIL) E BRAÇOS COLADOS AO CORPO.	USOS: CHOCALHO.

Fonte: Autoria própria (2026).

Figura 17: Fotografia da estatueta ARM 060



Fonte: Autoria própria (2026).

Quadro 2 - Ficha da estatueta ARM 062

FICHA ARM 062 	DADOS DA FICHA		DIMENSÕES
	NUMERAÇÃO: ARM 062		COMPRIMENTO: 14.2 CM
	SÍTIO ARQUEOLÓGICO: ARMÍNIO		LARGURA: 4.8 CM
	PRATELEIRA: 40		ALTURA: 4.1 CM
	GRUPO: 40 - ESTATUETAS FRAGMENTADAS		PESO: 128.01 (g)
TIPOLOGIA	MORFOLOGIA		TECNOLOGIA
TIPO: ANTROPOMORFO.	MEMBROS SUPERIORES: NÃO POSSUI.		QUEIMA: REDUTORA; ANTIPLÁSTICO: MINERAL; QUARTZO; ÓXIDO DE FERRO; CACO MOÍDO; TÉCNICA DE FABRICAÇÃO: ACORDELADO OU ROLETADO.
CONDIÇÃO: FRAGMENTADO.	MEMBROS INFERIORES: NÁDEGAS, PERNAS, PÉS.		MARCAS DE FABRICAÇÃO: MARCA DE QUEIMA; MARCAS DE USO: GÊMULAS; TRATAMENTO DE SUPERFÍCIE INTERNA/EXTERNA: ALISADO.
FORMA GERAL DO CORPO: NATURALISTA.	FABRICAÇÃO DA GENITÁLIA: POSSUI. (X) Vulva () Pênis		DECORAÇÃO: EXTERNA E PLÁSTICA: INCISÃO.
CONDIÇÃO INTERNA: OCA.	POSIÇÃO CORPORAL: SENTADO (FRONTAL), SENTADO (PERFIL).		USOS: CHOCALHO.

Fonte: Autoria própria (2026).

Figura 18: Fotografia da estatueta ARM 062



Fonte: Autoria própria (2026).

Quadro 3 - Ficha da estatueta ARM 064

FICHA ARM 064 	DADOS DA FICHA		DIMENSÕES
	NUMERAÇÃO: ARM 064		COMPRIMENTO: 9.2 CM
	SÍTIO ARQUEOLÓGICO: ARMÍNIO		LARGURA: 3.9 CM
	PRATELEIRA: 39		ALTURA: 10.7 CM
GRUPO: 39 - ESTATUETAS INTEIRAS		PESO: 164.25 (g)	
TIPOLOGIA	MORFOLOGIA		TECNOLOGIA
TIPO: ANTROPOZOOMORFO.	MEMBROS SUPERIORES: CABEÇA, OLHOS, NARIZ, TÓRAX.		QUEIMA: NÃO IDENTIFICADA; ANTIPLÁSTICO: MINERAL; QUARTZO; CACO MOÍDO; TÉCNICA DE FABRICAÇÃO: ACORDELADO OU ROLETADO E MODELADO
CONDIÇÃO: INTEIRO.	MEMBROS INFERIORES: NÁDEGAS, PERNAS, PÉS.		MARCAS DE FABRICAÇÃO: MARCA DE QUEIMA; MARCAS DE USO: RESINA E GÊMULAS; TRATAMENTO DE SUPERFÍCIE EXTERNA: ALISADO, POLIMENTO, RESINA.
FORMA GERAL DO CORPO: CILÍNDRICA; FÁLICA.	FABRICAÇÃO DA GENITÁLIA: NÃO POSSUI. () Vulva () Pênis		DECORAÇÃO: EXTERNA E PLÁSTICA: APLIQUE DE OLHOS, ALÇA.
CONDIÇÃO INTERNA: OCA.	POSIÇÃO CORPORAL: SENTADO (FRONTAL), SENTADO (PERFIL); OUTROS ATRIBUTOS FORMAIS: ADORNOS; ORIFÍCIOS.		USOS: CHOCALHO.

Fonte: Autoria própria (2026).

Figura 19: Fotografia da estatueta ARM 064



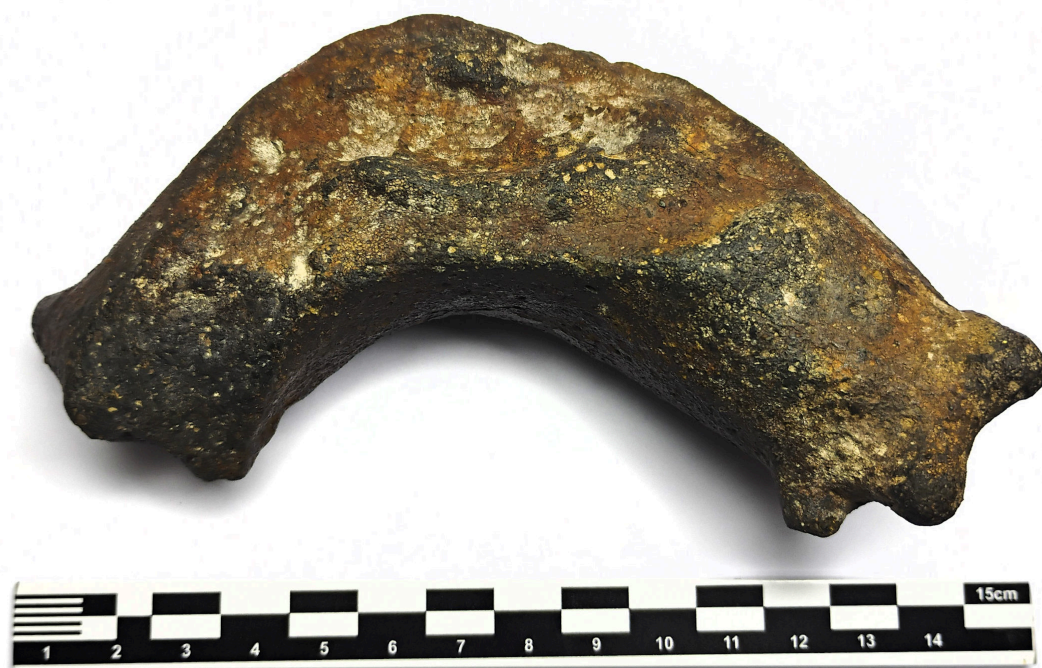
Fonte: Autoria própria (2026).

Quadro 4 - Ficha da estatueta ARM 271

FICHA ARM 271 	DADOS DA FICHA		DIMENSÕES
	NUMERAÇÃO: ARM 271		COMPRIMENTO: 11.6 CM
	SÍTIO ARQUEOLÓGICO: ARMÍNDIO		LARGURA: 3.5 CM
	PRATELEIRA: 40		ALTURA: 4.8 CM
	GRUPO: 40 - ESTATUETAS FRAGMENTADAS		PESO: 200.59 (g)
TIPOLOGIA	MORFOLOGIA		TECNOLOGIA
TIPO: ANTROPOZOOMORFO.	MEMBROS SUPERIORES: NÃO POSSUI.		QUEIMA: OXIDANTE; ANTIPLÁSTICO: QUARTZO; CACO MOÍDO; CAUXI; TÉCNICA DE FABRICAÇÃO: ACORDELADO OU ROLETADO; MODELADO.
CONDIÇÃO: FRAGMENTADO.	MEMBROS INFERIORES: NÁDEGAS, PERNAS, PÉS, DEDOS.		MARCAS DE FABRICAÇÃO: NÃO POSSUI; MARCAS DE USO: GÊMULAS; TRATAMENTO DE SUPERFÍCIE EXTERNA: ALISADO.
FORMA GERAL DO CORPO: ESTILIZADA.	FABRICAÇÃO DA GENITÁLIA: NÃO POSSUI. () Vulva () Pênis		DECORAÇÃO: NÃO POSSUI.
CONDIÇÃO INTERNA: MACIÇA.	POSIÇÃO CORPORAL: NÃO IDENTIFICADO.		USOS: OUTRA.

Fonte: Autoria própria (2026).

Figura 20: Fotografia da estatueta ARM 271



Fonte: Autoria própria (2026).

Quadro 5 - Ficha da estatueta ARM 273

FICHA ARM 273 	DADOS DA FICHA		DIMENSÕES
	NUMERAÇÃO: ARM 273		COMPRIMENTO: 9.0 CM
	SÍTIO ARQUEOLÓGICO: ARMÍNDIO		LARGURA: 4.8 CM
	PRATELEIRA: 40		ALTURA: 13.5 CM
	GRUPO: 40 - ESTATUETAS FRAGMENTADAS		PESO: 264.73 (g)
TIPOLOGIA	MORFOLOGIA		TECNOLOGIA
TIPO: NÃO IDENTIFICADO.	MEMBROS SUPERIORES: CABEÇA.		QUEIMA: REDUTORA; ANTIPLÁSTICO: QUARTZO; MICA; CARAIPÉ; CAUXI; TÉCNICA DE FABRICAÇÃO: ACORDELADO OU ROLETADO.
CONDIÇÃO: FRAGMENTADO.	MEMBROS INFERIORES: NÃO POSSUI.		MARCAS DE FABRICAÇÃO: MARCA DE QUEIMA; MARCAS DE USO: GÊMULAS; TRATAMENTO DE SUPERFÍCIE INTERNA/ EXTERNA: ALISADO E RESINA.
FORMA GERAL DO CORPO: FÁLICA.	FABRICAÇÃO DA GENITÁLIA: NÃO POSSUI. () Vulva () Pênis		DECORAÇÃO: NÃO POSSUI.
CONDIÇÃO INTERNA: OCA.	POSIÇÃO CORPORAL: EM PÉ (FRONTAL); EM PÉ (PERFIL).		USOS: CHOCALHO E OUTRA.

Fonte: Autoria própria (2026).

Figura 21: Fotografia da estatueta ARM 273



Fonte: Autoria própria (2026).

Quadro 6 - Ficha da estatueta ARM 274

FICHA ARM 274 	DADOS DA FICHA	DIMENSÕES
	NUMERAÇÃO: ARM 274	COMPRIMENTO: 5.8 CM
	SÍTIO ARQUEOLÓGICO: ARMÍNDIO	LARGURA: 2.5 CM
	PRATELEIRA: 39	ALTURA: 9.0 CM
	GRUPO: 39 - ESTATUETAS INTEIRAS	PESO: 112.76 (g)
TIPOLOGIA	MORFOLOGIA	TECNOLOGIA
TIPO: ANTROPOMORFO.	MEMBROS SUPERIORES: CABEÇA; OLHOS; NARIZ; TÓRAX.	QUEIMA: NÃO IDENTIFICADA; ANTIPLÁSTICO: MINERAL; QUARTZO; CACO MOÍDO; TÉCNICA DE FABRICAÇÃO: ACORDELADO OU ROLETADO; MODELADO.
CONDIÇÃO: INTEIRO.	MEMBROS INFERIORES: NÁDEGAS; PERNAS.	MARCAS DE FABRICAÇÃO: MARCA DE QUEIMA; MARCAS DE USO: GÊMULAS; TRATAMENTO DE SUPERFÍCIE EXTERNA: ALISADO.
FORMA GERAL DO CORPO: CILÍNDRICA.	FABRICAÇÃO DA GENITÁLIA: NÃO POSSUI. () Vulva () Pênis	DECORAÇÃO: NÃO POSSUI.
CONDIÇÃO INTERNA: MACIÇA.	POSIÇÃO CORPORAL: EM PÉ (FRONTAL); EM PÉ (PERFIL).	USOS: OUTRA.

Fonte: Autoria própria (2026).

Figura 22: Fotografia da estatueta ARM 274



Fonte: Autoria própria (2026).

Quadro 7 - Ficha da estatueta ARM1 375

FICHA ARM1 375 	DADOS DA FICHA		DIMENSÕES
	NUMERAÇÃO: ARM1 375		COMPRIMENTO: 6.8 CM
	SÍTIO ARQUEOLÓGICO: ARMÍNIO		LARGURA: 4.7 CM
	PRATELEIRA: 39		ALTURA: 9.3 CM
	GRUPO: 39 - ESTATUETAS INTEIRAS		PESO: 187.69 (g)
TIPOLOGIA	MORFOLOGIA		TECNOLOGIA
TIPO: ANTROPOMORFO.	MEMBROS SUPERIORES: OMBROS; TÓRAX; BRAÇOS; MÃOS; DEDOS; UMBIGO.		QUEIMA: NÃO IDENTIFICADA; ANTIPLÁSTICO: QUARTZO; ÓXIDO DE FERRO; CACO MOÍDO; CAUIXI; TÉCNICA DE FABRICAÇÃO: MODELADO.
CONDIÇÃO: INTEIRO.	MEMBROS INFERIORES: NÁDEGAS; ÂNUS; PERNAS; PÉS.		MARCAS DE FABRICAÇÃO: NÃO POSSUI; MARCAS DE USO: GÊMULAS; TRATAMENTO DE SUPERFÍCIE INTERNA/EXTERNA: ALISADO.
FORMA GERAL DO CORPO: NATURALISTA.	FABRICAÇÃO DA GENITÁLIA: POSSUI. (X) Vulva () Pênis		DECORAÇÃO: PLÁSTICA: INCISÃO; DIGITADO; ORIFÍCIO VAZADO.
CONDIÇÃO INTERNA: OCA.	POSIÇÃO CORPORAL: SENTADO (FRONTAL); SENTADO (PERFIL); BRAÇOS COLADOS AO CORPO; OUTROS ATRIBUTOS FORMAIS: ORIFÍCIOS.		USOS: CHOCALHO.

Fonte: Autoria própria (2026).

Figura 23: Fotografia da estatueta ARM1 375



Fonte: Autoria própria (2026).

Quadro 8 - Ficha da estatueta ARM1 376

	DADOS DA FICHA		DIMENSÕES
	NUMERAÇÃO: ARM1 376		COMPRIMENTO: 9.5 CM
	SÍTIO ARQUEOLÓGICO: ARMÍNDIO		LARGURA: 6.6 CM
	PRATELEIRA: 40		ALTURA: 6.1 CM
	GRUPO: 40 - ESTATUETAS FRAGMENTADAS		PESO: 161.12 (g)
TIPOLOGIA	MORFOLOGIA		TECNOLOGIA
TIPO: ANTROPOMORFO.	MEMBROS SUPERIORES: TÓRAX; UMBIGO.		QUEIMA: REDUTORA; ANTIPLÁSTICO: QUARTZO; MICA; CARAIPE; CAUXI; TÉCNICA DE FABRICAÇÃO: ACORDELADO OU ROLETADO.
CONDIÇÃO: FRAGMENTADO.	MEMBROS INFERIORES: NÁDEGAS; PERNAS; PÉS; DEDOS.		MARCAS DE FABRICAÇÃO: MARCA DE QUEIMA; MARCAS DE USO: RESINA; RANHURAS; TRATAMENTO DE SUPERFÍCIE INTERNA/ EXTERNA: ALISADO.
FORMA GERAL DO CORPO: NATURALISTA.	FABRICAÇÃO DA GENITÁLIA: POSSUI (X) Vulva () Pênis		DECORAÇÃO: PLÁSTICA E EXTERNA: INCISÃO.
CONDIÇÃO INTERNA: OCA.	POSIÇÃO CORPORAL: SENTADO (FRONTAL); SENTADO (PERFIL).		USOS: CHOCALHO.

Fonte: Autoria própria (2026).

Figura 24: Fotografia da estatueta ARM1 376



Fonte: Autoria própria (2026).

Quadro 9 - Ficha da estatueta ARM1 377

FICHA ARM1 377 		
DADOS DA FICHA		DIMENSÕES
NUMERAÇÃO: ARM1 377		COMPRIMENTO: 13,1 CM
SÍTIO ARQUEOLÓGICO: ARMÍNDIO		LARGURA: 5,2 CM
PRATELEIRA: 40		ALTURA: 8,6 CM
GRUPO: 40 - ESTATUETAS FRAGMENTADAS		PESO: 187,8 (g)
TIPOLOGIA	MORFOLOGIA	TECNOLOGIA
TIPO: ANTROPOMORFO.	MEMBROS SUPERIORES: TÓRAX; BRAÇOS; UMBIGO.	QUEIMA: REDUTORA; ANTIPLÁSTICO: QUARTZO; MICA; ÓXIDO DE FERRO; CAUÍXI. TÉCNICA DE FABRICAÇÃO: ACORDELADO OU ROLETADO.
CONDIÇÃO: FRAGMENTADO.	MEMBROS INFERIORES: NÁDEGAS; PERNAS; PÉS.	MARCAS DE FABRICAÇÃO: MARCA DE QUEIMA; MARCAS DE USO: GÊMULAS; TRATAMENTO DE SUPERFÍCIE INTERNA/ EXTERNA: ALISADO.
FORMA GERAL DO CORPO: NATURALISTA.	FABRICAÇÃO DA GENITALIA: NÃO POSSUI. () Vulva () Pênis	DECORAÇÃO: PLÁSTICA E EXTERNA: PONTEADO.
CONDIÇÃO INTERNA: OCA.	POSIÇÃO CORPORAL: SENTADO (FRONTAL); SENTADO (PERFIL); BRAÇOS COLADOS AO CORPO.	USOS: CHOCALHO.

Fonte: Autoria própria (2026).

Figura 25: Fotografia da estatueta ARM1 377



Fonte: Autoria própria (2026).

Quadro 10 - Ficha da estatueta ARM1 407

FICHA ARM1 407 	DADOS DA FICHA		DIMENSÕES
	NUMERAÇÃO: ARM1 407		COMPRIMENTO: 8,5 CM
	SÍTIO ARQUEOLÓGICO: ARMÍNDIO		LARGURA: 4,0 CM
	PRATELEIRA: 39		ALTURA: 10,7 CM
	GRUPO: 39 - ESTATUETAS INTEIRAS		PESO: 229,84 (g)
TIPOLOGIA	MORFOLOGIA		TECNOLOGIA
TIPO: ANTROPOZOOMORFO.	MEMBROS SUPERIORES: CABEÇA; OLHOS; NARIZ; ORELHAS; BOCA; TÓRAX; BRAÇOS; UMBIGO.		QUEIMA: NÃO IDENTIFICADA. ANTIPLÁSTICO: QUARTZO; ÓXIDO DE FERRO; CARVÃO; CACO MOÍDO; CARAIPÉ; CAUIXI. TÉCNICA DE FABRICAÇÃO: ACORDELADO OU ROLETADO; MODELADO.
CONDIÇÃO: INTEIRO.	MEMBROS INFERIORES: NÁDEGAS; PERNAS; PÉS.		MARCAS DE FABRICAÇÃO: MARCA DE QUEIMA; MARCAS DE USO: RESINA; TRATAMENTO DE SUPERFÍCIE EXTERNA: ALISADO; POLIMENTO; RESINA.
FORMA GERAL DO CORPO: NATURALISTA.	FABRICAÇÃO DA GENITÁLIA: POSSUI. (X) Vulva () Pênis		DECORAÇÃO: PINTURA VERMELHA E DECORAÇÃO PLÁSTICA: INCISÃO; APLIQUE DE OLHOS; DIGITADO; ORIFÍCIO VAZADO.
CONDIÇÃO INTERNA: OCA.	POSIÇÃO CORPORAL: EM PÉ (FRONTAL); EM PÉ (PERFIL); BRAÇOS COLADOS AO CORPO; OUTROS ATRIBUTOS FORMAIS: PENTEADOS; ORIFÍCIOS.		USOS: CHOCALHO.

Fonte: Autoria própria (2026).

Figura 26: Fotografia da estatueta ARM1 407



Fonte: Autoria própria (2026).

Quadro 11 - Ficha da estatueta ARM1 0459

FICHA ARM1 0459 	DADOS DA FICHA	DIMENSÕES
	NUMERAÇÃO: ARM1 0459	COMPRIMENTO: 6,4 CM
	SÍTIO ARQUEOLÓGICO: ARMINDIO	LARGURA: 1,7 CM
	PRATELEIRA: 40	ALTURA: 5,5 CM
	GRUPO: 40 - ESTATUETAS FRAGMENTADAS	PESO: 10,5 (g)
TIPOLOGIA	MORFOLOGIA	TECNOLOGIA
TIPO: CABEÇA DE ESTATUETA.	MEMBROS SUPERIORES: CABEÇA; OLHOS; NARIZ; BOCA.	QUEIMA: REDUTORA; ANTIPLÁSTICO: QUARTZO; CARVÃO; CACO MOÍDO. TÉCNICA DE FABRICAÇÃO: MODELADO.
CONDIÇÃO: FRAGMENTADO.	MEMBROS INFERIORES: NÃO POSSUI.	MARCAS DE FABRICAÇÃO: NÃO POSSUI; MARCAS DE USO: NÃO POSSUI; TRATAMENTO DE SUPERFÍCIE INTERNO/EXTERNO: ALISADO.
FORMA GERAL DO CORPO: NÃO IDENTIFICADO.	FABRICAÇÃO DA GENITÁLIA: NÃO POSSUI. (X) Vulva () Pênis	DECORAÇÃO: PLÁSTICA E EXTERNA: INCISÃO E APLIQUE DE OLHOS. PINTURA EXTERNA VERMELHA.
CONDIÇÃO INTERNA: MACIÇA.	POSIÇÃO CORPORAL: NÃO IDENTIFICADO.	USOS: OUTRA.

Fonte: Autoria própria (2026).

Figura 27: Fotografia da estatueta ARM1 0459



Fonte: Autoria própria (2026).

Quadro 12 - Ficha da estatueta ARM 0546

FICHA ARM 0546		
	DADOS DA FICHA	DIMENSÕES
	NUMERAÇÃO: ARM 0546	COMPRIMENTO: 5.5 CM
	SÍTIO ARQUEOLÓGICO: ARMINDIO	LARGURA: 2.4 CM
	PRATELEIRA: 39	ALTURA: 10.8 CM
	GRUPO: 39 - ESTATUETAS INTEIRAS	PESO: 154.41 (g)
TIPOLOGIA	MORFOLOGIA	TECNOLOGIA
TIPO: ANTROPOMORFO.	MEMBROS SUPERIORES: CABEÇA; TÓRAX.	QUEIMA: REDUTORA; ANTIPLÁSTICO: QUARTZO; CACO MOÍDO. TÉCNICA DE FABRICAÇÃO: ACORDELADO OU MODELADO
CONDIÇÃO: INTEIRO.	MEMBROS INFERIORES: NÁDEGAS; PERNAS.	MARCAS DE FABRICAÇÃO: MARCA DE QUEIMA; MARCAS DE USO: NÃO POSSUI; TRATAMENTO DE SUPERFÍCIE EXTERNO: ALISADO.
FORMA GERAL DO CORPO: ESTILIZADA.	FABRICAÇÃO DA GENITÁLIA: POSSUI. (X) Vulva () Pênis	DECORAÇÃO: PLÁSTICA E EXTERNA: INCISÃO E ORIFÍCIO VAZADO.
CONDIÇÃO INTERNA: MACIÇA.	POSIÇÃO CORPORAL: EM PÉ (FRONTAL); EM PÉ PERFIL (FRONTAL).	USOS: OUTRA.

Fonte: Autoria própria (2026).

Figura 28: Fotografia da estatueta ARM 0546



Fonte: Autoria própria (2026).

Quadro 13: Ficha da estatueta ARM 0551

FICHA ARM 0551 		
DADOS DA FICHA		DIMENSÕES
NUMERAÇÃO: ARM 0551		COMPRIMENTO: 4,3 CM
SÍTIO ARQUEOLÓGICO: ARMINDIO		LARGURA: 2,2 CM
PRATELEIRA: 40		ALTURA: 5,1 CM
GRUPO: 40 - ESTATUETAS FRAGMENTADAS		PESO: 30,34 (g)
TIPOLOGIA	MORFOLOGIA	TECNOLOGIA
TIPO: ANTROPOMORFO.	MEMBROS SUPERIORES: TÓRAX.	QUEIMA: REDUTORA; ANTIPLÁSTICO: QUARTZO; MICA; CACO MOÍDO; CARAIPÉ TÉCNICA DE FABRICAÇÃO: ACORDELADO OU ROLETADO; MODELADO.
CONDIÇÃO: FRAGMENTADO.	MEMBROS INFERIORES: NÁDEGAS; PERNAS; PÉS.	MARCAS DE FABRICAÇÃO: NÃO POSSUI MARCAS DE USO: GÊMULAS; TRATAMENTO DE SUPERFÍCIE INTERNO/EXTERNO: ALISADO.
FORMA GERAL DO CORPO: NATURALISTA.	FABRICAÇÃO DA GENITÁLIA: NÃO POSSUI. (X) Vulva () Pênis	DECORAÇÃO: NÃO POSSUI.
CONDIÇÃO INTERNA: OCA.	POSIÇÃO CORPORAL: EM PÉ (FRONTAL); EM PÉ PERFIL (FRONTAL).	USOS: OUTRA.

Fonte: Autoria própria (2026).

Figura 29: Fotografia da estatueta ARM 0551



Fonte: Autoria própria (2026).

Quadro 14: Ficha da estatueta ARM 0821

FICHA ARM 0821		
	DADOS DA FICHA	DIMENSÕES
	NUMERAÇÃO: ARM 0821	COMPRIMENTO: 5.3 CM
	SÍTIO ARQUEOLÓGICO: ARMINDIO	LARGURA: 1.1 CM
	PRATELEIRA: 40	ALTURA: 3.4 CM
	GRUPO: 40 - ESTATUETAS FRAGMENTADAS	PESO: 16.14 (g)
TIPOLOGIA	MORFOLOGIA	TECNOLOGIA
TIPO: CABEÇA DE ESTATUETA.	MEMBROS SUPERIORES: CABEÇA; OLHOS; NARIZ; BOCA.	QUEIMA: OXIDANTE; ANTIPLÁSTICO: QUARTZO; MICA; CACO MOÍDO; CAUÍXI TÉCNICA DE FABRICAÇÃO: MODELADO.
CONDIÇÃO: FRAGMENTADO.	MEMBROS INFERIORES: NÃO POSSUI.	MARCAS DE FABRICAÇÃO: MARCA DE QUEIMA; MARCAS DE USO: NÃO POSSUI TRATAMENTO DE SUPERFÍCIE INTERNO/EXTERNO: ALISADO.
FORMA GERAL DO CORPO: NATURALISTA.	FABRICAÇÃO DA GENITALIA: NÃO POSSUI. () Vulva () Pênis	DECORAÇÃO: PLÁSTICA EXTERNA: INCISÃO, APLIQUE DE OLHOS, PONTEADO.
CONDIÇÃO INTERNA: MACIÇA.	POSIÇÃO CORPORAL: NÃO IDENTIFICADO.	USOS: OUTRA.

Fonte: Autoria própria (2026).

Figura 30: Fotografia da estatueta ARM 0821



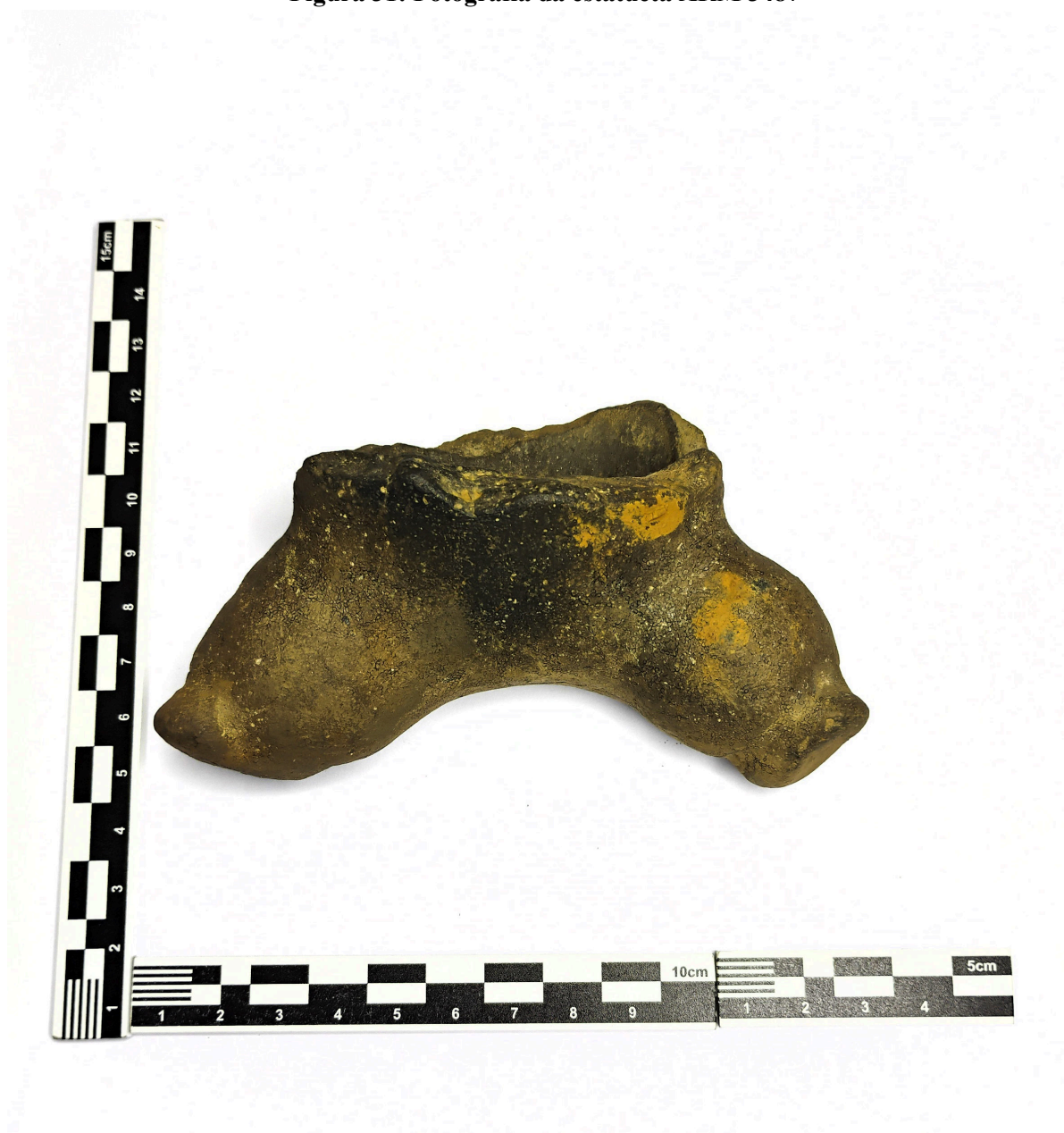
Fonte: Autoria própria (2026).

Quadro 15: Ficha da estatueta ARM 3487

FICHA ARM 3487 		
	DADOS DA FICHA	DIMENSÕES
	NUMERAÇÃO: ARM 3487	COMPRIMENTO: 11.4 CM
	SÍTIO ARQUEOLÓGICO: ARMÍNDIO	LARGURA: 4.0 CM
	PRATELEIRA: 40	ALTURA: 4.2 CM
	GRUPO: 40 - ESTATUETAS FRAGMENTADAS	PESO: 178.69 (g)
TIPOLOGIA	MORFOLOGIA	TECNOLOGIA
TIPO: ANTROPOMORFO.	MEMBROS SUPERIORES: NÃO POSSUI.	QUEIMA: REDUTORA; ANTIPLÁSTICO: QUARTZO; CARVÃO; CACO MOÍDO; CAUXI; TÉCNICA DE FABRICAÇÃO: ACORDELADO OU ROLETADO.
CONDIÇÃO: FRAGMENTADO.	MEMBROS INFERIORES: NÁDEGAS; PERNAS; PÉS.	MARCAS DE FABRICAÇÃO: MARCA DE QUEIMA; MARCAS DE USO: GÊMULAS; TRATAMENTO DE SUPERFÍCIE INTERNA/ EXTERNA: ALISADO.
FORMA GERAL DO CORPO: NATURALISTA.	FABRICAÇÃO DA GENITALIA: NÃO POSSUI. () Vulva () Pênis	DECORAÇÃO: NÃO POSSUI.
CONDIÇÃO INTERNA: OCA.	POSIÇÃO CORPORAL: SENTADO (FRONTAL); SENTADO (PERFIL).	USOS: CHOCALHO.

Fonte: Autoria própria (2026).

Figura 31: Fotografia da estatueta ARM 3487



Fonte: Autoria própria (2026).

Quadro 16: Ficha da estatueta ARM 3512

FICHA ARM 3512 	DADOS DA FICHA		DIMENSÕES
	NUMERAÇÃO: ARM 3512		COMPRIMENTO: 5.9 CM
	SÍTIO ARQUEOLÓGICO: ARMÍNDIO		LARGURA: 4.3 CM
	PRATELEIRA: 39		ALTURA: 9.0 CM
	GRUPO: 39 - ESTATUETAS INTEIRAS		PESO: 91.44 (g)
TIPOLOGIA	MORFOLOGIA		TECNOLOGIA
TIPO: ANTROPOMORFO.	MEMBROS SUPERIORES: OMBROS; TÓRAX; BRAÇOS; MÃOS; UMBIGO.		QUEIMA: REDUTORA; ANTIPLÁSTICO: QUARTZO; MICA; CARAIPÉ; CAUXI TÉCNICA DE FABRICAÇÃO: ACORDELADO OU ROLETADO.
CONDIÇÃO: INTEIRO.	MEMBROS INFERIORES: NÁDEGAS; PERNAS; PÉS.		MARCAS DE FABRICAÇÃO: MARCA DE QUEIMA; TRATAMENTO DE SUPERFÍCIE INTERNA/ EXTERNA: ALISADO.
FORMA GERAL DO CORPO: NATURALISTA.	FABRICAÇÃO DA GENITALIA: NÃO POSSUI. () Vulva () Pênis		DECORAÇÃO: PLÁSTICA EXTERNA: DIGITADO.
CONDIÇÃO INTERNA: OCA.	POSIÇÃO CORPORAL: SENTADO (FRONTAL); SENTADO (PERFIL); BRAÇOS COLADOS AO CORPO.		USOS: CHOCALHO.

Fonte: Autoria própria (2026).

Figura 32: Fotografia da estatueta ARM 3512



Fonte: Autoria própria (2026).

Quadro 17: Ficha da estatueta ARM 3513

FICHA ARM 3513 		
DADOS DA FICHA		DIMENSÕES
NUMERAÇÃO: ARM 3513		COMPRIMENTO: 9.1 CM
SÍTIO ARQUEOLÓGICO: ARMÍNDIO		LARGURA: 6.5 CM
PRATELEIRA: 40		ALTURA: 7.2 CM
GRUPO: 40 - ESTATUETAS FRAGMENTADAS		PESO: 98.46 (g)
TIPOLOGIA	MORFOLOGIA	TECNOLOGIA
TIPO: ANTROPOMORFO.	MEMBROS SUPERIORES: TÓRAX; BRAÇOS; MÃOS; DEDOS; UMBIGO.	QUEIMA: OXIDANTE; ANTIPLÁSTICO: MINERAL; QUARTZO; CACO MOÍDO; CAUIXI; TÉCNICA DE FABRICAÇÃO: ACORDELADO OU ROLETADO; MODELADO.
CONDIÇÃO: FRAGMENTADO.	MEMBROS INFERIORES: NÁDEGAS.	MARCAS DE FABRICAÇÃO: MARCA DE QUEIMA; MARCAS DE USO: GÊMULAS; TRATAMENTO DE SUPERFÍCIE INTERNA/ EXTERNA: ALISADO.
FORMA GERAL DO CORPO: GLOBULAR E TRAPEZOIDAL.	FABRICAÇÃO DA GENITÁLIA: POSSUI. (X) Vulva () Pênis	DECORAÇÃO: PLÁSTICA E INCISÃO E PINTURA EXTERNA VERMELHA.
CONDIÇÃO INTERNA: OCA.	POSIÇÃO CORPORAL: EM PÉ (FRONTAL); EM PÉ (PERFIL); BRAÇOS COLADOS AO CORPO.	USOS: RECIPIENTE.

Fonte: Autoria própria (2026).

Figura 33: Fotografia da estatueta ARM 3513



Fonte: Autoria própria (2026).

Quadro 18 - Ficha da estatueta ARM 3524

FICHA ARM 3524 	DADOS DA FICHA		DIMENSÕES
	NUMERAÇÃO: ARM 3524		COMPRIMENTO: 9.2 CM
	SÍTIO ARQUEOLÓGICO: ARMINDIO		LARGURA: 5.8 CM
	PRATELEIRA: 40		ALTURA: 11.7 CM
	GRUPO: 40 - ESTATUETAS FRAGMENTADAS		PESO: 242.95 (g)
TIPOLOGIA	MORFOLOGIA		TECNOLOGIA
TIPO: ANTROPOMORFO.	MEMBROS SUPERIORES: CABEÇA; OLHOS; NARIZ; OMBROS; TÓRAX; BRAÇOS.		QUEIMA: REDUTORA; ANTIPLÁSTICO: QUARTZO; CARVÃO; CACO MOÍDO; TÉCNICA DE FABRICAÇÃO: ACORDELADO OU ROLETADO.
CONDIÇÃO: FRAGMENTADO.	MEMBROS INFERIORES: NÃO POSSUI. () Vulva () Pênis		MARCAS DE FABRICAÇÃO: MARCA DE QUEIMA; MARCAS DE USO: GÊMULAS; TRATAMENTO DE SUPERFÍCIE INTERNA/ EXTERNA: ALISADO.
FORMA GERAL DO CORPO: CILÍNDRICA.	FABRICAÇÃO DA GENITALIA: NÃO POSSUI. () Vulva () Pênis		DECORAÇÃO: NÃO POSSUI.
CONDIÇÃO INTERNA: OCA.	POSIÇÃO CORPORAL: EM PÉ (FRONTAL); EM PÉ (PERFIL); BRAÇOS COLADOS AO CORPO.		USOS: CHOCALHO.

Fonte: Autoria própria (2026).

Figura 34: Fotografia da estatueta ARM 3524



Fonte: Autoria própria (2026).

Quadro 19: Ficha da estatueta ARM 3835

FICHA ARM 3835 		
DADOS DA FICHA		DIMENSÕES
NUMERAÇÃO: ARM 3835		COMPRIMENTO: 4.7 CM
SÍTIO ARQUEOLÓGICO: ARMÍNDIO		LARGURA: 2.8 CM
PRATELEIRA: 39		ALTURA: 8.5 CM
GRUPO: 39 - ESTATUETAS INTEIRAS		PESO: 32.55 (g)
TIPOLOGIA	MORFOLOGIA	TECNOLOGIA
TIPO: ANTROPOMORFO.	MEMBROS SUPERIORES: CABEÇA; TÓRAX; UMBIGO.	QUEIMA: NÃO IDENTIFICADA; ANTIPLÁSTICO: QUARTZO; CACO MOÍDO; CARAIPE; CAUIXI; TÉCNICA DE FABRICAÇÃO: MODELADO.
CONDIÇÃO: INTEIRO.	MEMBROS INFERIORES: NÁDEGAS; PERNAS.	MARCAS DE FABRICAÇÃO: MARCA DE QUEIMA; MARCAS DE USO: NÃO POSSUI; TRATAMENTO DE SUPERFÍCIE EXTERNO: ALISADO.
FORMA GERAL DO CORPO: NATURALISTA.	FABRICAÇÃO DA GENITÁLIA: NÃO POSSUI. (X) Vulva () Pênis	DECORAÇÃO: PLÁSTICA E EXTERNA: ORIFÍCIO NÃO VAZADO.
CONDIÇÃO INTERNA: MACIÇA.	POSIÇÃO CORPORAL: EM PÉ (FRONTAL); EM PÉ (PERFIL); OUTROS ATRIBUTOS FORMAIS: ORIFÍCIOS.	USOS: OUTRA.

Fonte: Autoria própria (2026).

Figura 35: Fotografia da estatueta ARM 3835



Fonte: Autoria própria (2026).

Quadro 20: Ficha da estatueta ARM 3762

FICHA ARM 3762 		DADOS DA FICHA	DIMENSÕES
		NUMERAÇÃO: ARM 3762	COMPRIMENTO: 4.6 CM
		SÍTIO ARQUEOLÓGICO: ARMINDIO	LARGURA: 3.9 CM
		PRATELEIRA: 40	ALTURA: 7.0 CM
		GRUPO: 40 - ESTATUETAS FRAGMENTADAS	PESO: 71.14 (g)
TIPOLOGIA	MORFOLOGIA	TECNOLOGIA	
TIPO: ANTROPOMORFO.	MEMBROS SUPERIORES: TÓRAX; BRAÇOS; UMBIGO.	QUEIMA: NÃO IDENTIFICADA; ANTIPLÁSTICO: QUARTZO; MICA; CACO MOÍDO; TÉCNICA DE FABRICAÇÃO: ACORDELADO OU ROLETADO; MODELADO.	
CONDIÇÃO: FRAGMENTADO.	MEMBROS INFERIORES: NÁDEGAS; PERNAS; PÉS.	MARCAS DE FABRICAÇÃO: NÃO POSSUI; MARCAS DE USO: GÊMULAS; TRATAMENTO DE SUPERFÍCIE INTERNO/ EXTERNO: ALISADO.	
FORMA GERAL DO CORPO: CILÍNDRICA.	FABRICAÇÃO DA GENITÁLIA: NÃO POSSUI. () Vulva () Pênis	DECORAÇÃO: PLÁSTICA E EXTERNA: DIGITADO.	
CONDIÇÃO INTERNA: OCA.	POSIÇÃO CORPORAL: EM PÉ (FRONTAL); EM PÉ (PERFIL).	USOS: RECIPIENTE E OUTRA.	

Fonte: Autoria própria (2026).

Figura 36: Fotografia da estatueta ARM 3762



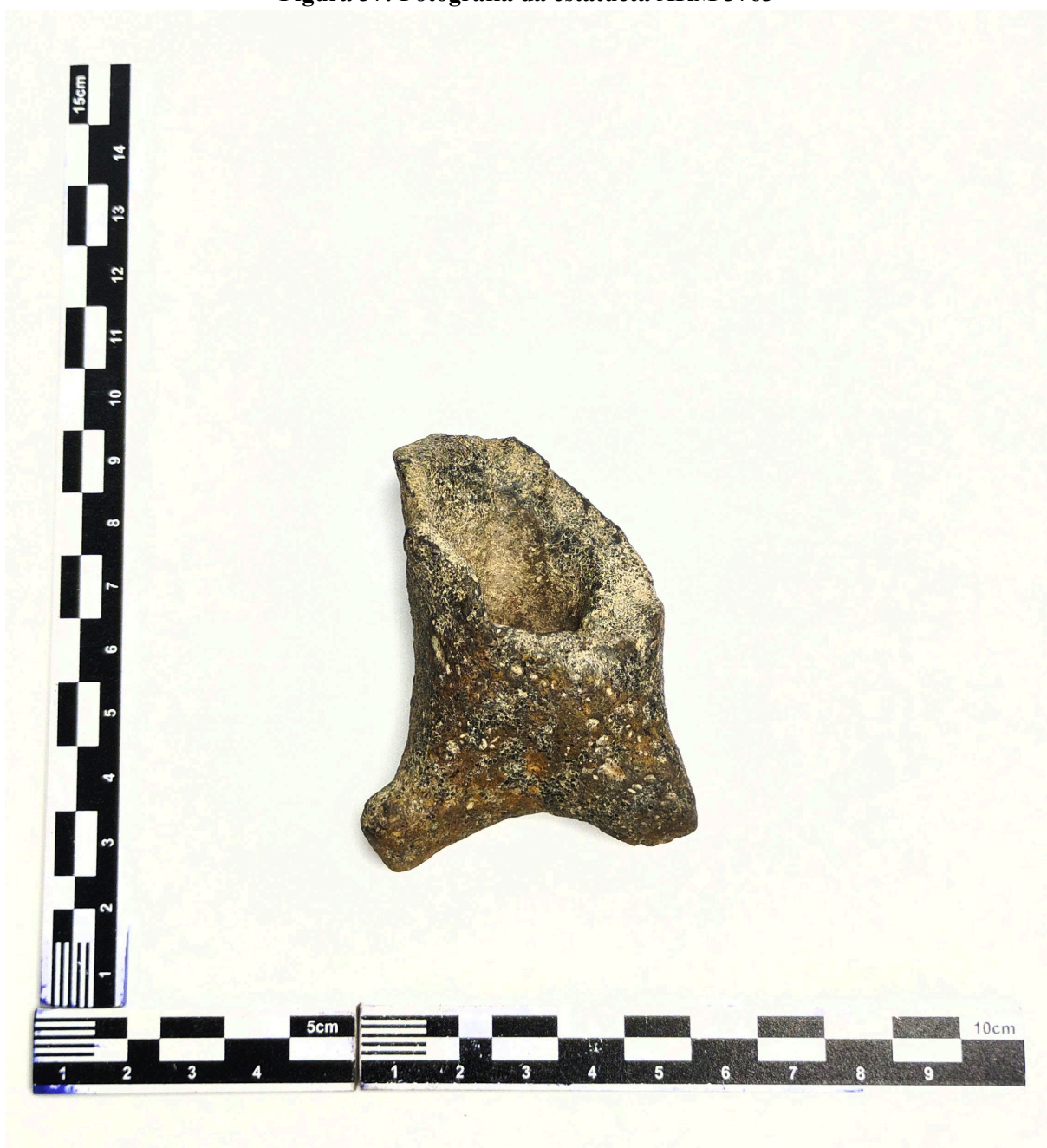
Fonte: Autoria própria (2026).

Quadro 21: Ficha da estatueta ARM 3763

FICHA ARM 3763 		
DADOS DA FICHA		DIMENSÕES
NUMERAÇÃO: ARM 3763		COMPRIMENTO: 3.5 CM
SÍTIO ARQUEOLÓGICO: ARMINDIO		LARGURA: 2.6 CM
PRATELEIRA: 40		ALTURA: 6.3 CM
GRUPO: 40 - ESTATUETAS FRAGMENTADAS		PESO: 49.5 (g)
TIPOLOGIA	MORFOLOGIA	TECNOLOGIA
TIPO: ANTROPOMORFO.	MEMBROS SUPERIORES: TÓRAX.	QUEIMA: REDUTORA; ANTIPLÁSTICO: QUARTZO; MICA; CARVÃO; CACO MOÍDO; CARAIPE TÉCNICA DE FABRICAÇÃO: ACORDELADO OU ROLETADO; MODELADO.
CONDIÇÃO: FRAGMENTADO.	MEMBROS INFERIORES: NÁDEGAS; PERNAS; PÉS.	MARCAS DE FABRICAÇÃO: NÃO POSSUI MARCAS DE USO: GÊMULAS TRATAMENTO DE SUPERFÍCIE INTERNO/EXTERNO: ALISADO.
FORMA GERAL DO CORPO: NATURALISTA.	FABRICAÇÃO DA GENITÁLIA: NÃO POSSUI. () Vulva () Pênis	DECORAÇÃO: NÃO POSSUI.
CONDIÇÃO INTERNA: OCA.	POSIÇÃO CORPORAL: EM PÉ (FRONTAL); EM PÉ (PERFIL).	USOS: OUTRA.

Fonte: Autoria própria (2026).

Figura 37: Fotografia da estatueta ARM 3763



Fonte: Autoria própria (2026).

Quadro 22: Ficha da estatueta ARM 3836

FICHA ARM 3836 		
DADOS DA FICHA		DIMENSÕES
NUMERAÇÃO: ARM 3836		COMPRIMENTO: 7.6 CM
SÍTIO ARQUEOLÓGICO: ARMINDIO		LARGURA: 3.5 CM
PRATELEIRA: 40		ALTURA: 5.4 CM
GRUPO: 40 - ESTATUETAS FRAGMENTADAS		PESO: 92.62 (g)
TIPOLOGIA	MORFOLOGIA	TECNOLOGIA
TIPO: ANTROPOMORFO.	MEMBROS SUPERIORES: TÓRAX.	QUEIMA: REDUTORA; ANTIPLÁSTICO: QUARTZO; CACO MOÍDO; CAUXI; TÉCNICA DE FABRICAÇÃO: ACORDELADO OU ROLETADO.
CONDIÇÃO: FRAGMENTADO.	MEMBROS INFERIORES: NÁDEGAS; ÂNUS, PERNAS.	MARCAS DE USO: GÊMULAS; TRATAMENTO DE SUPERFÍCIE INTERNA/ EXTERNA: ALISADO.
FORMA GERAL DO CORPO: NATURALISTA.	FABRICAÇÃO DA GENITÁLIA: POSSUI (X) Vulva () Pênis	DECORAÇÃO: PLÁSTICA E EXTERNA: EXCISÃO E ORIFÍCIO VAZADO.
CONDIÇÃO INTERNA: OCA.	POSIÇÃO CORPORAL: SENTADO (FRONTAL); SENTADO (PERFIL); OUTROS ATRIBUTOS FORMAIS: ORIFÍCIOS.	USOS: CHOCALHO.

Fonte: Autoria própria (2026).

Figura 38: Fotografia da estatueta ARM 3836



Fonte: Autoria própria (2026).

Quadro 23 - Ficha da estatueta ARM 3901

FICHA ARM 3901		
	DADOS DA FICHA	DIMENSÕES
	NUMERAÇÃO: ARM 3901	COMPRIMENTO: 4.4 CM
	SÍTIO ARQUEOLÓGICO: ARMINDIO	LARGURA: 3.8 CM
	PRATELEIRA: 39	ALTURA: 8.5 CM
	GRUPO: 39 - ESTATUETAS INTEIRAS	PESO: 99.43 (g)
TIPOLOGIA	MORFOLOGIA	TECNOLOGIA
TIPO: ANTROPOMORFO.	MEMBROS SUPERIORES: CABEÇA; TÓRAX; UMBIGO.	QUEIMA: REDUÇÃO INTERNA/EXTERNA ANTIPLÁSTICO: QUARTZO; MICA; CARVÃO; CACO MOÍDO; TÉCNICA DE FABRICAÇÃO: ACORDELADO OU ROLETADO.
CONDIÇÃO: INTEIRO.	MEMBROS INFERIORES: NÁDEGAS; PERNAS.	MARCAS DE FABRICAÇÃO: MARCA DE QUEIMA; MARCAS DE USO: NÃO POSSUI; TRATAMENTO DE SUPERFÍCIE EXTERNO: ALISADO E ENGOBO.
FORMA GERAL DO CORPO: CILÍNDRICA.	FABRICAÇÃO DA GENITÁLIA: NÃO POSSUI. () Vulva () Pênis	DECORAÇÃO: PLÁSTICA EXTERNA: DIGITADO; ORIFÍCIO VAZADO.
CONDIÇÃO INTERNA: OCA.	POSIÇÃO CORPORAL: EM PÉ (FRONTAL); EM PÉ (PERFIL).	USOS: CHOCALHO; OUTRA.

Fonte: Autoria própria (2026).

Figura 39: Fotografia da estatueta ARM 3901



Fonte: Autoria própria (2026).

3.1.2 As estatuetas do Boca do Rio

O sítio Boca do Rio (BR) (2°23'05.3"S 45°28'20.2"W) está localizado no município de Santa Helena e também faz parte da bacia do Turiaçu, possuindo 0,6 hectares de área, que preservam 1071 esteios no fundo de seu leito, no meio do canal do rio. O sítio possui um formato linear e segue o binômio centro-periferia com um núcleo central que corresponde a 64 m de comprimento, e áreas menores dispostas nas regiões periféricas com um espaço que varia de 14 a 30 metros (Navarro, 2019).

O sítio tem área estimada de 6016,94 m² e foi mapeado na campanha arqueológica de 2015, onde foi encontrado o muiraquitã de nefrita. Foi realizada uma datação radiocarbônica inicial, através da madeira do esteio, cuja data alcançada foi 885-995 d.C (Navarro, 2018).

Quadro 24: Ficha da estatueta BR 0057

FICHA BR 0057		
	DADOS DA FICHA	DIMENSÕES
	NUMERAÇÃO: BR 0057	COMPRIMENTO: 4.6 CM
	SÍTIO ARQUEOLÓGICO: BOCA DO RIO	LARGURA: 0.9 CM
	PRATELEIRA: 40	ALTURA: 6.8 CM
	GRUPO: 40 - ESTATUETAS FRAGMENTADAS	PESO: 7.6 (g)
TIPOLOGIA	MORFOLOGIA	TECNOLOGIA
TIPO: CABEÇA DE ESTATUETA.	MEMBROS SUPERIORES: CABEÇA; OLHOS; NARIZ; BOCA.	QUEIMA: REDUTORA; ANTIPLÁSTICO: QUARTZO; MICA; CACO MOÍDO; CAUXI. TÉCNICA DE FABRICAÇÃO: MODELADO.
CONDIÇÃO: FRAGMENTADO.	MEMBROS INFERIORES: NÃO POSSUI.	MARCAS DE FABRICAÇÃO: NÃO POSSUI; MARCAS DE USO: GÊMULAS; TRATAMENTO DE SUPERFÍCIE INTERNO/EXTERNO: ALISADO.
FORMA GERAL DO CORPO: NÃO IDENTIFICADO.	FABRICAÇÃO DA GENITÁLIA: NÃO POSSUI. () Vulva () Pênis	DECORAÇÃO: PLÁSTICA E EXTERNA - INCISÃO; APLIQUE DE OLHOS; PONTEADO.
CONDIÇÃO INTERNA: MACIÇA.	POSIÇÃO CORPORAL: NÃO IDENTIFICADO.	USOS: OUTRA.

Fonte: Autoria própria (2026).

Figura 40: Fotografia da estatueta BR 0057



Fonte: Autoria própria (2026).

Quadro 25 - Ficha da estatueta BR 0058

FICHA BR 0058 		
DADOS DA FICHA		DIMENSÕES
NUMERAÇÃO: BR 0058		COMPRIMENTO: 3.4 CM
SÍTIO ARQUEOLÓGICO: BOCA DO RIO		LARGURA: 2.3 CM
PRATELEIRA: 40		ALTURA: 3.2 CM
GRUPO: 40 - ESTATUETAS FRAGMENTADAS		PESO: 23.5 (g)
TIPOLOGIA	MORFOLOGIA	TECNOLOGIA
TIPO: CABEÇA DE ESTATUETA.	MEMBROS SUPERIORES: CABEÇA; OLHOS; NARIZ; ORELHAS; BOCA; PESCOÇO.	QUEIMA: NÃO IDENTIFICADA; ANTIPLÁSTICO: QUARTZO; CACO MOÍDO TÉCNICA DE FABRICAÇÃO: MODELADO.
CONDIÇÃO: FRAGMENTADO.	MEMBROS INFERIORES: NÃO POSSUI.	MARCAS DE FABRICAÇÃO: NÃO POSSUI; MARCAS DE USO: GÊMULAS; TRATAMENTO DE SUPERFÍCIE INTERNO/EXTERNO: ALISADO.
FORMA GERAL DO CORPO: NATURALISTA.	FABRICAÇÃO DA GENITALIA: NÃO POSSUI. () Vulva () Pênis	DECORAÇÃO: PLÁSTICA E EXTERNA - INCISÃO.
CONDIÇÃO INTERNA: MACIÇA.	POSIÇÃO CORPORAL: NÃO IDENTIFICADO.	USOS: NÃO IDENTIFICADA.

Fonte: Autoria própria (2026).

Figura 41: Fotografia da estatueta BR 0058



Fonte: Autoria própria (2026).

Quadro 26 - Ficha da estatueta BR 0059

FICHA BR 0059 	DADOS DA FICHA	DIMENSÕES
	NUMERAÇÃO: BR 0059	COMPRIMENTO: 2.7 CM
	SÍTIO ARQUEOLÓGICO: BOCA DO RIO	LARGURA: 2.7 CM
	PRATELEIRA: 40	ALTURA: 1.2 CM
	GRUPO: 40 - ESTATUETAS FRAGMENTADAS	PESO: 13.1 (g)
TIPOLOGIA	MORFOLOGIA	TECNOLOGIA
TIPO: CABEÇA DE ESTATUETA.	MEMBROS SUPERIORES: CABEÇA E OLHOS.	QUEIMA: REDUTORA; ANTIPLÁSTICO: QUARTZO; CACO MOÍDO TÉCNICA DE FABRICAÇÃO: ACORDELADO OU ROLETADO.
CONDIÇÃO: FRAGMENTADO.	MEMBROS INFERIORES: NÃO POSSUI.	MARCAS DE FABRICAÇÃO: MARCA DE QUEIMA; MARCAS DE USO: NÃO POSSUI; TRATAMENTO DE SUPERFÍCIE INTERNO/EXTERNO: ALISADO.
FORMA GERAL DO CORPO: NATURALISTA.	FABRICAÇÃO DA GENITÁLIA: NÃO POSSUI. () Vulva () Pênis	DECORAÇÃO: PLÁSTICA E EXTERNA: ORIFÍCIO VAZADO.
CONDIÇÃO INTERNA: OCA.	POSIÇÃO CORPORAL: NÃO IDENTIFICADO.	USOS: NÃO IDENTIFICADA.

Fonte: Autoria própria (2026).

Figura 42: Fotografia da estatueta BR 0059



Fonte: Autoria própria (2026).

Quadro 27 - Ficha da estatueta BR1 0093

FICHA BR1 0093 		
DADOS DA FICHA		DIMENSÕES
NUMERAÇÃO: BR1 0093		COMPRIMENTO: 6.6 CM
SÍTIO ARQUEOLÓGICO: BOCA DO RIO		LARGURA: 1.9 CM
PRATELEIRA: 40		ALTURA: 2.2 CM
GRUPO: 40 - ESTATUETAS FRAGMENTADAS		PESO: 78.2 (g)
TIPOLOGIA	MORFOLOGIA	TECNOLOGIA
TIPO: NÃO IDENTIFICADO.	MEMBROS SUPERIORES: NÃO POSSUI.	QUEIMA: REDUTORA; ANTIPLÁSTICO: QUARTZO; CARVÃO; CACO MOÍDO; CAUXI TÉCNICA DE FABRICAÇÃO: ACORDELADO OU ROLETADO; MODELADO.
CONDIÇÃO: FRAGMENTADO.	MEMBROS INFERIORES: NÁDEGAS; PERNAS; PÉS.	MARCAS DE FABRICAÇÃO: MARCA DE QUEIMA; MARCAS DE USO: NÃO POSSUI; TRATAMENTO DE SUPERFÍCIE INTERNO/EXTERNO: ALISADO.
FORMA GERAL DO CORPO: NÃO IDENTIFICADO.	FABRICAÇÃO DA GENITÁLIA: NÃO POSSUI. () Vulva () Pênis	DECORAÇÃO: NÃO POSSUI.
CONDIÇÃO INTERNA: MACIÇA.	POSIÇÃO CORPORAL: SENTADO (FRONTAL); SENTADO (PERFIL).	USOS: NÃO IDENTIFICADA.

Fonte: Autoria própria (2026).

Figura 43: Fotografia da estatueta BR1 0093



Fonte: Autoria própria (2026).

Quadro 28 - Ficha da estatueta BR1 0096

FICHA BR1 0096 		
DADOS DA FICHA		DIMENSÕES
NUMERAÇÃO: BR1 0096		COMPRIMENTO: 3.9 CM
SÍTIO ARQUEOLÓGICO: BOCA DO RIO		LARGURA: 0.8 CM
PRATELEIRA: 40		ALTURA: 5.5 CM
GRUPO: 40 - ESTATUETAS FRAGMENTADAS		PESO: 79.5 (g)
TIPOLOGIA	MORFOLOGIA	TECNOLOGIA
TIPO: NÃO IDENTIFICADO.	MEMBROS SUPERIORES: NÃO POSSUI.	QUEIMA: OXIDANTE; ANTIPLÁSTICO: QUARTZO; CACO MOÍDO TÉCNICA DE FABRICAÇÃO: ACORDELADO OU ROLETADO; MODELADO.
CONDIÇÃO: FRAGMENTADO.	MEMBROS INFERIORES: PERNAS; PÉS.	MARCAS DE FABRICAÇÃO: MARCA DE QUEIMA; MARCAS DE USO: GÊMULAS; TRATAMENTO DE SUPERFÍCIE INTERNO/EXTERNO: ALISADO.
FORMA GERAL DO CORPO: NÃO IDENTIFICADO.	FABRICAÇÃO DA GENITÁLIA: NÃO POSSUI. () Vulva () Pênis	DECORAÇÃO: NÃO POSSUI.
CONDIÇÃO INTERNA: MACIÇA.	POSIÇÃO CORPORAL: EM PÉ (FRONTAL); EM PÉ PERFIL (PERFIL).	USOS: NÃO IDENTIFICADA.

Fonte: Autoria própria (2026).

Figura 44: Fotografia da estatueta BR1 0096



Fonte: Autoria própria (2026).

Quadro 29 - Ficha da estatueta BR1 0097

FICHA BR1 0097 		
DADOS DA FICHA		DIMENSÕES
NUMERAÇÃO: BR1 0097		COMPRIMENTO: 3,4 CM
SÍTIO ARQUEOLÓGICO: BOCA DO RIO		LARGURA: 4,1 CM
PRATELEIRA: 40		ALTURA: 4,4 CM
GRUPO: 40 - ESTATUETAS FRAGMENTADAS		PESO: 44,6 (g)
TIPOLOGIA	MORFOLOGIA	TECNOLOGIA
TIPO: CABEÇA DE ESTATUETA.	MEMBROS SUPERIORES: CABEÇA; OLHOS; NARIZ; ORELHAS; BOCA; PESCOÇO.	QUEIMA: REDUTORA; ANTIPLÁSTICO; QUARTZO; CACO MOÍDO TÉCNICA DE FABRICAÇÃO: ACORDELADO OU ROLETADO; MODELADO.
CONDIÇÃO: FRAGMENTADO.	MEMBROS INFERIORES: NÃO POSSUI.	MARCAS DE FABRICAÇÃO: MARCA DE QUEIMA; MARCAS DE USO: NÃO POSSUI; TRATAMENTO DE SUPERFÍCIE INTERNO/EXTERNO: ALISADO.
FORMA GERAL DO CORPO: NATURALISTA.	FABRICAÇÃO DA GENITÁLIA: NÃO POSSUI. () Vulva () Pênis	DECORAÇÃO: PLÁSTICA EXTERNA - INCISÃO; APLIQUE DE OLHOS E ORIFÍCIO NÃO VAZADO.
CONDIÇÃO INTERNA: OCA.	POSIÇÃO CORPORAL: NÃO IDENTIFICADO; ATRIBUTOS FORMAIS: PENTEADO.	USOS: OUTRA.

Fonte: Autoria própria (2026).

Figura 45: Fotografia da estatueta BR1 0097



Fonte: Autoria própria (2026).

Quadro 30 - Ficha da estatueta BR1 0098

FICHA BR1 0098 		
DADOS DA FICHA		DIMENSÕES
NUMERAÇÃO: BR1 0098		COMPRIMENTO: 5.3 CM
SÍTIO ARQUEOLÓGICO: BOCA DO RIO		LARGURA: 2.1 CM
PRATELEIRA: 40		ALTURA: 4.8 CM
GRUPO: 40 - ESTATUETAS FRAGMENTADAS		PESO: 43.73 (g)
TIPOLOGIA	MORFOLOGIA	TECNOLOGIA
TIPO: ANTROPOMORFO.	MEMBROS SUPERIORES: TÓRAX.	QUEIMA: OXIDANTE; ANTIPLÁSTICO: QUARTZO; CACO MOÍDO TÉCNICA DE FABRICAÇÃO: ACORDELADO OU ROLETADO.
CONDIÇÃO: FRAGMENTADO.	MEMBROS INFERIORES: NÁDEGAS; PERNAS.	MARCAS DE FABRICAÇÃO: NÃO POSSUI; MARCAS DE USO: GÊMULAS; TRATAMENTO DE SUPERFÍCIE EXTERNO: ALISADO.
FORMA GERAL DO CORPO: NÃO IDENTIFICADO.	FABRICAÇÃO DA GENITÁLIA: NÃO POSSUI. () Vulva () Pênis	DECORAÇÃO: NÃO POSSUI.
CONDIÇÃO INTERNA: MACIÇA.	POSIÇÃO CORPORAL: EM PÉ (FRONTAL); EM PÉ (PERFIL).	USOS: OUTRA.

Fonte: Autoria própria (2026).

Figura 46: Fotografia da estatueta BR1 0098



Fonte: Autoria própria (2026).

Quadro 31 - Ficha da estatueta BR1 0101

FICHA BR1 0101 		
DADOS DA FICHA		DIMENSÕES
NUMERAÇÃO: BR1 0101		COMPRIMENTO: 0.6 CM
SÍTIO ARQUEOLÓGICO: BOCA DO RIO		LARGURA: 0.6 CM
PRATELEIRA: 40		ALTURA: 2.8 CM
GRUPO: 40 - ESTATUETAS FRAGMENTADAS		PESO: 25.5 (g)
TIPOLOGIA	MORFOLOGIA	TECNOLOGIA
TIPO: CORPO DE ESTATUETA.	MEMBROS SUPERIORES: NÃO POSSUI.	QUEIMA: REDUTORA; ANTIPLÁSTICO: QUARTZO; CACO MOÍDO TÉCNICA DE FABRICAÇÃO: ACORDELADO OU ROLETADO; MODELADO.
CONDIÇÃO: FRAGMENTADO.	MEMBROS INFERIORES: PERNAS; PÉS.	MARCAS DE FABRICAÇÃO: NÃO POSSUI; MARCAS DE USO: GÊMULAS; TRATAMENTO DE SUPERFÍCIE EXTERNO: ALISADO.
FORMA GERAL DO CORPO: NATURALISTA.	FABRICAÇÃO DA GENITÁLIA: NÃO POSSUI. () Vulva () Pênis	DECORAÇÃO: NÃO POSSUI.
CONDIÇÃO INTERNA: MACIÇA.	POSIÇÃO CORPORAL: EM PÉ (FRONTAL); EM PÉ (PERFIL).	USOS: NÃO IDENTIFICADA.

Fonte: Autoria própria (2026).

Figura 47: Fotografia da estatueta BR1 0101



Fonte: Autoria própria (2026).

3.1.3 As estatuetas do Cabeludo

O sítio do Cabeludo (CBL) (2°17'27.8"S 45°24'28.7"W) fica localizado no povoado de Goiabal, no município de Santa Helena, e é o maior deles estando localizado no meio do canal do rio Paruá, afluente do Turiaçu. Possui 0,74 hectares e 1150 esteios. Está orientado em um formato linear na direção nordeste. Também apresenta um núcleo central de esteios com 55 m de extensão conectado com outro menor ao sudeste de 16 metros e outros seis que variam entre 13 e 30 metros e serviu de modelo teórico para a construção hipotética de uma grande aldeia com espaços residenciais menores (maloca) e um núcleo coletivo (Navarro, 2018).

Possui uma área estimada de 7439,72m² e foi mapeado em duas campanhas arqueológicas realizadas nos anos de 2016 e 2017. Foram realizadas 6 datações radiocarbônicas iniciais, obtendo-se as datações: 885-990 d.C./838-982 d.C./1016-1152 d.C. Esta última é uma das datações mais recentes que se tem para um sítio de estearia (Navarro, 2018).

Quadro 32 - Ficha da estatueta CBL 0015

FICHA CBL 0015 		
DADOS DA FICHA		DIMENSÕES
NUMERAÇÃO: CBL 0015		COMPRIMENTO: 7,1 CM
SÍTIO ARQUEOLÓGICO: CABOCLO		LARGURA: 4,3 CM
PRATELEIRA: 40		ALTURA: 12,3 CM
GRUPO: 40 - ESTATUETAS FRAGMENTADAS		PESO: 192,31 (g)
TIPOLOGIA	MORFOLOGIA	TECNOLOGIA
TIPO: ANTROPOMORFO.	MEMBROS SUPERIORES: CABEÇA; NARIZ; ORELHAS; BOCA; OMBROS; TÓRAX; BRAÇOS; UMBIGO.	QUEIMA: NÚCLEO REDUTOR; REDUÇÃO INTERNA/EXTERNA; ANTIPLÁSTICO: QUARTZO; MICA; CARVÃO; TÉCNICA DE FABRICAÇÃO: ACORDELADO OU ROLETADO.
CONDIÇÃO: FRAGMENTADO.	MEMBROS INFERIORES: NÃO POSSUI.	MARCAS DE FABRICAÇÃO: NÃO POSSUI; MARCAS DE USO: NÃO POSSUI; TRATAMENTO DE SUPERFÍCIE INTERNO/EXTERNO: ALISADO.
FORMA GERAL DO CORPO: NATURALISTA.	FABRICAÇÃO DA GENITÁLIA: NÃO POSSUI. (X) Vulva () Pênis	DECORAÇÃO: PLÁSTICA E EXTERNA - INCISÃO; PINTURA EXTERNA CREME/BEGE.
CONDIÇÃO INTERNA: OCA.	POSIÇÃO CORPORAL: BRAÇOS COLADOS AO CORPO.	USOS: CHOCALHO.

Fonte: Autoria própria (2026).

Figura 48: Fotografia da estatueta CBL 0015



Fonte: Autoria própria (2026).

Quadro 33 - Ficha da estatueta CBL 0104

FICHA CBL 0104 		
DADOS DA FICHA		DIMENSÕES
NUMERAÇÃO: CBL 0104		COMPRIMENTO: 3.3 CM
SÍTIO ARQUEOLÓGICO: CABOCLO		LARGURA: 3.2 CM
PRATELEIRA: 40		ALTURA: 4.3 CM
GRUPO: 40 - ESTATUETAS FRAGMENTADAS		PESO: 45.78 (g)
TIPOLOGIA	MORFOLOGIA	TECNOLOGIA
TIPO: CABEÇA DE ESTATUETA; ANTROPOMORFO.	MEMBROS SUPERIORES: CABEÇA; OLHOS; NARIZ; ORELHAS; BOCA; PESCOÇO.	QUEIMA: REDUTORA; ANTIPLÁSTICO: QUARTZO; MICA; ÓXIDO DE FERRO; CACO MOÍDO; TÉCNICA DE FABRICAÇÃO: ACORDELADO OU ROLETADO; MODELADO.
CONDIÇÃO: FRAGMENTADO.	MEMBROS INFERIORES: NÃO POSSUI.	MARCAS DE FABRICAÇÃO: NÃO POSSUI; MARCAS DE USO: NÃO POSSUI; TRATAMENTO DE SUPERFÍCIE EXTERNO: ALISADO.
FORMA GERAL DO CORPO: NATURALISTA.	FABRICAÇÃO DA GENITÁLIA: NÃO POSSUI. (X) Vulva () Pênis	DECORAÇÃO: PLÁSTICA E EXTERNA - INCISÃO; APLIQUE DE OLHOS; ORIFÍCIO VAZADO; PINTURA EXTERNA CREME/BEGE.
CONDIÇÃO INTERNA: MACIÇA.	POSIÇÃO CORPORAL: NÃO POSSUI; OUTROS ATRIBUTOS FORMAIS: LÓBULOS ALARGADOS; PENTEADO.	USOS: OUTRA.

Fonte: Autoria própria (2026).

Figura 49: Fotografia da estatueta CBL 0104



Fonte: Autoria própria (2026).

Quadro 34 - Ficha da estatueta CBL 0147

FICHA CBL 0147 	DADOS DA FICHA		DIMENSÕES
	NUMERAÇÃO: CBL 0147		COMPRIMENTO: 6.7 CM
	SÍTIO ARQUEOLÓGICO: CABELUDO		LARGURA: 4.8 CM
	PRATELEIRA: 39		ALTURA: 13.9 CM
GRUPO: 39 - ESTATUETAS INTEIRAS		PESO: 358.28 (g)	
TIPOLOGIA	MORFOLOGIA		TECNOLOGIA
TIPO: ANTROPOMORFO.	MEMBROS SUPERIORES: CABEÇA; OLHOS; NARIZ; BOCA; OMBROS; TÓRAX; SEIOS; BRAÇOS; MÃOS; UMBIGO.		QUEIMA: REDUTORA; ANTIPLÁSTICO: QUARTZO; CACO MOÍDO; CAUIXI; TÉCNICA DE FABRICAÇÃO: ACORDELADO OU ROLETADO; MODELADO.
CONDIÇÃO: INTEIRO.	MEMBROS INFERIORES: NÁDEGAS; PERNAS.		MARCAS DE FABRICAÇÃO: MARCA DE QUEIMA; MARCAS DE USO: NÃO POSSUI; TRATAMENTO DE SUPERFÍCIE EXTERNO: ALISADO; ENGOBO.
FORMA GERAL DO CORPO: NATURALISTA.	FABRICAÇÃO DA GENITÁLIA: POSSUI. (X) Vulva () Pênis		DECORAÇÃO: PLÁSTICA E EXTERNA - INCISÃO; APLIQUE DE OLHOS; APLIQUE MAMIFORME.
CONDIÇÃO INTERNA: OCA.	POSIÇÃO CORPORAL: EM PÉ (FRONTAL); EM PÉ (PERFIL); BRAÇOS COLADOS AO CORPO; OUTROS ATRIBUTOS FORMAIS: DIADEMAS.		USOS: CHOCALHO.

Fonte: Autoria própria (2026).

Figura 50: Fotografia da estatueta CBL 0147



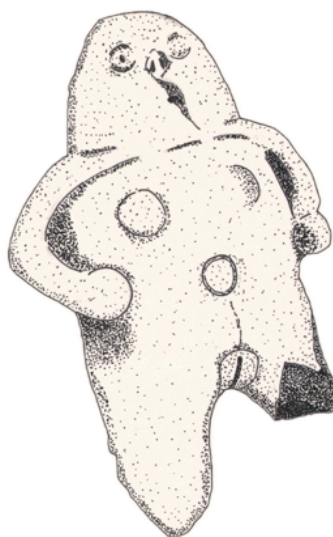
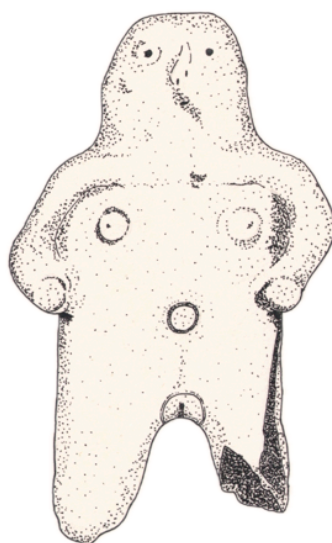
Fonte: Autoria própria (2026).

A estatueta CBL 0147 apresenta excelente estado de preservação e de elementos físicos identificáveis como a vulva, seios, braços, uma das pernas, umbigo (em incisão e anatomicamente bem posicionado), olhos em depressão, pois infere-se que as bolotas de argila que compunham essa parte devem ter caído ou se desgastado com o tempo. Além disso, apresenta nariz e lábios que parecem apresentar uma fissura labiopalatina, também chamado de lábio leporino.

Essa estatueta serviu de base para desenhos feitos de vários ângulos pela artista e estagiária voluntária do LARQ/UFMA, Júlia Machado (figura 51) e para duas impressões 3D (figura 52) feitas por Márcio Coeli. As impressões foram feitas por meio do Bambu Studio, que é um software de fatiamento com uma impressora Bambu Lab A1, que é uma impressora do tipo FDM (Modelagem por deposição de material fundido). O material utilizado foi o PLA da Voolt 3D na cor caucasiano, por ser o pigmento mais próximo da cor da estatueta original que apresenta um engobo branco. O modelo 3D foi gerado a partir de várias fotografias da estatueta em diversos ângulos diferentes, utilizando uma ferramenta de inteligência artificial da *Tencent* que permite a conversão de imagens em modelos tridimensionais.

O uso desse recurso tem possibilitado a divulgação da pesquisa, permitindo que as pessoas possam interagir com a réplica da estatueta através do toque, favorecendo uma aproximação mais sensorial com o artefato arqueológico, principalmente para crianças, pessoas idosas e pessoas com deficiência visual, baixa visão ou cegueira. Sendo assim, a utilização das réplicas contribui não apenas para a difusão do conhecimento científico, mas também para a democratização e acessibilidade das práticas de educação patrimonial.

Figura 51: Desenhos da estatueta CBL 0147



Fonte: Rayana Diniz (2026). Desenhos feitos pela artista Júlia Machado.

Figura 52: Réplica 3D da estatueta CBL 0147



Fonte: Rayana Diniz (2026). Réplicas feitas por Márcio Coeli/Ilha Nexus 3D.

3.1.4 As estatuetas do Caboclo

O sítio arqueológico do Caboclo (CAB) ($2^{\circ}18'28.0''\text{S}$ $45^{\circ}23'04.2''\text{W}$) está localizado em um dos braços do rio Turiaçu, no município de Santa Helena, e é o menor de todos, possuindo uma área de 0,34 hectares. Tem 161 esteios apresentando três núcleos de grupos de esteios, sendo o maior deles de 41 m e outros que apresentam 27 e 17 metros. Tem um formato linear orientado ao nordeste e está localizado no meio do canal do rio, sem comunicação com as margens (Navarro, 2019).

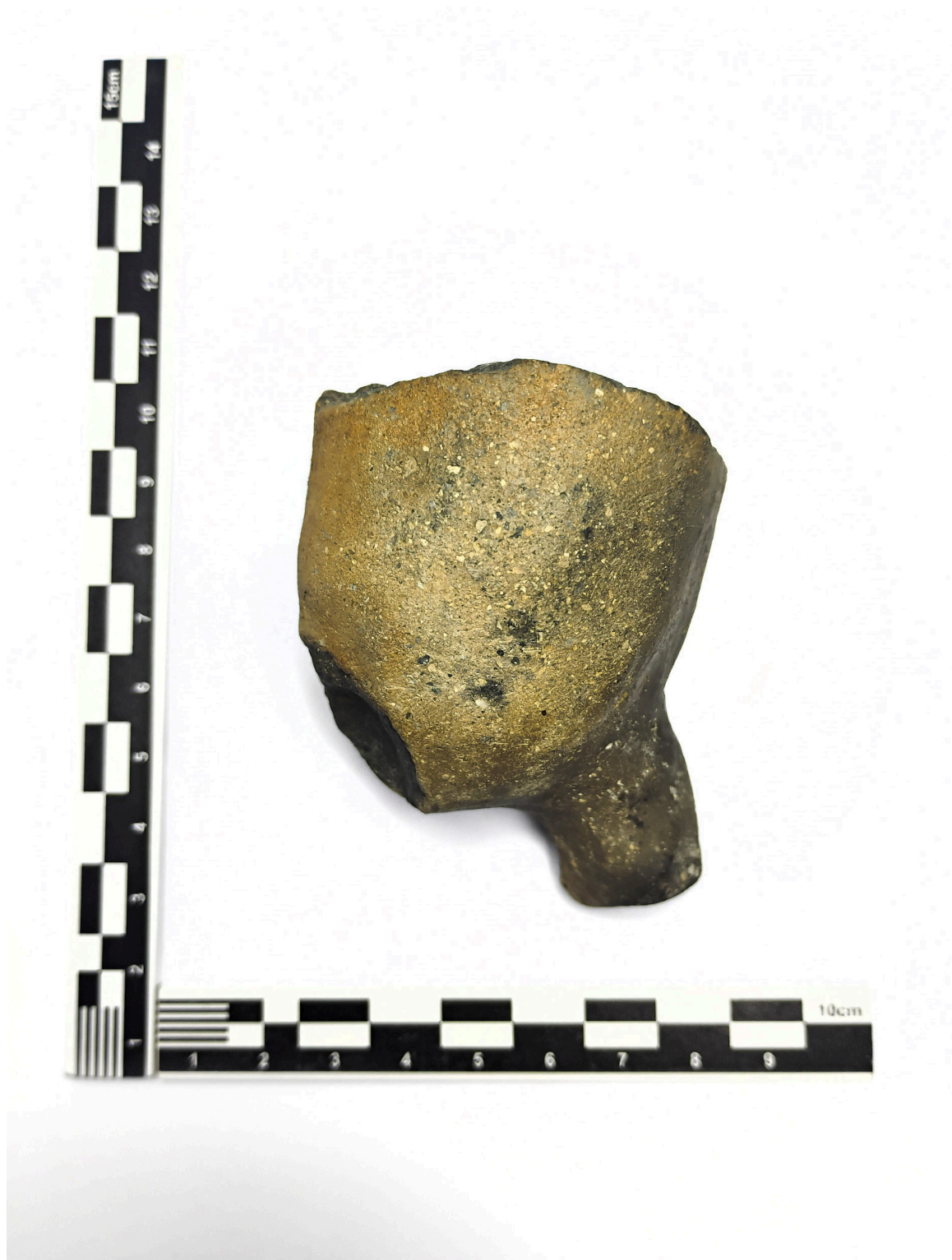
Possui área estimada de $3436,51\text{m}^2$ e foi mapeado na campanha arqueológica de 2015. Foi realizada uma datação radiocarbônica para o sítio de 895-935 d.C. (Navarro, 2018).

Quadro 35 - Ficha da estatueta CAB 0001

FICHA CAB 0001 	DADOS DA FICHA		DIMENSÕES
	NUMERAÇÃO: CAB 0001		COMPRIMENTO: 5.0 CM
	SÍTIO ARQUEOLÓGICO: CABOCLO		LARGURA: 4.9 CM
	PRATELEIRA: 40		ALTURA: 6.1 CM
	GRUPO: 40 - ESTATUETAS FRAGMENTADAS		PESO: 83.92 (g)
TIPOLOGIA	MORFOLOGIA		TECNOLOGIA
TIPO: ANTROPOMORFO.	MEMBROS SUPERIORES: TÓRAX.		QUEIMA: REDUTORA; ANTIPLÁSTICO: QUARTZO; CARVÃO; CAUXI; TÉCNICA DE FABRICAÇÃO: ACORDELADO OU ROLETADO.
CONDIÇÃO: FRAGMENTADO.	MEMBROS INFERIORES: NÁDEGAS; PERNAS.		MARCAS DE FABRICAÇÃO: MARCA DE QUEIMA; MARCAS DE USO: GÊMULAS; TRATAMENTO DE SUPERFÍCIE INTERNO/EXTERNO: ALISADO.
FORMA GERAL DO CORPO: CILÍNDRICA.	FABRICAÇÃO DA GENITALIA: NÃO POSSUI. (X) Vulva () Pênis		DECORAÇÃO: NÃO POSSUI.
CONDIÇÃO INTERNA: OCA.	POSIÇÃO CORPORAL: EM PÉ (FRONTAL); EM PÉ (PERFIL).		USOS: CHOCALHO.

Fonte: Autoria própria (2026).

Figura 53: Fotografia da estatueta CAB 0001



Fonte: Autoria própria (2026).

Quadro 36 - Ficha da estatueta CAB 0002

FICHA CAB 0002 		
DADOS DA FICHA		DIMENSÕES
NUMERAÇÃO: CAB 0002		COMPRIMENTO: 4.7 CM
SÍTIO ARQUEOLÓGICO: CABOCLO		LARGURA: 2.2 CM
PRATELEIRA: 40		ALTURA: 2.7 CM
GRUPO: 40 - ESTATUETAS FRAGMENTADAS		PESO: 25.47 (g)
TIPOLOGIA	MORFOLOGIA	TECNOLOGIA
TIPO: ANTROPOMORFO.	MEMBROS SUPERIORES: NÃO POSSUI.	QUEIMA: REDUTORA ANTIPLÁSTICO: QUARTZO; MICA; CACO MOÍDO; TÉCNICA DE FABRICAÇÃO: ACORDELADO OU ROLETADO; MODELADO.
CONDIÇÃO: FRAGMENTADO.	MEMBROS INFERIORES: NÁDEGAS; PERNAS.	MARCAS DE FABRICAÇÃO: NÃO POSSUI MARCAS DE USO: GÊMULAS TRATAMENTO DE SUPERFÍCIE INTERNO/ EXTERNO: ALISADO.
FORMA GERAL DO CORPO: NATURALISTA.	FABRICAÇÃO DA GENITALIA: NÃO POSSUI. () Vulva () Pênis	DECORAÇÃO: NÃO POSSUI.
CONDIÇÃO INTERNA: MACIÇA.	POSIÇÃO CORPORAL: EM PÉ (FRONTAL); EM PÉ (PERFIL).	USOS: OUTRA.

Fonte: Autoria própria (2026).

Figura 54: Fotografia da estatueta CAB 0002



Fonte: Autoria própria (2026).

3.2 As principais hipóteses sobre as estatuetas

Antes de apresentar as principais hipóteses explicativas sobre as estatuetas, é preciso salientar os aspectos corporais identificados nos artefatos estudados e como eles podem ajudar a endossar ou descartar determinadas hipóteses.

De acordo com as análises, quanto à forma geral do corpo, o que mais se destaca é a forma naturalista, aparecendo como aspecto dominante em todos os sítios estudados. Os povos das estearias parecem ter tido uma predileção por formas corporais mais próximas do real, sem evidentes deformações propositais e sem extremidades estilizadas ou pontiagudas. Quanto à fabricação da genitália, temos que o critério “não possui”, isto é, sem fabricação de nenhuma genitália no local em que anatomicamente deveria estar posicionada, como predominante, ficando o atributo “vulva” em segundo lugar. Isso confirma que o atributo “pênis” não apareceu de maneira explícita em nenhuma estatueta encontrada e estudada até o presente momento. Apesar disso, algumas peças, como as estatuetas ARM 273, ARM 064, ARM 3835 e ARM 3901 apresentam um formato que lembra um falo humano, como postulado por Barreto (2014).

A vulva é decididamente o aspecto corporal que mais chama atenção nas estatuetas e que pode evocar uma série de interpretações sobre os significados desses artefatos. Otaviano (2024), ao analisar as estatuetas das estearias, admite que a presença da vulva despertou-lhe a atenção e forneceu *insights* para pensar o protagonismo das mulheres no registro arqueológico:

Por trabalhar com a temática de gênero, as estatuetas com vulvas logo me despertaram a curiosidade: estaria ali, materializado nas peças arqueológicas das estearias a resposta do meu problema de pesquisa: mostrar arqueologicamente que o patriarcado e a subjugação das mulheres não são condições “naturais” tampouco universais e que, em outros contextos e culturas, as mulheres tiveram protagonismo igual o superior ao dos homens. Ou ainda, seria possível romper com o ideal de subordinação das mulheres frente aos homens? Os nossos ideais de gênero podem ser rompidos por meio da análise arqueológica? (Otaviano, 2024, p. 199)

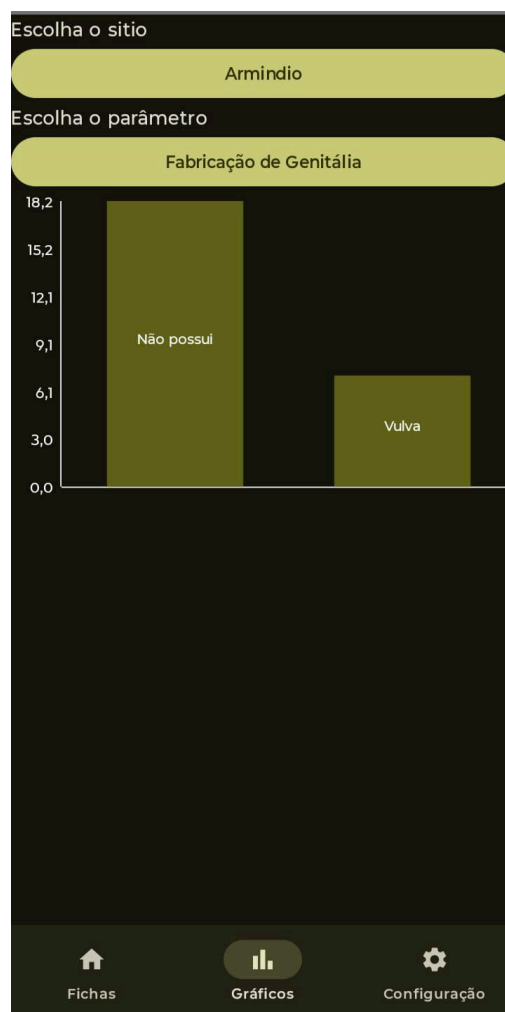
No entanto, a autora argumenta que essa nomenclatura deve ser tomada com cuidado para que não seja utilizada como definidora do que é ser mulher: “Nesse sentido, obviamente as estatuetas com vulva foram as primeiras que despertaram a atenção para problematizar minha questão, entretanto, se você bem prestou atenção no capítulo sobre a arqueologia do gênero, eu não poderia reduzir o “ser mulher” às vulvas” (Otaviano, 2024, p. 199).

O aspecto corporal “vulva” quando presente é anatomicamente bem posicionado, explícito, não deixando dúvidas quanto à intencionalidade de sua fabricação e em duas

maneiras de figuração: incisas, como nas estatuetas ARM 062, ARM1 376, ARM1 407 e CBL 0147 ou modeladas, como nas estatuetas ARM1 375, ARM 3513 e ARM 3836.

Em uma representação gráfica (figura 55) do sítio Armíndio (ARM), estearia que possui a maior quantidade de estatuetas, é possível observar a presença da vulva. Contudo, a maioria dos artefatos analisados, nessa estearia e nas outras, não apresenta nenhuma figuração de genitália:

Figura 55: Fotografia da tela do aplicativo com a função gráfico



Fonte: Arquivo Pessoal (2026).

Quanto ao tipo de artefato (antropomorfo; antropozoomorfo; corpo de estatueta; cabeça de estatueta e não identificado) nota-se a predominância no sítio Armíndio de estatuetas antropomorfos, seguido de antropozoomorfo e em terceiro lugar, a classificação “cabeça de estatueta”. No sítio Boca do Rio, nota-se a “cabeça de estatueta” como o tipo prevalente, seguido pela categoria “não identificado” e posteriormente “corpo de estatueta” e “antropomorfo” compartilhando o terceiro lugar. Já no sítio Cabeludo, o tipo antropomorfo aparece como dominante e a “cabeça de estatueta” em segundo lugar. No sítio do Caboclo

apareceu somente o tipo antropomorfo. Vale ressaltar que esses dois últimos sítios arqueológicos possuem uma quantidade bem menor de estatuetas estudadas, principalmente se comparado ao Armíndio.

O antropozoomorfismo é um aspecto presente nas estatuetas estudadas, assim como a grande quantidade de estatuetas zoomorfas que compõem a coleção LARQ/UFMA, o que pode evidenciar relações de metamorfose corporal, animismo, perspectivismo ameríndio e xamanismo conforme já trabalho na seção terciária “Olhar etnológico e olhar dissidente: contribuições do perspectivismo ameríndio”.

No que diz respeito aos membros superiores e inferiores é preciso salientar as peças consideradas inteiras, ou seja, aquelas que possuem acima de 70% de integridade física, de acordo com norma interna de classificação do LARQ/UFMA. No sítio Armíndio somente 9 estatuetas (ARM 060, ARM 064, ARM 274, ARM1 375, ARM1 407, ARM 0546, ARM 3512, ARM 3835, ARM 3901) apresentam condição física inteira, o que equivale a 39,13%.

O sítio Boca do Rio apresenta 100% das estatuetas aqui analisadas na condição bastante fragmentada. Já no Cabeludo, somente uma estatuetas corresponde à condição inteira, trata-se da estatuetas CBL 0147. No Caboclo as duas estatuetas analisadas estão fragmentadas. Vale ressaltar que a estearia do Lago do Souza, apesar de localizada no rio Paruá, afluente do rio Turiaçu, ou seja, parte da bacia hidrográfica do rio Turiaçu, não é analisada nesta pesquisa por não obedecer ao critério de integridade física entre 50% e 100%, e com elementos corporais identificáveis.

Um elemento corporal inferior que se destaca nas análises é o umbigo. Um terço das estatuetas analisadas (ARM 060, ARM1 375, ARM1 376, ARM1 377, ARM1 407, ARM 3512, ARM 3513, ARM 3835, ARM 3762, ARM 3901, CBL 0015 e CBL 0147) apresenta a demarcação do umbigo anatomicamente bem posicionado feito por meio de incisão ou em depressão. Das estatuetas que apresentam umbigo, nove artefatos evidenciam os braços e as mãos coladas na lateral do corpo. As estatuetas ARM1 375, ARM1 377 e a CBL 0015 apresentam, inclusive, os braços em volta do abdômen, posição corporal que tem sido usada por alguns autores como evidência da maternidade.

Nos seres humanos essa região do corpo não apresenta uma função biológica específica, pois configura-se como uma cicatriz resultante da queda do cordão umbilical após o nascimento, sendo uma marca da conexão com a vida, visto que durante a gestação o cordão transporta nutrientes e oxigênio da mãe para o bebê. O umbigo, no entanto, não é uma parte relevante somente no momento da gravidez.

Do ponto de vista simbólico, as funções do umbigo ampliam-se já que diversas sociedades produziram explicações simbólicas sobre essa região do corpo que pode ser visto como centro da vida, da energia vital, como elo com a ancestralidade, como conexão com a terra, como entrada para as energias externas, etc.

O último aspecto corporal a ser evidenciado diz respeito aos usos das estatuetas. Nota-se que as estatuetas ARM 060, ARM 064, ARM1 407, ARM 3901 e CBL 0147 configuram-se como estatuetas-chocalho, possuindo bolotas de argila em seu interior. Todavia, é preciso considerar que as estatuetas fragmentadas apresentam uma estrutura interna oca (22 estatuetas ocas, isto é, mais de 60% dos artefatos analisados), o que leva a crer que essas estatuetas antes de sofrerem fraturas, de maneira intencional ou não, também poderiam ter exercido a função de chocalhos. Da mesma forma, é possível inferir que mais estatuetas poderiam apresentar a figuração do umbigo, visível antes de sofrerem as quebras.

Tomando esses aspectos corporais como base, torna-se crucial mergulhar nas hipóteses sobre as estatuetas propostas por diferentes pesquisadores e pesquisadoras, buscando compreender como as estatuetas das estearias podem ser lidas a partir dessas diversas chaves de interpretação.

3.2.1 As estatuetas “Vênus” e as representações da fertilidade e da maternidade

Para falar sobre as principais hipóteses é inevitável começar pelas estatuetas conhecidas como “vênus”, nomenclatura que foi amplamente utilizada no século XIX por diferentes pesquisadores homens como por exemplo, os arqueólogos Edouard Piette e Salomon Reinach no Sul da França e também pelo arqueólogo Paul Hurault, marquês de Vibraye, em 1864. O uso desse termo, como já abordado, implica no generalismo e na associação indevida entre uma tipologia de artefato arqueológico (as estatuetas) com a deusa romana Vênus, do amor e da beleza. Essa associação induz a construção de modelos interpretativos gerais sobre fertilidade, beleza, maternidade e outras questões envoltas no corpo da mulher (Otaviano, 2024).

A primeira “vênus” conhecida e que inaugurou a tradição de denominar estatuetas encontradas em sítios arqueológicos durante o Paleolítico Superior, foi a “vênus impudica”²³, também denominada de “vênus de Laugerie-Basse” ou “Impudique”. Recebeu esse nome por retratar a vulva de maneira explícita, contrastando com a vênus pudica (figura 56), uma classe de esculturas romanas que retratam a deusa Vênus cobrindo o púbis nu com a mão direita e os seios com a outra (White, R. 2006; Diniz, 2023),

²³Ver figura 6 na seção “A Baixada Maranhense e sua contribuição para a História do Maranhão”.

A primeira representação de uma mulher no Paleolítico Superior foi descoberta por volta de 1864 pelo Marquês de Vibraye em Laugerie-Basse (Dordogne), logo após as escavações pioneiras de Lartet e Christy neste local e outros em Les Eyzies-de e arredores.-Tayac. Esta escultura em marfim de 7,7 cm de altura, foi chamada de “La Vênus impudique” (a Vênus imodesta) por seu descobridor e as vezes também é chamada de “Vênus de Vibraye”. O termo Vênus foi quase certamente aplicado na evocação da antiguidade clássica e no reconhecimento da sua forma graciosa. Ela está sem cabeça, sem pés, sem braços e sem seios. Suas pernas estão separadas uma da outra e ela tem uma abertura vaginal fortemente incisada. Ela é mais frequentemente interpretada como uma menina pré-púbere (White, R, 2006. p. 253, tradução própria)²⁴.

²⁴Do original: The first Upper Paleolithic representation of a woman was discovered in about 1864 by the Marquis de Vibraye at Laugerie-Basse (Dordogne), in the immediate aftermath of the pioneering excavations by Lartet and Christy at this site and others in and around Les Eyzies-de-Tayac. This 7.7 cm tall sculpture in ivory (Fig. 1) was named *La Venus impudique* (the immodest Venus) by its discoverer and is also sometimes referred to as the *Venus de Vibraye*. The term *Venus* was almost certainly applied in evocation of classical antiquity and in recognition of her gracile form. She is headless, footless, armless and breastless. Her legs are separated each from the other, and she has a strongly incised vaginal opening. She is most often interpreted as a pre-pubescent girl.

Figura 56: Vênus pudica (Afrodite pudica).



Fonte: Daderot, domínio público, via Wikimedia Commons. Ludwig von Hofer (1801-1887) no Schlossgarten Stuttgart - Stuttgart, Alemanha.

A estatueta “vênus impudica” apresenta um corpo mais delgado se comparado à maioria das estatuetas do conjunto “vênus” (Vênus de Hohle Fels, Vênus de Willendorf, Vênus de Lespugue, Vênus de Dolni Vestonice, Vênus de Savignano e Vênus Grimaldi)²⁵ que apresentam um corpo com formato definido como esteatopígico, isto é, com o acúmulo de gordura em determinadas partes do corpo, principalmente nas nádegas, nos seios, nas coxas e

²⁵Ver figura 6 na primeira seção “A Baixada Maranhense e sua contribuição para a História do Maranhão”.

no abdômen. Em algumas, inclusive, o formato esteatopígico aparece associado à fabricação da vulva de forma muito alargada e explícita.

O abdômen proeminente foi considerado como gravídico sendo interpretado como uma mulher grávida ou no pós-parto. No entanto, é preciso ter em mente, que a formulação de hipóteses sobre as “deusas-vênus” ligadas à maternidade e um culto à deusa da fertilidade perpassa pelo contexto sociopolítico que designava um lugar “comum” ou “natural” atribuído às mulheres (Diniz, 2023). Dessa forma, as hipóteses levantadas no campo arqueológico ou antropológico encontravam-se com o discurso da ciência médica, da psicologia, da religião cristã e do campo jurídico que delimitava o espaço doméstico como local natural para as mulheres no contexto do século XIX (Diniz, 2023; Rago, 1985; Beauvoir, 2016; Rohden, 2002).

Tais pesquisadores buscavam explicações gerais sobre a fabricação das estatuetas “vênus”, mesmo que essas fossem encontradas em locais diferentes, em contextos arqueológicos distintos e produzidas com diferentes tipos de matérias-primas. Dessa forma, “Restringir as análises a essas duas passagens da vida, seria inscrever as sociedades produtoras das “deusas-vênus” na ordem patriarcal vigente nos locais de vivência dos pesquisadores que eram, em sua maioria, homens brancos europeus ou estadunidenses” (Diniz, 2023, p. 64).

Além disso, a hipótese das “vênus” como bonecas, símbolos de fertilidade e objetos de oferendas estaria ancorada em uma presença constante e global de uma figura arquetípica da “deusa-mãe”, por meio de uma figura feminina que estaria associada à fertilidade; à criação e ao cuidado com a terra. As estatuetas, portanto, teriam sido criadas para garantir a fecundidade da terra, do ventre feminino e de sua prole, fazendo referência a uma Grande Deusa Universal ou até mesmo como evidência de um matriarcado “primitivo” ou “pré-histórico” (Soffer *et al.*, 2009; Gimbutas, 1981).

Sendo assim, a questão não é abandonar totalmente as ideias sobre fertilidade ou maternidade. Alguns artefatos, inclusive, como as bonecas akuaba, que fazem parte da tradição dos Ashanti de Gana, são tidas como bonecas associadas à fertilidade, à beleza e à proteção. Talhadas na madeira, as estatuetas akuaba apresentam elementos corporais que são desejáveis para os futuros filhos, como a cabeça grande que simboliza a inteligência; a forma arredondada do rosto que simboliza o padrão de beleza; o pescoço com marcas como anéis ou dobras que fazem referência à gordura, à fartura de alimentos e à prosperidade social e os braços, que geralmente estão abertos ou estendidos, trazendo a ideia de generosidade.

As hipóteses sobre maternidade, fertilidade e beleza não ignoram as características das estatuetas, como a forma geral do corpo e a fabricação das nádegas, seios, vulva e barriga, mas acabam utilizando desses aspectos para propor explicações arqueológicas que resultam na invisibilização dos papéis das mulheres como provedoras, produtoras e usuárias de ferramentas (Otaviano, 2024). Ademais, essas hipóteses desconsideram a presença de corpos gordos e de pessoas mais velhas no registro arqueológico ou de representações estilizadas como parte do repertório cultural dessas sociedades.

A ênfase combinada em seios, nádegas e estômagos levou muitos a interpretar essas estatuetas como mulheres grávidas ou férteis. No entanto, como argumentamos anteriormente, muitas dessas características foram retratadas de uma forma que não sugere fertilidade, mas sim maturidade (Meskell *et al.*, 2009, p. 211).²⁶

Para as autoras é preciso ampliar as possibilidades de interpretação para além da gravidez e maternidade, observando que as nádegas e barriga proeminentes poderiam indicar a possibilidade de se tratar de corpos maduros em estado de hipotonia do tônus muscular, quando os músculos passam a ficar “flácidos”, em razão do envelhecimento, ou como evidência do acesso a alimentos, boa saúde e longevidade. Além disso, argumentam que as análises deveriam estar mais voltadas para o universo figurativo sem que estejam, necessariamente, ligadas às questões religiosas e ritualísticas ou interpretações binárias de gênero (Meskell *et al.*, 2009; Otaviano, 2024).

3.2.2 A fabricação dos corpos nos complexos Santarém e Marajoara

Alguns autores se debruçaram bastante sobre o estudo da cultura material dos complexos arqueológicos de Santarém e de Marajó, em especial das estatuetas. Alguns dos nomes mais importantes são Ana Roosevelt (1992;1988), Denise Schaan (2012; 2011; 2003); Denise Gomes (2010; 2002), Cristiana Barreto (2014; 2005) e Erêndira Oliveira (2020).

Roosevelt (1992) em sua interpretação sobre as estatuetas marajoaras e de Santarém acredita que as mulheres teriam gozado de certo prestígio nas sociedades agricultoras, exercendo posições de poder e chefia, chegando inclusive a propor que a sociedade Marajoara fosse matrilinear, em organizações sociopolíticas complexas e hierarquizadas, como os cacicados:

Esta iconografia sugere a possibilidade de ter existido, nos tempos pré-históricos, uma maior proeminência religiosa e política dos papéis

²⁶Do original: The combined emphasis on breasts, buttocks, and stomachs has prompted many to interpret these figurines as pregnant or fertile women. However, as we have argued previously, many of these features were depicted in such a way that is not suggestive of fertility, but of maturity.

femininos, fato este que foi conceituado geralmente pela etno-história e pela etnografia como o “mito da mulher amazônica”, da qual se diz ter um dia governado a Amazônia mediante o apresamento do poder xamanístico pela posse das flautas sagradas. A predominância das mulheres nas fases da arte da baixa Amazônia como nas de Santarém e Marajoara (70% - 90%) pode alternativamente estar relacionada ao reconhecimento da descendência da linhagem do chefe de mulheres míticas ancestrais. Existem igualmente numerosas pequenas estatuetas pré-históricas representando figuras femininas, ilustrando vários aspectos da reprodução e sexualidade humana, tipo de representação que pode ter estado conectado à organização sócio-política e demográfica dos cacicados (Roosevelt, 1987a). A análise do papel feminino na arte da Amazônia pré-histórica através do tempo sugere ter ocorrido uma mudança na ideologia relativa às prerrogativas dos sexos e, possivelmente, dos papéis sexuais (Roosevelt, 1992, p. 80-81).

Dessa forma, a predominância de iconografias humanas e, nesse caso, tidas como femininas demonstraria os papéis das mulheres como ancestrais míticos ou ligadas aos poderes xamânicos, como a divindade criadora denominada Mulher Xamã. Além disso, a autora leva em consideração o contexto socioambiental ao postular que em contextos agrícolas e bélicos, as pessoas teriam desempenhado um importante papel no cultivo da terra e no controle populacional, em que as mulheres estariam ligadas ao preparo dos alimentos e também ao controle da sociedade através da reprodução, a chamada “ideologia populacionista”, ou seja, que uma população grande significaria trabalho abundante que se traduziria em poder geopolítico (Miranda, 2014; Diniz 2023).

Para Denise Schaan (2012), pensando em um caráter utilitário e simbólico das estatuetas, não acredita que estariam ligadas a contextos agrícolas, mas a processos de integração entre seres humanos e não humanos e que devem ser entendidas como objetos simbólicos relacionados a discursos contextuais sobre identidade social e gênero, estando ligadas aos rituais funerários e à prática do xamanismo. É importante lembrar que, ao contrário das estearias, a sociedade Marajoara e a de Santarém apresentam urnas funerárias na sua cultura material e que quase sempre figuram indivíduos com características tidas como femininas e com partes do corpo figurando seres zoomorfos. Schaan (2012) também acredita que as estatuetas eram usadas em rituais de cura e que representavam espíritos ajudantes como em outras sociedades pré-coloniais da América.

A autora acredita ainda que as estatuetas da cultura Santarém seriam mais realistas. Além disso, em Marajó as estatuetas representariam o poder das elites e em Santarém elas seriam a figuração de indivíduos específicos, ligados à organização sociopolítica. As estatuetas, portanto, expressariam individualidades em suas respectivas posições sociais que são determinadas pelo contexto social.

Quanto à questão de gênero e sexualidade, Schaan (2001) acredita que essas categorias devem ser tomadas com cuidado, pois a figuração da vulva nas estatuetas poderia não ter a ver com questões de gênero, uma vez que as categorias “masculino”; “feminino” e “sem sexo”, usadas na classificação arqueológica, podem não ter correspondência com as categorias criadas pelas sociedades no processo de produção dos artefatos. Schaan (2003) propõe que a hierarquia social se daria primariamente por “classe” entre pessoas da elite e pessoas comuns e não entre o chamado “sexo masculino” e o “sexo feminino” (Diniz, 2023).

Gomes (2010), por sua vez, acredita que as estatuetas figuram indivíduos em suas posições sociais com significado xamânico. Tanto as estatuetas com elementos considerados “femininos”, quanto as que possuem elementos considerados “masculinos”, indicariam pertencimento às linhagens sociais. Uma evidência dessa prática seria o uso de adornos elaborados nas peças como pinturas, lóbulos deformados, braceletes, escarificações, etc que seriam os marcadores do grupo social do indivíduo figurado.

Ao falar especificamente das urnas antropomorfas marajoaras, Oliveira (2020) segue a mesma linha proposta neste trabalho, isto é, que “os objetos são concebidos como corpos sociais desde o início de sua produção” (2020, p. 08). Para a autora a ornamentação dos artefatos seguiria de maneira semelhante aos corpos humanos, funcionando como um sistema de signos socialmente compartilhados, por meio do qual identidades, posições sociais, estados rituais e transformações corporais são materializados e comunicados.

Barreto (2014), ao analisar estatuetas Marajoara e Santarém, conclui que 74% das estatuetas inteiras estudadas apresentam morfologia análoga ao falo humano, com o corpo correspondendo ao pênis, e os volumes arredondados das pernas dobradas, aos testículos. Além disso, por meio da análise radiográfica comprovou-se que a forma interna das estatuetas também é fálica, mesmo quando sua aparência externa é humana.

Afirma então que:

Esta analogia morfológica entre pênis e corpo, tão precisa e replicada em inúmeros exemplares, para além das representações de gênero, denota talvez uma alusão metafórica à capacidade de transformação morfológica deste órgão do corpo masculino, almejando-se a transformação ou estados alterados do corpo em geral, tais quais as capacidade transformativas que um xamã deve possuir e performar para poder se comunicar com mundos povoados por outras gentes e espíritos, ocupando corpos com características diferentes. Nesta linha interpretativa, vê-se que se desviarmos o foco da análise da questão do que as estatuetas representam para a questão de como elas representam talvez possamos nos aproximar mais das intenções que motivaram a fabricação e usos destes objetos (Barreto, 2014. p. 50–51).

Nesse sentido, a autora acredita que é fundamental entender a construção de corpos na Amazônia e que a forma fálica presente nas estatuetas é mais uma alusão à mudança corporal do que a uma concepção de fertilidade. Não necessariamente o pênis seria a representação do gênero masculino e a vulva a representação do gênero feminino, as estatuetas estariam mais próximas da construção e alteração de corpos e pessoas diversas na Amazônia, de corpos híbridos e de relações com mundos não-humanos parte de um modo pan-amazônico de fabricação do corpo, isto é, conectadas a esse estilo de fabricar e representar o corpo humano que se espalhou por toda a Amazônia.

Muitos tipos de artefatos antropomórficos cerâmicos, especialmente urnas funerárias, parecem importantes em toda a Amazônia, particularmente depois que a Tradição Policrômica Amazônica se espalhou pela Amazônia Central e Alta por volta de 1000 d.C., possivelmente correspondendo à expansão territorial dos povos de língua tupi. As estatuetas marajoara parecem relacionadas a esse estilo pan-amazônico de figurar o corpo humano, geralmente em formas fálicas, mas se destacam por sua ocorrência precoce (400 d.C.) e pelo grande número de estatuetas. Essas são de longe as estatuetas mais bem estudadas na Amazônia (assim como os diferentes estilos de cerâmica marajoara) encontradas em muitos sítios no leste de Marajó, a maior ilha na foz do Amazonas, como parte de uma importante cultura de construção de montes que floresceu de 400 a 1400 d.C.⁸⁹ (Barreto, 2017, p. 417)²⁷

Tanto Barreto (2014; 2017) quanto Oliveira (2020) apresentam apontamentos que fundamentam as reflexões desenvolvidas nesta dissertação, os quais evidenciam o corpo e seus múltiplos significados no campo da Arqueologia. Dessa forma,

Os usos físicos do ser humano dependem de um conjunto de sistemas simbólicos. Do corpo nascem e se propagam as significações que fundamentam a existência individual e coletiva; ele é o eixo da relação com o mundo, o lugar e o tempo nos quais a existência toma forma através da fisionomia singular de um ator. Através do corpo, o homem apropria-se da substância de sua vida traduzindo-a para os outros, servindo-se dos sistemas simbólicos que compartilha com os membros da comunidade. (Le Breton, 2007, p. 07).

Um ponto que tem se destacado nas hipóteses sobre as estatuetas dos referidos complexos arqueológicos, é a sua ligação com as práticas xamanísticas na Amazônia. O xamanismo é um conjunto de práticas espirituais e curativas, um sistema ancestral que conecta os povos indígenas ao mundo espiritual, animal e florestal e uma forma de

²⁷Do original: Many types of ceramic anthropomorphic artefact, especially funerary urns, appear important throughout Amazonia, particularly after the Amazonian Polychrome Tradition spread through the Central and Upper Amazon around AD 1000, possibly corresponding to territorial expansion of Tupian-speaking people. Marajoara figurines appear related to this pan-Amazonian style of figuring the human body, often in phallic shapes, but stand out because of its early occurrence (AD 400) and the large numbers of figurines. These are by far the best-studied figurines in the Amazon (as are the different styles of Marajoara ceramics) found in many sites across eastern Marajó, the largest island at the mouth of the Amazon, as part of an important mound-building culture which flourished from AD 400 to 1400.

compreensão do cosmos. Dessa forma, o xamanismo é compreendido como um “sistema coerente de crenças e práticas religiosas, que busca organizar e explicar as inter-relações entre o cosmos, a natureza e o *ser humano*” (Reichel-Dolmatoff, 1988, p. 23, grifo da autora)²⁸.

Segundo Camacho (2006, p. 33):

Os povos indígenas da América do Sul acreditam que chefes, sacerdotes e xamãs podem se transformar em onças, águias, morcegos, serpentes e outros seres. O consumo de certas plantas e substâncias, ou práticas de concentração, meditação, privação intensa (sono, comida, etc.) ou provações, permitem que eles "voem" para o além, visitem as Casas dos Mortos, o Mundo dos Ancestrais ou negociem com os Mestres Animais.²⁹

As estatuetas, nessa lógica, seriam interpretadas como figurações trasmutacionais entre o mundo material, humano, animal e espiritual principalmente aquelas que possuem a hibridização entre o corpo humano e o corpo animal e as que exercem a função de chocalho (como as das estearias), pois quando são movimentadas transformam-se em verdadeiros chocalhos, produzindo uma sonoridade que é essencial para o desenrolar performático dos rituais (Barcelos Neto, 2008).

A figura do xamã ou pajé, nesse contexto, torna-se crucial uma vez que é o sujeito que detém o conhecimento sensível e conduz o ritual xamânico fazendo o uso desses artefatos,

O xamã, nesse contexto, é quem tem um conhecimento sensível das ações humanas sobre a natureza, como os curandeiros e rezadeiras que, a partir das tradições mitológicas, atuam sobre os cosmos através de danças, cantos e reuniões coletivas, momentos em que essa narrativa se consagra e se perpetua na memória social do grupo (Navarro, 2022, p. 12).

O ritual xamanístico contendo três elementos: humano, místico e material. O primeiro inclui um curador; o elemento místico inclui um deus, santo ou encantado; e o terceiro elemento acrescenta canto, dança, chá, pena maracá, rede e cigarro (Rodrigues, *et al.*, 2014, p. 6).

Não só o conceito de xamanismo é uma chave de interpretação muito fecunda e já consolidada nos estudos sobre os povos indígenas e sobre as estatuetas, mas, tratando-se especificamente de uma pesquisa no estado do Maranhão e voltada para os sítios arqueológicos da Antiga Baixada Maranhense, torna-se igualmente necessário abordar a questão da pajelança indígena e cabocla na região. Essa prática, em razão da experiência

²⁸Do original: sistema coherente de creencias y prácticas religiosas, que trata de organizar y explicar las inter-relaciones entre el cosmos, la naturaleza y el hombre.

²⁹Do original: Los indígenas suramericanos creen que caciques, sacerdotes y chamanes se transforman en jaguares, águilas, murciélagos, serpientes y otros seres. El consumo de ciertas plantas y sustancias, o las prácticas de concentración, meditación, privación intensa (sueño, comida, etc.) u ordalías, les permiten “volar” hacia el más allá, visitar la Casas de los Muertos, el Mundo de los Ancestros o negociar con los Dueños de los Animales.

colonizadora na América Portuguesa, contou com a influência da cultura negra e europeia, e nesses processos de interação acabou influenciando as religiões de matriz africana.

De modo que cabe a suposição no fato de que parcela das práticas xamânicas na Amazônia foi denominada pajelança cabocla a partir da fragmentação da pajelança indígena com o controle da colonização. A construção da pessoa, a culminar no processo de incorporação mediúnico xamânico, foi alterada significativamente. Além disso, a presença de grupos do continente africano e de matrizes cristãs, que adentraram em comunidades indígenas com densidade de ideologias ocidentais, impactou a mistura de práticas espirituais segundo nomenclaturas ocidentais, alterando a sincronia com o mundo espiritual. A tipologia “pajelança cabocla” foi constituída e passou a dizer respeito a um emaranhado de práticas mágicas baseadas no poder de pajés ou xaboris em conjuntura ao processo de colonização e incorporação de ações icônicas a rituais (Rodrigues *et al.*, 2014, p.3).

Dessa forma, a pajelança cabocla é influenciada por quatro vertentes: indígena, cristã, africana e espírita, utilizando essas perspectivas nos diferentes atos ou práticas que compõem os rituais (Fernandes *et al.*, 2014). A pajelança cabocla distingue-se da indígena, pois mesmo que tenha se originado nos sistemas de saberes dos indígenas, acabou incorporando outras crenças e práticas religiosas, como as africanas, espíritas e católicas.

Ao falar da pajelança maranhense no século XX, Ferretti (2008) aborda a origem ou influência indígena na pajelança de terreiro:

A afirmação da origem indígena da pajelança de terreiro se apoia principalmente: no conhecimento de uma etimologia tupi para a palavra pajé; no uso tradicional pelos curadores e pajés de terreiro, em seus rituais, de maracá (instrumento musical usado por pajés indígenas), cigarros para a produção de fumaça, usada nos atendimentos a clientes, e da técnica de extração de ‘porcarias’ (espinhos, insetos, etc) do corpo dos clientes, para tirar feitiço - muitas vezes chupando uma parte do corpo do cliente, também usada por pajés indígenas, conforme descrição de Metraux (1979) [...] levantamos a hipótese de uma matriz africana e outra indígena para as pajelanças de terreiros, sendo que a segunda parece ter um peso maior nos terreiros da área rural ou de fora da capital (Ferretti, 2008, p. 6-7).

Nesse sentido, elementos dos saberes e práticas indígenas acabaram por permanecer no contexto social analisado pela autora e ainda se fazem presentes na atualidade, através de práticas como a pajelança de terreiro e a pajelança cabocla. Nesse sentido, as estatuetas podem ampliar ainda mais essas temporalidades, em especial os artefatos ARM 060, ARM 062, ARM1 407 e CBL 0147 que são interpretados como associados às práticas xamânicas, evidenciando a trajetória de longa duração desses saberes que permearam os lagos da Baixada Maranhense e que permanecem vivos na cultura do estado.

3.2.3 Possibilidades interpretativas e reflexões para as estatuetas das estearias

A pesquisa sobre as estatuetas das estearias ainda é bastante incipiente no Maranhão e no Brasil, contando com poucos pesquisadores e pesquisadoras que desenvolveram estudos sobre esses artefatos (Leite Filho, 2016; Gomes, 2016; Costa *et al.*, 2016; Navarro, 2017; Navarro *et al.*, 2019; Navarro, 2022; Diniz, 2023; Otaviano, 2024). Neste trabalho destaca-se, principalmente, as contribuições de Gomes (2016), Navarro (2022), Diniz (2023) e Otaviano (2024) como possibilidades de criação de quadros interpretativos acerca das estatuetas. Além disso, salienta-se as contribuições de outros autores, alguns que possuem pesquisas voltadas para indústrias cerâmicas amazônicas, que podem fornecer *insights* importantes para pensar as estatuetas das estearias.

Navarro (2022) é o primeiro pesquisador a realizar um estudo sistemático sobre as estatuetas das estearias, propondo uma análise voltada não só para a predominância de figurações humanas e para a presença da vulva em algumas delas, mas também para as pernas que apresentam uma espécie de deformação intencional, possivelmente pelo uso de jarreteiras, muito comuns entre os grupos Karib.

A partir da comparação etnográfica, durante os rituais da menarca entre os Kalapalo, um grupo Karib, as meninas têm os tendões abaixo do joelho amarrados, provocando o aumento de volume da perna. Formam-se, então, bulbos em suas panturrilhas na fase da puberdade, provocando uma estética agradável para esse grupo indígena (Lima, 2011). Assim, as panturrilhas ficam mais vistosas, exatamente como pode ser observado em alguns exemplares de estatuetas estudadas neste artigo, a saber ARM1 377, ARM 552, ARM1 455, ARM1 098 e CAB 02 (Navarro, 2022, p. 11).

A partir dessa relação etnográfica, argumenta que as estatuetas seriam a figuração de seres individualizados, como as mulheres que possivelmente utilizaram adornos do tipo jarreteiras para deformar as panturrilhas em rituais ligados à puberdade. Além disso, Navarro (2022) evidencia a relação das estatuetas antropozoomorfas e híbridas, isto é, aquelas com traços humanos e não humanos, com os processos de metamorfose corporal, e das estatuetas-chocalho como objetos usados em rituais xamânicos de cura, tendo em vista a importância do uso dos tradicionais maracás entre os xamãs da América do Sul. Além disso, também tem trazido discussões acerca do conceito de mestre dos animais: “O xamã está em conexão com o Mestre dos Animais, ou seja, um ser espiritual que comanda todos os animais” (Navarro; Neto, 2023, p. 40) e sobre o conceito de artefato-corpo: “Aplicques que figuram corpos humanos ou seres humanos que emergem do vaso, uma metáfora da emersão do mundo aquático” (Navarro; Neto, 2023, p. 35).

Navarro (2022) também faz correlações entre as estatuetas das estearias com as estatuetas da cultura Marajoara, contemplando um fluxo de ideias, pessoas e objetos. Nota-se, portanto, que o pesquisador aproxima-se mais de chaves interpretativas etnográficas e ligadas à arqueologia do corpo, do que das que são ligadas à discursos atuais sobre gênero.

Diniz (2023), apesar de configurar o primeiro trabalho de conclusão de graduação sobre as estatuetas, realiza uma análise bastante incipiente com um *corpus documental* de 8 artefatos que possuem vulva. Realiza um trabalho mais voltado para a revisão bibliográfica acerca das estatuetas amazônicas e não apresenta, portanto, uma hipótese explicativa, mas chega a observar que as estatuetas poderiam significar seres personalizados, a partir de pequenas diferenças observadas nos padrões corporais. No entanto, a ausência de mais marcadores individualizados, como tatuagens, adornos específicos, grafismos e elementos detalhados no rosto enfraquecem essa hipótese. Bonnin e Laguens (1997), inclusive, levantam essa hipótese de “pessoas de barro” para interpretar as estatuetas antropomórfas da Villa Rumipal na província de Córdoba, na Argentina.

Gomes (2016) reconhece as estatuetas das estearias como pequenas figuras de formato naturalista que apresentam indicação da vulva, semelhante às estatuetas Marajoara e de Santarém. Ademais, reconhece os sinais de quebra de algumas peças como intencionais e parte essencial das práticas rituais dessas sociedades.

Otaviano (2024), em um trabalho mais recente sobre as estatuetas, adota uma abordagem mais afastada das ideias estereotipadas sobre o gênero e a consequente naturalidade da heterossexualidade como o padrão de análise para diferentes comunidades humanas, principalmente aquelas mais recuadas no tempo. Otaviano (2024) admite que no início da pesquisa a fabricação das vulvas era um elemento preponderante em suas análises, em uma tentativa de construir uma Arqueologia e História do protagonismo feminino.

No entanto, o obstáculo apresentou-se quando ocorria a atribuição do gênero ao órgão sexual, na tentativa de pensar um sujeito universal feminino (Otaviano, 2024). Portanto, a presença da vulva, identificada como marcante em todas as pesquisas sobre as estatuetas das estearias, não indicaria que os seres ali fabricados seriam mulheres. Além disso, a ausência do pênis também é atestada pela autora, que considera que as pessoas que habitavam as estearias poderiam ter vivido sob uma não binaridade de gênero.

Nesse sentido, considera a agência dos objetos como possibilidade de interpretação, pois as estatuetas poderiam significar mutabilidade de gênero para a pessoa que estivesse possuindo o artefato em determinado momento:

Relacionando o que vimos nos dados etnográficos, com as construções dos entendimentos de gênero, sugiro ainda que as estatuetas faziam parte de um repertório performativo de gênero, onde a vulva era o ponto central das relações e representações. A pessoa que possuísse uma estatueta com vulva performaria o não somente gênero atribuído a este material, mas também as características para performar o aquele ser indicava. A materialização da transformação estaria nas estatuetas e na utilização das mesmas (Otaviano, 2024, p. 240).

Para fazer essa inferência, utiliza dados etnográficos presentes no texto “O arco e o cesto” do livro “A sociedade contra o Estado” (1978) do etnógrafo e antropólogo francês Pierre Clastres que se debruçou sobre a cultura do grupo Guaiaquil no Paraguai. “Na sociedade Guaiaquil há uma oposição entre dois objetos/instrumentos: o arco e o cesto. É o objeto que vai caracterizar o sujeito e não a genitália [...] A regulamentação da vida do grupo se dá pela performance do gênero por meio da utilização dos objetos” (Otaviano, 2024, p. 104).

O trabalho de Otaviano (2024), bem como os trabalhos de Meskell (2009, 2017), de Barreto (2014, 2017) e de Oliveira (2020) influenciaram esta dissertação no sentido de deslocar um foco excessivo na fabricação das vulvas nas estatuetas, para a fabricação do corpo como um todo e da importância dessa entidade, estrutura física e matéria nos processos culturais e cosmológicos das sociedades das estearias.

Ao invés de pensar na vulva como aspecto central, é necessário pensar na fabricação do corpo como central, visto que modelar a argila para adquirir contornos semelhantes aos corpos humanos, animais e hibridizados não foi uma atividade arbitrária. Nesse sentido, não só o desejo de figurar corpos na cerâmica tem atraído a atenção, mas o fato desses corpos serem feitos de forma miniaturizada, o que poderia evidenciar a circulação dos artefatos (Navarro, 2021, 2022; Otaviano, 2024) entre as estearias e em processos de trocas culturais com outras indústrias cerâmicas, inclusive com o *circum*-caribe.

Além disso, o fato de serem artefatos pequenos poderia evidenciar um contexto de descarte e demarcação do território, de um local ancestral.

Para o contexto amazônico, os recentes estudos que correlacionam as estatuetas e formas de representação e concepção do corpo em geral, com estudos de ecologia histórica, como os de Escalante e Salas Medellin, demonstram sistemas ideológicos de analogia entre corpo e território nas sociedades indígenas da Venezuela e da Colômbia, respectivamente. Na Amazônia, a relação entre corpo e território parece se dar nas formas intencionais de descarte de artefatos antro e zoomorfos de forma a demarcar lugares (Barreto, 2014, 7).

Dessa maneira, Barreto (2014) considera elementos como: 1) A quebra proposital na região do pescoço e cabeça; 2) Os furos presentes em algumas estatuetas como indicadores de

onde as fraturas deveriam ser feitas e 3) Os locais em que os artefatos são encontradas como evidências da hipótese do descarte da cabeça e do corpo de forma proposital:

Este estudo confirma a hipótese da decapitação intencional partir de várias evidências: a) muitas das cabeças fragmentadas apresentam marcas de golpes para a sua fragmentação; b) a junção da cabeça com o corpo é justamente um dos pontos mais resistentes da parede da estatueta, uma vez que há sobreposição das paredes e os roletes são duplicados tornando a parede mais espessa, e não mais frágil, na altura do pescoço; c) as estatuetas maciças, mais resistentes, também são fragmentadas na altura do pescoço; d) a ausência de sinais de uso dentro e em volta dos orifícios laterais na altura do pescoço vai contra a ideia de que os furos teriam servido para algum tipo de amarração, ao contrário, sugere que eles poderiam ter sido feitos para direcionar a fratura da peça de forma mais precisa, na altura do pescoço; e) em todas as coleções de cerâmicas Marajoara não há casos de remontagem (cabeça e corpo) e também nos contextos arqueológicos em que foram encontradas, não há casos de estatuetas fragmentadas, mas completas, indicando que o corpo e a cabeça eram descartados separadamente, em locais distintos, reforçando a ideia de uma decapitação intencional [...] As etnologias ameríndias vêm cada vez mais enfatizando não só as qualidades agentivas dos objetos, mas também seus ciclos de vida, assim como práticas de enterramento, queima, descarte e fragmentação para terminar a agência dos objetos (Barcelos Neto, 2012) (Barreto, 2014, p. 62).

Nas estearias existe a materialidade de corpos de estatuetas sem a parte superior e de cabeças de estatueta sem a presença de um corpo, como é possível observar nas análises das peças. A noção das estatuetas como demarcação de locais ancestrais também surgiu através das reflexões a partir do trabalho de Arnold van Gennep na obra “Ritos de passagem”, considerada um clássico da etnologia moderna. Gennep (2011), no capítulo “A passagem material”, aborda os processos de transição através de limites geográficos, físicos e políticos, mas principalmente dos limites de ordem mágico-religiosas, em que indivíduos ou grupos são proibidos de passarem ou permanecerem em certos locais em razão de suas crenças.

Gennep (2011) argumenta que frequentemente os limites de ordem mágico-religiosas são delimitados por objetos, postes, estátuas ou também marcos naturais, como rochedos, árvores, rios, lagos sagrados, etc:

Frequentemente o limite é marcado por um objeto, poste, pórtico, uma pedra em pé (marco, termo, etc), que foi colocado nesse lugar com acompanhamentos de ritos de consagração. [...] Pela colocação ou fixação cerimoniais dos marcos ou dos limites (charrua, pele de animal cortada em correias, fosso, etc), um espaço determinado do solo é apropriado por determinado grupo, de tal maneira que, sendo estrangeiro, penetrar neste espaço reservado é cometer um sacrilégio, do mesmo modo que, sendo profano, penetrar em um bosque sagrado, em um templo, etc. Houve, às vezes, confusão entre esta santidade do território assim delimitado e a crença na santidade da terra inteira, enquanto Terra-Mãe (Gennep, 2011, p. 33-34)

Dessa forma, as estatuetas das estearias poderiam servir como verdadeiros marcos físicos territoriais, mas também como formas de protagonizar as mudanças de status social e místico vivenciadas pelos indivíduos no decorrer da existência, através dos ritos de passagem descritos pelo autor, como os ritos de separação (preliminares), de margem (liminares) e de agregação (pós-liminares): “Proponho, por conseguinte, denominar ritos preliminares os ritos de separação do mundo anterior, ritos liminares os ritos executados durante o estágio de margem e ritos pós-liminares os ritos de agregação ao novo mundo.” (Gennep, 2011, p. 37).

Dessa forma, as estatuetas evidenciariam que o território das estearias são espaços de fronteira simbólica, em que as próprias dinâmicas de circulação, permanência e acesso, principalmente às áreas centrais dos sítios arqueológicos, seriam reguladas por princípios cosmológicos. Além disso, a fragmentação cabeça-corpo, como apontado por Barreto (2014), poderia simbolizar transformações identitárias, mudanças de condições sociais ou espirituais e até mesmo a ruptura com diferentes estágios da existência. A hipótese das estatuetas ligadas a rituais xamanísticos; como marcadores de locais ancestrais e como objetos de perda e prevenção da humanidade, parecem flertar com as noções de metamorfose corporal e de transição entre mundos:

Qualquer pessoa que passe de um para outro acha-se assim, material e mágico-religiosamente, durante um tempo mais ou menos longo em uma situação especial, uma vez que flutua entre dois mundos. É esta situação que designo pelo nome margem, e um dos objetivos do presente livro consiste em demonstrar que esta margem, simultaneamente ideal e material, encontra-se mais ou menos pronunciada, em todas as cerimônias que acompanham a passagem de uma situação mágico-religiosa ou social para outra (Gennep, 2011, P. 35).

Ademais, como já abordado, é visível a materialidade do umbigo. Em razão de inúmeras sociedades em que essa parte do corpo suscita uma relação entre o corpo e o território, talvez esteja na hora de voltar os olhares para os umbigos das estatuetas como possibilidade de análise. A expressão popular “olhar para o próprio umbigo” nunca fez tanto sentido.

Em muitos grupos humanos, por razões étnicas e territoriais, como em comunidades rurais do Nordeste do Brasil, o umbigo é enterrado no local de nascimento da criança como forma de ligação com a mãe, com o grupo que lhe gerou e com o local de nascimento: “Os umbigos das crianças Capuxu são enterrados no sítio, parte de um processo de formação do corpo e da pessoa, garantia de que estará o sujeito vinculado à terra e à comunidade definitivamente. Uma espécie de enraizamento da identidade Capuxu que se permite simbolizar pelos enterros dos umbigos” (Sousa, 2014 p. 98-99).

Segundo Fidelis e Battestin (2024) o umbigo teria um papel importante na demarcação territorial e na reafirmação do espaço para o povo Kaingang pertencentes à família Jê e que ocupam terras indígenas localizadas nos estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul,

Enterrar o umbigo, para os mais velhos, significa demarcar aquele território, reafirmar o espaço territorial como sendo Kaingang, dizer que ali é onde vai morrer. A partir do enterro do umbigo nesse espaço, esse se torna parte daquele território onde passarão seus últimos dias de vida. Muitos velhos identificam esse momento como traçar os caminhos que levarão essa criança Kaingang a um bom viver no decorrer de sua vida. É comum o enterro do umbigo aos pés de uma árvore, podendo ser no pé de um cedro, ipê, pinheiro, até mesmo aos pés do cepo da casa, simbolizando ali a raiz de sua existência. Quando a criança já estiver grande, a mãe tem como obrigação cultural contar onde está enterrado o umbigo do filho para que ele se identifique com aquele lugar. O povo Kaingang tem como espiritualidade voltar ao seu lugar de nascimento, onde o seu umbigo está enterrado, e é na velhice que a maioria dos anciãos deseja voltar para o mesmo lugar para onde morrer e ser enterrado (Fidelis; Battestin, 2024, p. 285).

Ainda sobre a importância do umbigo para diferentes sociedades, Fernandes (2018) aborda um fragmento mítico dos Apurinãs sobre a saída de *Tsorá* da barriga da Cobra-grande, uma metáfora do nascimento humano, e uma das inúmeras variações do mito da cobra-canoa:

Após *Tsorá* ter sido engolido pelo tapiti transformado em Cobra na beira de um igarapé, seus irmãos partem no seu encalço. Após várias tentativas frustradas, finalmente conseguem encontrá-la em um poço ('remanso'). Jogam pedras embaixo e dos lados da Cobra, que tenta afundar de novo, mas não consegue. Os irmãos chamam todos os pássaros e todas as caças da mata para furá-la. Enquanto isso, *Tsorá* trabalhava lá dentro, fazendo flecha, espingarda, artesanato, pintura etc. Sem muito sucesso na empreitada (o couro da Cobra estava duro como uma pedra) os heróis vão pedir a ajuda da ariramba (paratxari). Os irmãos suspeitam que um pássaro tão pequeno como a ariramba fosse capaz de furar o couro da serpente. Depois de tomar uma dose de rapé a ariramba parte ao meio uma árvore de jauari (de madeira muito dura). Após essa prova de capacidade, os heróis a levam até a Cobra. A ariramba toma outra dose de rapé e com uma arpoada fura a barriga da Cobra. De tão forte a pancada, o bico (arpão) da ariramba acaba atingindo e furando também a barriga de *Tsorá*, fenômeno que marca a origem do umbigo nos humanos. Com a fenda aberta, os animais de caça terminam o trabalho, abrindo o buraco e tirando *Tsorá* de dentro. O sangue da Cobra é apanhado num timbu (Fernandes, 2018, p. 43).

Nesse mito, o umbigo também aparece como símbolo de conexão com a vida e com a origem dos seres humanos, bem como a cicatriz dessa conexão, visto que *Tsorá* é perfurado no mesmo momento que a cobra também recebe o corte. Nota-se como os mitos são necessários para a compreensão do mundo indígena e podem responder a vários questionamentos feitos, desvendando as diferentes práticas como o cantar, o benzer, o dançar, a fabricação de utensílios e tantas outras performances ritualísticas realizadas por essas

sociedades. Inclusive, *Tsorá* sai da barriga da cobra, ou seja, nasce portando os chamados “artefatos da civilização”, como a flecha, espingarda, pinturas, artesanato, etc (Fernandes, 2018).

Na Arqueologia, um trabalho que destaca a materialidade arqueológica do umbigo é o de Nakamura e Meskell (2009). Ao analisarem as estatuetas de Çatalhöyük, argumentam que, por vezes, os pesquisadores dão um foco excessivo à figuração de elementos como a vulva, os seios, as nádegas e a barriga, mas esquecem de observar outros elementos que podem fornecer subsídios para a formulação de hipóteses. Nesse sentido, o umbigo estaria “conectado a ideias de parto como uma preocupação cultural e a conexão entre gerações que pode se estender além da prole para produzir ancestrais, tanto em um sentido literal quanto simbólico” (Nakamura, Meskell, 2009, p. 217)³⁰.

Nas práticas da pajelança cabocla no Baixo Amazonas, o umbigo também aparece como local crucial para a restauração do equilíbrio por meio da limpeza das energias negativas do indivíduo doente: “Para a restauração do equilíbrio, a pajelança cabocla procede à limpeza das energias negativas oriundas do enfermo diretamente do umbigo do paciente, depositando os males retirados em latrinas, fossas, esgotamentos ou terrenos baldios” (Fernandes *et al.*, 2014, p. 5).

No Maranhão, na tradicional manifestação cultural do Tambor de Crioula, observa-se a prática da punga ou umbigada que trata-se de um movimento coreográfico de toque de ventre com ventre ou barriga com barriga, pelo qual a coureira convida outra para assumir o seu lugar no centro da roda, dando continuidade à dança. O umbigo é compreendido nessa manifestação como local de saudação e de convite para a circularidade do ato festivo. Vale ressaltar que o umbigo está localizado no centro físico e de gravidade do corpo humano, assim como é o centro de força e equilíbrio. Dessa forma, atentar-se para a materialidade dos umbigos pode ser uma possibilidade interpretativa instigante para pensar a fabricação de corpos nas sociedades das estearias e a relação desses povos com seus territórios.

Outra hipótese levantada por Barreto (2014) é a da perda e prevenção da humanidade, em que as estatuetas, assim como ocorre com as urnas funerárias marajoaras, poderiam ter sido feitas para fixar qualidades humanas e prevenir a perda da humanidade quando do momento da morte ou passagem para um outro plano:

Ao contrário, suspeitamos que tais representações, ao menos nas urnas funerárias, onde há uma clara intenção de se fabricar um novo corpo para o

³⁰Do original: it may be connected to ideas of birthing as a cultural concern and the connection between generations that may extend beyond offspring to producing ancestors, both in a literal and symbolic sense.

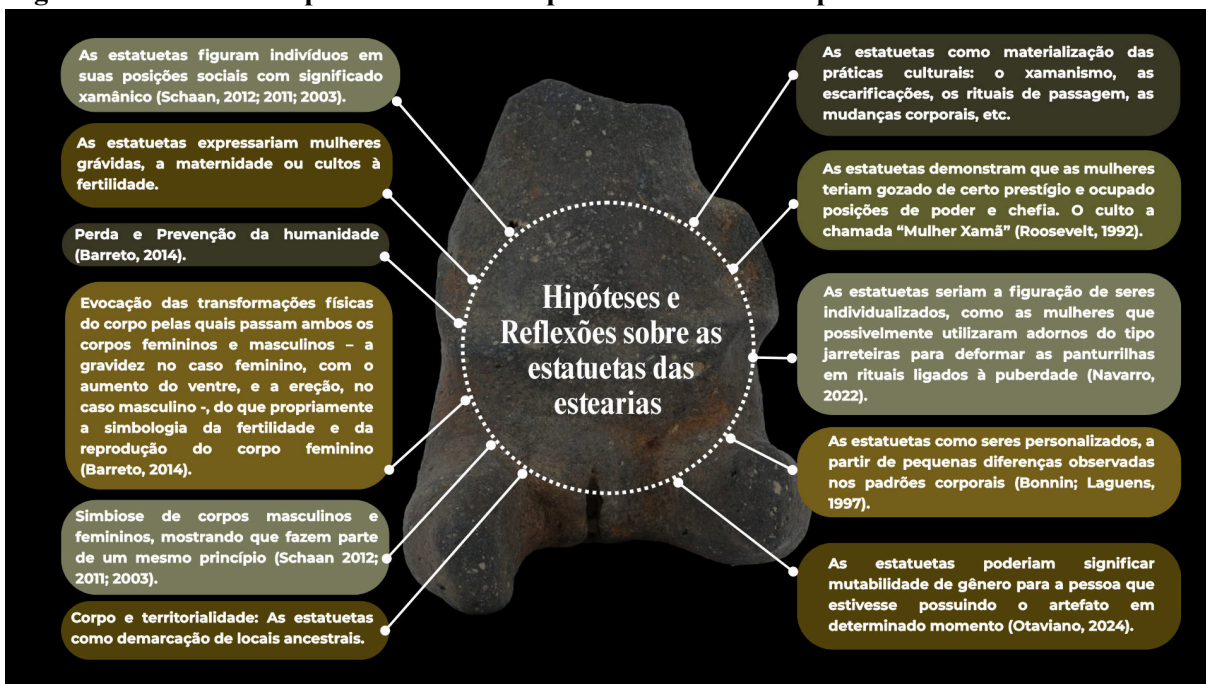
morto, sejam feitas com a intenção de fixar qualidades humanas e prevenir a perda de humanidade, através da confecção de corpos cerâmicos antropomorfos sólidos, visíveis e duradouros [...] A morte demarca a descontinuidade de uma forma humana pristina e, portanto, as almas dos humanos são concebidas como tendo um corpo animal póstumo, ou como entrando em um corpo animal. Já em sociedades com um xamanismo vertical, ou mais próximas das chefaturas teocráticas, os mortos humanos passam a ser vistos mais como humanos, do que como mortos, e há uma continuidade na forma humana entre a vida e a morte, ou mesmo, uma passagem para uma forma sobrehumana (Viveiros de Castro 2008) (Barreto, 2014, p. 85-86)

Essa noção é muito interessante e denota um apego ao corpo, pois se o corpo biológico/físico morre ou parte para um outro espaço, a depender das visões cosmológicas, o corpo cerâmico permanece como um espaço de memória e de registro daquilo que seria peculiar ao humano. Dessa forma, o corpo serviria como um comunicador visual. Contudo, o cuidado em aplicar essa hipótese para os povos das estearias, reside na ausência, até o presente momento, de contexto sociopolítico, de filiação étnica e de contexto funerário nas estearias, mesmo que pesquisas recentes já estejam delineando a presença de montículos artificiais de terra nesses sítios arqueológicos, que poderiam ter sido usados como casas, edifícios religiosos ou cemitérios (Navarro *et al.*, 2026).

Outra possibilidade interpretativa é a das estatuetas como evidência de uma sociedade matrilinear ou de um matriarcado, em que as mulheres teriam certo prestígio social ou chegariam até posições de poder e chefia. Essa possibilidade está assentada nos apontamentos da arqueóloga Anna Roosevelt. O principal empecilho dessa hipótese para o contexto das estearias, reside no fato de que ela é realizada sob a evidência material da vulva e na ausência do pênis no processo de fabricação corporal das estatuetas. No entanto, é preciso reiterar que as estatuetas sem genitália configuram-se como a maioria das estatuetas das estearias. Além disso, como apontam as críticas dos estudos de gênero e *queer*, essa hipótese ainda perpassa pela associação entre órgão sexual e gênero.

Ademais, é preciso destacar a materialidade de estatuetas zoomorfas na coleção LARQ/UFMA, o que pode demonstrar o papel exercido pelos animais dentro do contexto social dos povos das estearias. Compreensões acerca da alimentação, da proteção espiritual, de questões ligadas ao parentesco, à reciprocidade, à parceria e ao mutualismo podem surgir a partir de estudos voltados para o zoomorfismo nas estearias, principalmente tendo em vista as reflexões já levantadas no animismo e no perspectivismo ameríndio.

Figura 57: Resumo das possibilidades interpretativas e reflexões para as estatuetas das estearias



Fonte: Autoria própria (2026).

Portanto, como esta seção mostrou, explicar os significados das estatuetas ainda reside no campo das possibilidades e reflexões. É necessário que os estudos continuem e que novos pesquisadores e pesquisadoras tenham o desejo de compreendê-las e de considerar as leituras etnográficas coloniais e contemporâneas, o território, o corpo e a identidade no centro de suas análises.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente dissertação buscou analisar 36 artefatos do tipo estatuetas provenientes das estearias maranhenses, que são sítios arqueológicos localizados na Antiga Baixada Maranhense, datados do início da era cristã até aproximadamente o ano de 1200 d.C. O geógrafo maranhense Raimundo Lopes (1924) foi o primeiro pesquisador a denominar esses assentamentos como “estearias”, por constituírem-se como verdadeiras palafitas indígenas pré-coloniais, já que as habitações eram construídas sob esteios de madeira fincados no fundo dos rios e lagos da região.

Essas sociedades produziram uma complexa e variada cultura material, composta, em sua maioria, de vasilhames de cerâmica. Também produziram pequenas figuras tridimensionais em cerâmica, definidas como estatuetas, que figuram corpos antropomorfos (humanos), corpos zoomorfos (animais), corpos antropozoomorfos (hibridismo entre humano e animal) e de seres místicos, religiosos ou sobrenaturais. Esses artefatos, portanto, suscitaram a construção deste trabalho e foram analisados sob o viés da fabricação do corpo, objetivando compreender seus elementos materiais e as possíveis dinâmicas sociais de gênero e de fabricação do corpo entre as sociedades amazônicas, sendo compreendidos como parte de modo pan-amazônico da concepção de corpo, pessoa e humanidade nas sociedades dessa região.

A dissertação iniciou-se pela região da Baixada Maranhense, ao postular a riqueza em biodiversidade e a história de longa duração (Braudel, 1965) dessa espacialidade, que não restringe-se ao estabelecimento da antiga Capitania de Cumã ou Taiputapera no contexto da colonização portuguesa. Dessa forma, defende-se a aplicação do conceito de “Baixada Antiga” dentro de uma perspectiva decolonial da História, que busca valorizar a contribuição das sociedades indígenas na região, em especial os povos das estearias.

Posteriormente, a pesquisa situou as estatuetas na área de concentração do Programa de Pós-graduação em História (PPGHis/UFMA), História e Conexões Atlânticas: culturas e poderes, e na linha de pesquisa Linguagens, Religiosidades e Cultura, ao evidenciar os fluxos culturais entre os sítios arqueológicos da bacia hidrográfica do rio Turiaçu, com as indústrias cerâmicas de Santarém e Marajoara e com o *circum*-caribe.

Do ponto de vista da Antropologia e da Arqueologia, destacaram-se as contribuições do perspectivismo ameríndio, do animismo e dos estudos *queer* como possibilidades interpretativas sobre as estatuetas. Além disso, faz-se a defesa dos dois aportes conceituais utilizados: o de “fabricação do corpo”, de maneira central e ao longo de todo o texto, e o de

“representação do corpo”, de maneira auxiliar. Constata-se que o corpo nunca esteve tão em evidência quanto nos dias atuais, ocupando um lugar de destaque como objeto de estudo das ciências humanas e sociais. Nesse contexto, esta dissertação buscou inserir-se nesse campo de pesquisas, corroborando com a sua ampliação e com o fortalecimento teórico-interpretativo.

Quanto à análise e à tabulação dos dados, a terceira seção da dissertação contém os quadros e imagens das estatuetas analisadas e dos aspectos corporais identificados, a partir de uma metodologia quantitativa e qualitativa, por meio de fichas catalográficas digitais desenvolvidas em aplicativo próprio e específico para as estatuetas. A partir das análises foi possível atestar que a forma corporal naturalista é a maneira pela qual os povos das estearias fabricavam suas estatuetas.

Há uma preponderância de estatuetas sem a figuração da genitália, embora também esteja presente a fabricação da vulva de maneira explícita. O pênis não foi fabricado em nenhuma estatueta. A presença da vulva, todavia, não deve ser vista como um aspecto central e dominante nas análises, mas como um aspecto importante, assim como outras partes do corpo das estatuetas, tais como a cabeça, os detalhes da face, os adornos, o umbigo, a barriga, as nádegas, as pernas, etc. Sustenta-se que a necessidade de fabricar corpos na cerâmica, sejam eles humanos, animais ou hibridizados, deve direcionar as análises.

Além disso, essa seção também contém as principais hipóteses sobre essa tipologia arqueológica. Dessa forma, configura-se como uma maneira de revisitar essas múltiplas possibilidades de interpretações e reflexões presentes na literatura arqueológica e histórica acerca desses artefatos produzidos em algumas partes do mundo, buscando entender como elas se conectam com os artefatos aqui estudados.

As principais hipóteses giram em torno de noções em que as estatuetas aparecem ligadas à maternidade; aos cultos à fertilidade; como seres individualizados; como formas de registro e documentação de rituais importantes para as sociedades das estearias, tais como a prática do xamanismo, de rituais de cura e de rituais ligados à puberdade; como artefatos para performar um outro gênero; como indicativos de sistemas de matrilinearidade ou matriarcal; como indicativos de metamorfose corporal, mudanças de status social e de níveis de existência; como demarcação de locais ancestrais e sagrados e de acesso e permanência aos territórios; como perda e prevenção de características humanas, entre outras. Essas hipóteses têm sido desenvolvidas por pesquisadores de diversas áreas e dentro de campos de estudos diversos, alguns mais ligados à etnografia, à antropologia social e, mais recentemente, aos estudos feministas, de gênero e *queer*, o que pode evidenciar uma tendência de democratização dentro da História, da Antropologia e da Arqueologia.

Sendo assim, não se propõe uma hipótese definitiva e fechada sobre o significado das estatuetas, mas fornecem-se os meios para a ampliação das possibilidades interpretativas, tendo em vista o alto potencial figurativo desses artefatos ligados à questões como corpo, identidade, território, redes de circulação e gênero. As estatuetas podem ser pequenas em tamanho, mas são grandes reveladoras da complexidade dos povos das estearias.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ATHIAS, Renato Monteiro. Povos indígenas, processos identitários e etnicidade: notas sobre pesquisas em Antropologia Política. **Revista EntreRios do Programa de Pós-Graduação em Antropologia**, v. 1, n. 1, p. 91-107, 2018.

BARRETO, Cristiana. **O QUE A CERÂMICA MARAJOARA NOS ENSINA SOBRE FLUXO ESTILÍSTICO NA AMAZÔNIA?** In: Cerâmicas arqueológicas da Amazônia: rumo a uma nova síntese. / Cristiana Barreto, Helena Pinto Lima, Carla Jaimes Betancourt, organizadoras. Belém : IPHAN : Ministério da Cultura, 2016.

BARRETO, Cristiana. Figurine traditions from the Amazon. **The Oxford Handbook of Prehistoric Figurines**, p. 1-26, 2017.

BARRETO, C. N. G. B. **Corpo e identidade na Amazônia Antiga: Um estudo comparativo de estatuetas cerâmicas.**
https://www.academia.edu/37601984/CORPO_E_IDENTIDADE_NA_AMAZ%C3%94NIA_ANTIGA_UM_ESTUDO_COMPARATIVO_DE_ESTATUETAS_CER%C3%82MICAS_Relat%C3%B3rio_final_de_projeto_de_pesquisa_de_p%C3%B3s_doutorado_Outubro_2014_Museu_de_Arqueologia_e_Etnologia_UNIVERSIDADE_DE_S%C3%83O_PAULO, 2014.

BARRETO, Cristiana. Modos de figurar o corpo na Amazônia pré-colonial. **Antes de Orellana: Actas del 3er Encuentro Internacional de Arqueología Amazónica**, v. 1, p. 123-132, 2014a.

BARROS, José D'Assunção. **História Comparada - um novo modo de fazer a história.** Revista de História Comparada, v. 1, n 1, jun./2007, p. 1-22. Disponível em: <<https://revistas.ufrrj.br/index.php/RevistaHistóriaComparada/article/view/144>>.

_____. **Histórias interconectadas, histórias cruzadas, abordagens transnacionais e outras histórias.** Secuencia (103), enero-abril, 2019.

BONNIN, M. y A. Laguens. (1997). Personas de Barro. Homenajes. Fundación Facultad de Filosofía y Humanidades, U.N.C., Museo de Antropología, Córdoba.

BOTELHO, Joan Gabriel. **Conhecendo e debatendo a história do Maranhão** / Joan Gabriel. - 4. ed. - São Luís-MA: Viegas, 2024.

BRAUDEL, Fernand. História e ciências sociais: a longa duração. **Revista de História**, v. 30, n. 62, p. 261-294, 1965

BUDJA, M. (2016). Ceramics among Eurasian hunter-gatherers: 32 000 years of ceramic technology use and the perception of containment. **Documenta Praehistorica**, 43, 61.
<https://doi.org/10.4312/DP.43.2>

BUTLER, Judith. **Desfazendo gênero** / Judith Butler; traduzido por Alécia Bretas, Ana Luiza Gussen, Beatriz Zampieri, Gabriel Lisboa Ponciano, Luís Felipe Teixeira, Nathan Teixeira, Petra Bastone e Victor Galdino. Coordenação da tradução por Carla Rodrigues - São Paulo: Editora Unesp, 2022.

BUTLER, Judith. **Corpos que importam: os limites discursivos do “sexo”**. n-1 edições, 2020.

CADERNO DA REGIÃO HIDROGRÁFICA. Atlântico Nordeste Ocidental. Ministério do Meio Ambiente. Secretaria de Recursos Hídricos. Brasília: MMA, 2006.

CAMACHO, Roberto Pineda. EL LABERINTO DE LA IDENTIDAD símbolos de transformación y poder en la orfebrería prehispánica de Colombia. **ORO DE COLOMBIA**, p. 17, 2006.

CAMÕES, Luís Vaz de. **Os Lusíadas**. Porto Alegre: L & PM: 2011.

CARDOSO, Alírio. GUERRA HÍBRIDA NO ATLÂNTICO EQUINOCIAL. ÍNDIOS, PORTUGUESES E ESPANHÓIS NA CONQUISTA DO MARANHÃO E GRÃO-PARÁ (1614-1616). **História revista**, v. 18, n. 2, 2013.

CERTEAU, Michel de, 1925-1986. **A escrita da história**. / Michel de Certeau; tradução de Maria de Lourdes Menezes; revisão técnica Arno Vogel.- 3. ed.- Rio de Janeiro: Forense, 2011.

CHAGAS, Carlos Cesar; SILVA, Polyana Sá Menezes da; FARIAS FILHO, Marcelino Silva. **Atividades humanas e impactos ambientais aos recursos hídricos na Baixada Maranhense: uma análise da realidade do povoado Cravo, bacia hidrográfica do Rio Turiaçu no município de Santa Helena - MA**. São Luís, EDUFMA, 2013.

Cidades históricas; inventário e pesquisa : São Luís - Rio de Janeiro: IPHAN, 2006.

COELHO, Elisabeth Maria Beserra. **Territórios em confronto: a dinâmica da disputa pela terra entre Índios e brancos no Maranhão** / Elisabeth Maria Beserra Coelho. - São Paulo : Hucitec, 2002.

CONDAMINE, Charles-Marie de la. **Viagem pelo Amazonas 1735-1745**. Tradução de Maria Helena Franco Martins. Rio de Janeiro/São Paulo: Nova Fronteira/EDUSP, 1992.

CORBIN, Alain, Jean-Jacques COURTINE, and Georges VIGARELLO. **“História do corpo”**. *Petrópolis: Editora Vozes* (2012).

D'ABBEVILLE, C (2008 [1614]). **História da Missão dos padres capuchinhos na ilha do Maranhão**. Conselho Editorial do Senado Federal, 2008.

DA SILVA, Sergio Francisco Serafim Monteiro; DE CASTRO, Viviane Maria Cavalcanti. **CORPO, SEXO E GÊNERO NA ARQUEOLOGIA: REVISITANDO ALGUNS ASPECTOS MULTIDISCIPLINARES**. *Goiânia*, 16, n.1, p. 140-161, jan./jun. 2018. DOI 10.18224/hab.v15i1.5903.

D'ÉVREUX, Y. (2007 [1864]). **Continuação da História das coisas mais memoráveis acontecidas no Maranhão nos anos 1613 e 1614**. Senado Federal, 2007.

DEL PRIORE, Mary Lucy Murray. A história do corpo e a Nova História: uma autópsia. **Revista Usp**, n. 23, p. 48-55, 1994.

DINIZ, Rayana Cristina Araujo. **O Forjar dos Ídolos de Barro: Uma análise das Estatuetas antropomorfas e antropozoomorfas femininas das Estearias Maranhenses.** Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2023. 96 p.

FARIAS FILHO, Marcelino S. Histórico de ocupação e evolução dos aspectos humanos da microrregião da Baixada Maranhense. **A civilização lacustre e a Baixada Maranhense: da Pré-História dos campos inundáveis aos dias atuais.** São Luís: Café e Lápis: Edufma, p. 69-87, 2019.

_____, Marcelino Silva (org.) - **O Espaço Geográfico da Baixada Maranhense** - São Luís, MA: EDUFMA, 2013. 236 p. 2 Edição - Revista e Ampliada.

FERRETTI, Mundicarmo. Cura e pajelança em terreiros do Maranhão (Brasil). 2008

FERNANDES, Mario Rique. **O umbigo do mundo: A mitopoética dos índios Apurinã e o espírito ancestral da floresta** / Mario Rique Fernandes. 2018

FIDELIS, Adroaldo Antonio; BATTESTIN, Cláudia. Saberes kaingang enquanto resistência e fortalecimento da cultura indígena. **Campos-Revista de Antropologia**, v. 25, n. 1, 2024.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**; tradução de Raquel Ramallete. 42.ed. Petrópolis, Rj: Vozes, 2014.

FUNARI, Pedro Paulo. As estearias no quadro da Arqueologia Brasileira. **A civilização lacustre e a Baixada Maranhense: da Pré-História dos campos inundáveis aos dias atuais.** São Luís: Café e Lápis: Edufma, p. 69-87, 2019.

GÉLIS, Jacques. O corpo, a Igreja e o Sagrado. In: **“História do corpo”**. Petrópolis: Editora Vozes (2012).

GELL, Alfred. **Arte e agência**. São Paulo: Ubu, 2018.

GENNEP, Arnold van. **Os ritos de passagem**: estudo sistemático dos ritos da porta e da soleira, da hospitalidade, da adoção, gravidez e parto, nascimento, infância, puberdade, iniciação, coroação, noivado, casamento, funerais, estações, etc.; tradução de Mariano Ferreira, apresentação de Roberto da Matta. 3. ed. Petrópolis, Vozes, 2011.

GIMBUTAS, Maria. Vulvas, breasts and buttocks of the Goddess Creatress: commentary on the origins of art. In: BUCCELLATI, G.; SPERONI, C. (ed.). **The shape of the past. Studies in honour of Franklin D. Murphy**: 19-40. Los Angeles (CA): UCLA Institute of Archaeology, 1981.

GOMES, Denise Maria Cavalcante. **O lugar dos grafismos e das representações na arte pré-colonial amazônica**. Mana, v. 22, p. 671-703, 2016.

GOMES, Denise Maria Cavalcante. **Cerâmica Arqueológica da Amazônia: Vasilhas da Coleção Tapajônica MAE-USP** / Denise Maria Cavalcante Gomes.– São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp: Imprensa Oficial do Estado. (Acervo, 3), 2002.

GOUVEIA NETO, João Costa. O espaço das estearias aspectos históricos da Baixada Maranhense. In: **A Civilização lacustre e a Baixada Maranhense: da Pré-História dos campos inundáveis aos dias atuais.** / Organizador: Alexandre Guida Navarro. - São Luís: Café & Lápis; EDUFMA, 2019.

GREINER, Christine. **O corpo: pistas para estudos indisciplinados.** — São Paulo: Annablume, 2005.

GUARINELLO, Norberto Luiz. **História Antiga** / Norberto Luiz Guarinello. - São Paulo: Contexto, 2013.

IPHAN. **Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.**Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/>. Acesso: 20 de novembro de 2025.

JÁCOME, Camila Pereira. **Pelo rio Mapuera: reflexões sobre arqueologia e etnologia indígena na Amazônia e Guiana.** 2011.

JULIO, Suelen Siqueira. **Damiana da Cunha: uma índia entre a “sombra da cruz” e os caiapós do sertão** (Goiás, c. 1780-1831).

LACROIX, Maria de Lourdes Lauande. A criação de um mito. **Outros tempos: pesquisa em foco-História**, v. 2, n. 2, 2005.

LE BRETON, David, 1953 - **A Sociologia do Corpo** / David Le Breton; Tradução de Sonia Fuhrmann. 6. ed. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

LEGG, Stephen. **Para Além Da Província Europeia: Foucault E O Pós-Colonialismo. Espaço e Cultura**, p. 259-290, 2013.

LEGNAIOLI, Stella. Sambaqui: entenda o que é o depósito de conchas. **eCycle**. [S. l.], c2010-2021. Disponível em: [https:// www.ecycle.com.br/sambaqui/](https://www.ecycle.com.br/sambaqui/). Acesso em: 20 de maio de 2026.

LEMONNIER, Pierre. **Elements for an anthropology of technology.** Ann Arbor, Mich.: Museum of Anthropology, University of Michigan. 1992.

LEROI-GOURHAN, André. **O gesto e a palavra: memória e ritmos.** Edições 70. 2002.

LÉRY, Jean. Viagem à terra do Brasil. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1961.

LÉVI-STRAUSS C. 1988. The Jealous Potter. University of Chicago Press. Chicago.

LÉVI-STRAUSS C. **A oleira ciumenta.** São Paulo: Brasiliense, 1985.

LIMA, Silvia Cunha. Conceitos e categorias classificatórias **In: Cerâmicas arqueológicas da Amazônia: rumo a uma nova síntese.** / Cristiana Barreto, Helena Pinto Lima, Carla Jaimes Betancourt, organizadoras. Belém : IPHAN : Ministério da Cultura, 2016.

LISBOA, Gilberlene Serra et al. **ANÁLISE TEMPORAL DA FRAGMENTAÇÃO FLORESTAL NA BACIA HIDROGRÁFICA DO RIO TURIAÇU, AMAZÔNIA MARANHENSE**, 2024

LOPES, Raimundo. **A civilização lacustre do Brasil**. *Boletim do Museu Nacional*, v. 1, n. 2, p. 87-109, 1924.

LOURO, Guacira Lopes. Os Estudos Queer e a Educação no Brasil: articulações, tensões, resistências. **Contemporânea-Revista de Sociologia da UFSCar**, v. 2, n. 2, p. 363-363, 2012.

MACHADO, Ana L.; CORRÊA, Conceição G.; LOPES, D. Os sambaquis da Ilha de São Luís, Maranhão. **I Simpósio de Pré-História do Nordeste Brasileiro, Recife, Pernambuco. Anais**, 1991.

MARTINS, Manoel de Jesus Barros. **VIDAS EM NÓS: histórias conectadas com o porto da Raposa, em São João Batista/MA** / Manoel de Jesus Barros Martins. - 2024. 403 f.

MAUSS, MARCEL. **Técnicas corporais**. Artigo originalmente publicado no *Journal de Psychologie*, XXXII, ne, 3-4, 15 de março a 15 de abril 1936. Comunicação apresentada à Sociedade de Psicologia em 17 de maio de 1934.

MIGNOLO, Walter D.; VEIGA, Isabella Brussolo. Desobediência epistêmica, pensamento independente e liberdade decolonial. **Revista x**, v. 16, n. 1, p. 24-53, 2021.

MIRANDA, Brena Caroline Barros de Souza. HOMENS E MULHERES DE BARRO: FIGURAÇÕES ANTROPOMORFAS DE GÊNERO NA AMAZÔNIA PRÉ-COLONIAL. In: **Revista Eletrônica EXAMÂPAKU** | ISSN 1983-9065 | V. 07 – N. 02 | Maio. Agosto/2014 | <http://revista.ufrb.br/index.php/examapaku>, 2014.

MESKELL, Lynn; INSOLL, T. **The archaeology of figurines and the human body in prehistory**. *The Oxford handbook of prehistoric figurines*, p. 16-36, 2017.

MESKELL, Lynn et al. Figured lifeworlds and depositional practices at Çatalhöyük. **Cambridge Archaeological Journal**, v. 18, n. 2, p. 139-161, 2008.

MONTEIRO, John M. Armas. armadilhas: história e resistência dos índios. **A outra margem do Ocidente. São Paulo: Cia das Letras**, p. 237-249, 1999.

NASCIMENTO, Letícia Carolina Pereira do. **Transfeminismo** / Letícia Carolina Pereira do Nascimento. - São Paulo: Jandaíra, 2021.

NAVARRO, Alexandre Guida et al. Montículos artificiais de terra: uma nova descoberta nas estearias da Amazônia Oriental, Maranhão, Brasil. **Revista de Arqueologia**, v. 39, n. 2, p. 195-204, 2026.

NAVARRO, Alexandre Guida. **Civilizações pré-colombianas** / Alexandre Guida Navarro.- São Paulo:Contexto, 2024.

NAVARRO, Alexandre Guida; NETO, João Costa Gouveia. Águas ancestrais. **Tessituras: Revista de Antropologia e Arqueologia**, v. 11, n. 2, p. 30-52, 2023.

_____, Alexandre Guida. **Modos de fabricar o corpo nas estearias: estudo arqueológico das estatuetas dos povos palafíticos do Maranhão**. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas, Belém, v. 17, n. 1, 2022.

_____, Alexandre Guida. O Laboratório de Arqueologia (LARQ-UFMA): uma década de pesquisa arqueológica no Maranhão. **Tessituras: Revista de Antropologia e Arqueologia**, v. 10, n. 1, p. 292-323, 2022.

_____, Alexandre Guida. Navegando pelo Turiaçu: a reprodução cosmológica do rio Amazonas eo mito da cobra-canoa e sua relação com as estearias do Maranhão. **História (São Paulo)**, v. 40, p. e2021059, 2021.

_____, Alexandre Guida (org.) **A civilização lacustre e a Baixada Maranhense: da Pré-História dos campos inundáveis aos dias atuais**. / Organizador: Alexandre Guida Navarro. - São Luís : Café & Lápis; EDUFMA, 2019.

_____, Alexandre Guida. **Civilização lacustre do Maranhão: arqueologia e história da Baixada Maranhense** / Alexandre Guida Navarro. - São Luís: EDUFMA, 2019a.

NINA, Priscila. Um olhar através do espelho: cultura material e feminilidade. **Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material**, v. 34, p. e17, 2026.

OLIVEIRA, E. (2020). **Corpo de barro, corpo de gente: metáforas na iconografia das urnas funerárias policromas**. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**. Ciências Humanas, 15(3), e20190108. doi: 10.1590/2178-2547-BGOELDI-2019-0108

OTAVIANO, Mariana Zanchetta. **Narrativas Desobedientes na Arqueologia: uma proposta de interpretação para as estatuetas das estearias do Maranhão**. 2024. Tese (Doutorado em Arqueologia) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2024.

PERRONE-MOISÉS, Beatriz. **Lírios florescem no reino do sol**. Revista de História da Biblioteca Nacional, v. 5, n. 49, p. 24-27, 2009Tradução . . Disponível em: <http://www.revistadehistoria.com.br/v2/home/?go=detalhe&id=2653>. Acesso em: 07 dez. 2025.

PROUS, André; NAVARRO, Alexandre Guida. **Os muiraquitãs das estearias do Lago Cajari depositados no Museu Nacional (RJ): estudo tecnológico, simbólico e de circulação de bens de prestígio**. Revista de Arqueologia, [S. l.], v. 33, n. 2, p. 66–91, 2020. DOI: 10.24885/sab.v33i2.742.

RAHMEIER, Clarissa Sanfelice. **Sociedade, corpo e cultura: A materialidade e a formação identitária na perspectiva da arqueologia fenomenológica**. DOI10. 5216/o.v7i8. 9328. OPSIS, v. 7, n. 8, p. 33-42, 2007.

Reichel-Dolmatoff, G. (1988). **Orfebrería y chamanismo: Un estudio iconográfico del Museo del Oro**. Editorial Colina.

RODRIGUES, Renan Albuquerque et al. Pajelanças indígena e cabocla no Baixo Amazonas/AM e suas implicações a partir de questão histórica. **Ponto Urbe. Revista do núcleo de antropologia urbana da USP**, n. 15, 2014.

ROHDEN, Fabíola. Ginecologia, Gênero e Sexualidade na Ciência do Século XIX. In: **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 8, n. 17, p. 101-125, junho de 2002.

ROOSEVELT, Anna Curtenius. **Civilizações antigas da Amazônia: Ancient civilizations of the Amazon** / Anna Curtenius Roosevelt, Alexandre Guida Navarro.- São Luís : EDUFMA, 2021.

ROOSEVELT, Anna Curtenius. Arqueologia amazônica. In: Carneiro da Cunha M, editor. **História dos Índios no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras; 1992, p. 53-86.

RUTHERFORD, Adam. **O livro dos humanos: a história de como nos tornamos quem somos** / Adam Rutherford; tradução Catharina Pinheiro.- 1ª ed.- Rio de Janeiro: Record, 2020.

SANTOS, João Júlio Gomes dos; SOCHACZEWSKI, Monique. **História global: um empreendimento intelectual em curso**. Tempo, v. 23, n. 3, p. 483-502, 2017.

SCHAAN, D.P. Estatuetas Antropomorfas Marajoara: O Simbolismo de Identidades de Gênero em uma Sociedade Complexa Amazônica. In. **Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi**, sér. Antropol., 17(2), 2001.

_____, Denise P. Una comparación entre iconografía de género y complejidad social en tres sociedades amazónicas precolombinas. In: (Org.). **Somos de piedra. Somos de barro. Arqueología del Cuerpo en América Latina**. 1ed.Madri: Académica Española, v., p.139-156, 2012.

SILVA, Marcelo Cândido da. **Uma história global antes da globalização? Circulação e espaços conectados na Idade Média**. Revista de História (São Paulo), p. a06119, 2020.

SKIBO M. J., SCHIFFER B. M.1995. The Clay Cooking Pot: An Exploration of Women's Technology. In J. M. Skibo, W. H. Walker and A. E. Nielsen (eds.), **Expanding Archaeology**. University of Utah Press. Salt Lake City: 80–91

SOFFER, Olga. **O sexo invisível**/ J. M. Adovasio, Olga Soffer e Jake Page; tradução Hermano de Freitas. - Rio de Janeiro: Record, 2009.

SOUSA, Emilene Leite de et al. **Umbigos enterrados: corpo, pessoa e identidade Capuxu através da infância**. 2014.

SUBRAHMANYAM, Sanjay. **Historias conectadas: notas para una reconfiguración de Eurasia en la modernidad temprana**. Prohistoria: historia, políticas de la historia, n. 33, p. 5-35, 2020.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio. **Mana**, v. 2, p. 115-144, 1996.

TAYLOR, A. C., & VIVEIROS DE CASTRO, E. (2019). **Um corpo feito de olhares (Amazônia)**. Revista de Antropologia, 60(3), 769-818. doi: <https://doi.org/10.11606/2179-0892.ra.2019.165236>

WHITE, R. **As Mulheres de Brassempouy: Um Século de Pesquisa e Interpretação**. Teoria do Método J Archaeol 13 , 250–303. <https://doi.org/10.1007/s10816-006-9023-z>, 2006.

APÊNDICE A - Ficha de análise gerada pelo aplicativo em formato PDF (Frente)

Sítio Arqueológico: Identificação: Classificação: Localização prateleira: Grupo:			
Fotos: ☐ Artéfacto ☐ Antropomorfo ☐ Zoomorfo ☐ Antropozoomorfo ☐ Cabeça de estatueta ☐ Corpo de estatueta ☐ Não identificado ☐ Condição ☐ Inteiro ☐ Fragmentado ☐ Reconstituído ☐ Forma Geral do Corpo ☐ Naturalista ☐ Estilizada ☐ Cilíndrica ☐ Globular ☐ Trapezoidal ☐ Fálica ☐ Não identificado ☐ Membros Superiores ☐ Cabeça ☐ Olhos ☐ Nariz ☐ Orelhas ☐ Boca ☐ Pescoço ☐ Ombros ☐ Tórax ☐ Seios ☐ Braços ☐ Mãos ☐ Dedos ☐ Umbigo	Membros Inferiores ☐ Nádegas ☐ Anus ☐ Pernas ☐ Pés ☐ Dedos ☐ Fabricação de Genitália ☐ Pênis ☐ Vulva ☐ Queima ☐ Oxidante ☐ Redutora ☐ Núcleo Redutor ☐ Oxidação interna/externa ☐ Redução interna/externa ☐ Não identificada ☐ Antiplástico ☐ Mineral ☐ Quartzo ☐ Mica ☐ Óxido de ferro ☐ Carvão ☐ Caco moído ☐ Carapê ☐ Concha ☐ Cauixi ☐ Técnica de fabricação ☐ Acordelado ou roletado ☐ Modelado ☐ Placas ☐ Moldado ☐ Pint-Finger	Marcas de fabricação ☐ Impressão ☐ Marca de queima ☐ Marcas de Uso ☐ Crosta carbônica ☐ Fuligem ☐ Resina ☐ Ranhuras ☐ Gêmulas ☐ Não possui ☐ Outra ☐ Tratamento de Sup. (I.T.) ☐ Alisado ☐ Polimento ☐ Brundura ☐ Resina ☐ Escovado ☐ Engobo ☐ Barbotina ☐ Não possui ☐ Tratamento de Sup. (E.T.) ☐ Alisado ☐ Polimento ☐ Brundura ☐ Resina ☐ Escovado ☐ Engobo ☐ Barbotina ☐ Não possui ☐ Decoração ☐ Externa ☐ Interna ☐ Ambos	Tipo de decoração ☐ Pintura ☐ Plástica ☐ Cor da pintura (F.I) ☐ Branco ☐ Preto ☐ Creme/Bege ☐ Vermelho ☐ Outra ☐ Não identificado ☐ Cor da pintura (FE) ☐ Branco ☐ Preto ☐ Creme/Bege ☐ Vermelho ☐ Outra ☐ Não identificado ☐ Decoração plástica ☐ Incisão ☐ Excisão ☐ Aplique de olhos ☐ Aplique mamiforme ☐ Ponteados ☐ Digitado ☐ Orifício vazado ☐ Orifício não vazado ☐ Alça ☐ Aplique

APÊNDICE B - Ficha de análise gerada pelo aplicativo em formato PDF (Verso)

Sítio Arqueológico:
Identificação:
Classificação:
Localização prateleira:
Grupo:

Outros atributos formais

☐ Lóbulos alargados

☐ Tangas

☐ Vestimentas

☐ Adornos

☐ Diademas

☐ Penteados

☐ Máscara

☐ Emblemas

☐ Orifícios

Posição corporal

☐ Em pé (Frontal)

☐ Em pé (Perfil)

☐ Sentado (Frontal)

☐ Sentado (Perfil)

☐ Acorçado

☐ Perspectiva dual

☐ Braços afastados do corpo

☐ Braços colados ao corpo

Usos

☐ Chocalho

☐ Recipiente

☐ Cachimbo

☐ Instrumento musical

☐ Arma

☐ Brinquedo

☐ Outra

☐ Não identificada

Observações:

ANEXO A - Ficha de Análise de Material Cerâmico utilizada no LARQ/UFMA (Frente).

FICHA DE ANÁLISE DE MATERIAL CERÂMICO																			
Sítio Arqueológico: _____ Número da peça: _____ Classificação: _____ Localização Prateleira: _____																			
Nível: _____ Quadricula: _____ Grupo: _____																			
Preenchido por: _____																			
1-ARTEFATO 1.1-Tipo ☐ 1. Vasilha ☐ 2. Estatueta ☐ 3. Fuso ☐ 4. Adorno ☐ 5. Peso de Rede ☐ 6. Cachimbo ☐ 7. Disco ☐ 00. Outro 1.2 - Condição ☐ 1. Inteiro ☐ 2. Fragmentado ☐ 3. Reconstituído 1.3 - Porções ☐ 1. Borda ☐ 2. Parede ☐ 3. Base ☐ 4. Alça ☐ 5. Asa ☐ 6. Aplique ☐ 7. Flange labial ☐ 8. Flange mesial ☐ 9. Flange basal ☐ 10. Gargalo ☐ 00. Outras 2 - MORFOLOGIA 2.1 - Contorno ☐ 1. Simples ☐ 2. Inletido ☐ 3. Composto ☐ 4. Complexo ☐ 5. Carenado interno ☐ 6. Carenado externo ☐ 00. Não identificado	2.2 - Forma ☐ 1. Esférica ☐ 2. Meia esfera ☐ 3. Meia calota ☐ 4. Cônica ☐ 5. Ovóide ☐ 6. Cilíndrica ☐ 7. Plana ☐ 8. Truncônica (pedestal) ☐ 9. Hiperboloide ☐ 99. Não identificado ☐ 00. Outras 3 - BORDA 3.1 - Forma ☐ 1. Direta ☐ 2. Introvertida ☐ 3. Extrovertida ☐ 4. Cambada ☐ 5. Extrovertida tipo flange ☐ 6. Ponta angular ☐ 00. Não identificada	3.2 - Lábio ☐ 1. Plano ☐ 2. Arredondado ☐ 3. Apontado / afilado ☐ 4. Biselado ☐ 5. Serrilhado ☐ 6. Acanalado ☐ 00. Não identificado 4 - BASE / FUNDO ☐ 1. Biplana ☐ 2. Plana-côncava ☐ 3. Plana-convexa ☐ 4. Convexa-plana ☐ 5. Convexa-côncava ☐ 6. Bi-convexa ☐ 7. Côncava-convexa ☐ 8. Côncava-plana ☐ 9. Bi-côncava ☐ 10. Ancilar ☐ 11. Pedestal ☐ 12. Tripode ☐ 00. Não identificada	5 - MEDIDAS <table style="width: 100%; border-collapse: collapse;"> <tr> <td style="width: 50%; border-bottom: 1px solid black;">5.1-Comprimento:</td> <td style="width: 50%; border-bottom: 1px solid black;">Cód.</td> </tr> <tr> <td style="border-bottom: 1px solid black;">5.2-Largura:</td> <td style="border-bottom: 1px solid black;">Cm</td> </tr> <tr> <td style="border-bottom: 1px solid black;">5.3-Altura:</td> <td style="border-bottom: 1px solid black;"></td> </tr> <tr> <td style="border-bottom: 1px solid black;">5.4-Profundidade:</td> <td style="border-bottom: 1px solid black;"></td> </tr> <tr> <td style="border-bottom: 1px solid black;">5.5-Espessura</td> <td style="border-bottom: 1px solid black;"></td> </tr> <tr> <td style="border-bottom: 1px solid black;">5.6-Diâmetro da Borda:</td> <td style="border-bottom: 1px solid black;">(%)</td> </tr> <tr> <td style="border-bottom: 1px solid black;">5.7-Percentagem:</td> <td style="border-bottom: 1px solid black;">(g)</td> </tr> <tr> <td style="border-bottom: 1px solid black;">5.8-Peso:</td> <td style="border-bottom: 1px solid black;"></td> </tr> </table> IMAGEM 	5.1-Comprimento:	Cód.	5.2-Largura:	Cm	5.3-Altura:		5.4-Profundidade:		5.5-Espessura		5.6-Diâmetro da Borda:	(%)	5.7-Percentagem:	(g)	5.8-Peso:	
5.1-Comprimento:	Cód.																		
5.2-Largura:	Cm																		
5.3-Altura:																			
5.4-Profundidade:																			
5.5-Espessura																			
5.6-Diâmetro da Borda:	(%)																		
5.7-Percentagem:	(g)																		
5.8-Peso:																			

ANEXO B - Ficha de Análise de Material Cerâmico utilizada no LARQ/UFMA (Verso).

[illegible]